

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

**MUSUKO – *Os filhos da miscigenação***

Flávia Tiemi Sato  
Marina Mitie Vaz Watanabe

**Bauru - SP  
2010**

FLÁVIA TIEMI SATO  
MARINA MITIE VAZ WATANABE

**MUSUKO – *Os filhos da miscigenação***

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pelas discentes Flávia Tiemi Sato e Marina Mitie Vaz Watanabe, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pelas discentes Flávia Tiemi Sato e Marina Mitie Vaz Watanabe, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho.

**Banca Examinadora**

Membros:

Prof. Ângelo Sottovia Aranha  
Prof. Milton Koji Nakata

Presidência e Orientação:  
Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos avós, responsáveis por nos doar, cada um, um pedaço de si para compormos a nossa própria identidade: Shiro Watanabe (*in memoriam*), Thomazia Miwa Watanabe, Rosa Maria Vaz, Joaquim Vaz Filho; Masayuki Sato, Satsuki Sato, Severiano Afonso Pereira (*in memoriam*) e Maria Angelina Pereira da Silva (*in memoriam*).

Aos nossos pais, por todos os anos de doação, amor, compreensão, paciência e por acreditar e nos apoiar em nossas empreitadas: Ana Francisca Vaz e Flávio Yukio Watanabe; Masatoshi Sato e Vanda Pereira da Silva Sato.

Aos irmãos Fernando Takeshi Sato e Fábio Toshiyuki Sato pelo aprendizado.

Aos nossos parceiros pelo tempo compartilhado, apoio e amor: Felipe Esteves de Moura Leite; Rafael de Oliveira Gianelli.

Aos professores: Cláudio Bertolli Filho pela dedicação, colaboração e palavras de incentivo; Olicio Pelosi pelo apoio; Ângelo Sottovia Aranha e Milton Koji Nakata pelas sugestões e por integrar a nossa banca.

Aos entrevistados que participaram conosco desse livro e endossaram, cada qual da sua maneira, a discussão sobre a identidade do nipo-brasileiro; aos personagens de cada perfil e fotografia pela disposição.

## SUMÁRIO

Introdução	8
1 Referencial Teórico	9
1.1 Gêneros jornalísticos	10
1.1.1 Reportagem	10
1.1.2 Entrevista	11
1.1.3 Memória e História Oral	12
1.1.4 Perfil	14
1.2 Jornalismo e Literatura	15
1.3 Cultura Brasileira	16
1.4 Imigração Japonesa	18
1.5 Identidade	20
1.6 Fotografia	22
1.7 Projeto Gráfico	24
2 Justificativa	25
3 Objetivos	27
4 Metodologia	28
5 Considerações Finais	29
Referências	31
Anexos	33

## RESUMO

O presente trabalho consiste num livro-reportagem que aborda a identidade do nipo-brasileiro. Há mais de cem anos o navio *Kasato-Marú* ancorou no Porto de Santos, abrindo uma artéria que jamais se fecharia: o caminho entre Japão e Brasil, extremos tanto geograficamente quanto culturalmente. A miscigenação dá fruto ao nipo-brasileiro que não se sente puramente brasileiro, nem japonês. O objetivo aqui é traçar essa identidade do mestiço, tão rica, que pode adotar uma ou outra e até a fusão das duas culturas. Não se pretende chegar a uma conclusão, mas apresentar as diversas possibilidades através de entrevistas, teorias de identidade, e história da imigração japonesa e cultura brasileira.

### **Palavras-chave**

Livro-reportagem. Nipo-brasileiro. Identidade.

## **ABSTRACT**

This project is about a book-report, which will discuss the nipo-brazilian's identity. The Kasato-Maru ship arrived at Santos about a hundred years ago, opening a path that would never be closed: the path between Japan and Brazil, countries both geographically and culturally opposite. Miscegenation brings the nipo-brazilian to life, a individual who does not feel entirely Brazilian or Japanese. The goal of the book is to discuss the nipo-brazilian's identity, once known that this individual can adopt one or other culture, or even merge both. It is not intended to conclude anything, so the main objective fulfills itself in the research of the possibilities of identities through interviews, theories, Japanese immigration's history and Brazilian's culture.

### **Keywords**

Book-report. Nipo-brasilian. Identity.

## INTRODUÇÃO

Em 18 de junho de 1908 aportou o primeiro navio em Santos trazendo imigrantes japoneses ao Brasil. O *Kasato-Maru* percorreu 12 mil milhas, durante 51 dias, trazendo 800 imigrantes. Assim como todos os outros navios que viriam depois, transportava um povo que carregava consigo a esperança de prosperidade.

As motivações para a emigração foram diversas ao longo dos anos, desde a modernização japonesa na Era Meiji, passando pelo fim da Primeira Guerra Mundial e chegando ao último grande fluxo migratório, registrado no pós Segunda Guerra Mundial. O Japão era pequeno demais para as ambições dos imigrantes que depositavam suas últimas economias no sonho de fazer dinheiro nas terras férteis brasileiras e logo voltar para sua nação.

No entanto, enganados pela propaganda de emigração, quando chegavam aqui viam que a realidade era bem diferente da prometida. O trabalho árduo de sol a sol com salário muito inferior ao imaginado somado às dificuldades de um país tão diferente ao seu era desanimador.

O imigrante teve dificuldades para se adaptar, a começar pela língua. Era quase impossível entender e ser entendido. Os primeiros japoneses, particularmente, sofreram mais, já que aqui ainda não havia alimentos e temperos típicos do Japão. A culinária brasileira era demasiada pesada para o estômago japonês. Tudo era feito à base da gordura de porco e quase não se comia verduras.

O clima era outro fator prejudicial. O japonês não estava acostumado ao sol forte de um país tropical. Além disso, os fazendeiros, habituados ao sistema escravocrata, tratavam muito mal os imigrantes, explorando-os.

Alguns japoneses fugiam, outros continuavam nas fazendas. Mas a verdade é que a maioria deles se deu conta, logo nos primeiros dias, de que ficar rico e voltar para sua terra não seria algo tão fácil e quiçá possível.

Começam então a fincar raízes no país fértil, que com o tempo acabou sendo adotado por muitos deles. No início eles eram mais fechados, procuravam se relacionar com os semelhantes. As primeiras gerações nascidas aqui aprendiam a



língua japonesa antes da brasileira e herdava dos pais o sonho de voltar ao seu país, lugar este que só conheciam através das histórias contadas.

Os primeiros japoneses a “se misturarem” sofriam forte preconceito da família. Reflexo disso são os nipo-brasileiros encontrados para realizar essa pesquisa que, em sua grande maioria, eram jovens, salvo alguns de no máximo 55 anos.

Mas o fato é que com preconceito ou não, aos poucos essas barreiras foram sendo derrubadas e a miscigenação bateu na porta dos nipônicos. O nipo-brasileiro, fruto dessa mistura entre brasileiros e japoneses, é o objeto de estudo deste trabalho.

O livro-reportagem visa analisar a identidade desse personagem. Seria ele brasileiro? Japonês? Os dois? Ou nenhum dos dois? Estariam eles no “limbo” da sociedade ou teriam eles uma identidade única?

Essas e outras questões referentes ao nipo-brasileiro serão aprofundadas para um estudo abrangente dessa identidade tão diferenciada. Não se pretende chegar a um molde da identidade, mesmo porque tal coisa seria impossível. Assim, o objetivo é entender, através de depoimentos dos mestiços, as múltiplas possibilidades.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

O livro-reportagem explorará uma mescla de gêneros jornalísticos, tais como: reportagem, entrevista, memória e história oral e perfil. Portanto explanaremos a seguir as características, objetivos e especificidades de cada gênero citado através das teorias de Edvaldo Pereira Lima, Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari, Cremilda Medina, José Carlos Sebe Bom Meihy e Sergio Vilas Boas.

## 1.1 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

### 1.1.1 Reportagem

Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem é caracterizada pela predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Logo, podemos notar que se diferencia da notícia. Apesar da objetividade, ela é mais densa e detalhada, passa a haver pessoas e não meros personagens, o texto é mais longo, muitas vezes fragmentado por subtítulos, e o assunto recebe maior aprofundamento.

Estudiosos concordam que esse gênero é o aprofundamento da notícia. Ela conta detalhadamente aquilo que já foi anunciado pela notícia. Enquanto a notícia, que se atenta para o aqui e o agora, a reportagem não se restringe ao presente. Ela busca as causas e efeitos através de elementos do passado e do futuro.

As linhas de *tempo* e *espaço* se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aquí*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente. (LIMA, 1995, p.24)

A reportagem se debruça sobre determinado assunto através de uma angulação pré-estabelecida. Não se prende ao *lead* do onde, quando, como e por quê. Faz a contextualização, procura informar o leitor de forma menos superficial, buscando destrinchar os acontecimentos que levaram ao fato principal e, se possível, apresentar as várias versões de pessoas envolvidas de diferentes lados. Tornando-se quase impossível uma não interpretação, visto que a própria angulação já pode ser considerada interpretativa. Segundo Edvaldo, a reportagem sempre leva a investigação e interpretação:

(...) como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para

cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos – e de quem – que servirão como extensores da visão do leitor. (LIMA, 1986, p.11)

### 1.1.2 Entrevista

Tecer uma realidade através do relato de entrevistados não é uma tarefa fácil. Muitas vezes a fonte pode contar só o que lhe convém, ou pode se sentir intimidado com o interrogatório do jornalista munido de seu gravador. Portanto, a arte de entrevistar deve ser desvendada com cautela. No presente trabalho buscamos aplicar a entrevista de compreensão, que despreza a especularização e tem o intuito de compreender:

“Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali, espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor.” (LIMA, 1995, p. 85)

A princípio este gênero tem como propósito obter informações através de entrevistas para dar credibilidade ao texto jornalístico. Para reconstituir uma história o repórter não pode se basear apenas no que viu, mesmo porque muitas vezes ele sequer presencia o fato, chegando ao local após o ocorrido ou apenas obtendo informações de terceiros na redação. Faz-se necessária a apuração dos fatos, que envolve, entre outros elementos, a entrevista. Indivíduos envolvidos na ação – desde aquele que a pratica, sofre suas consequências, até o que apenas a presencia – tornam-se fontes.

No caso do livro-reportagem as entrevistas não são apenas depoimentos que acrescentam detalhes à notícia. Os depoimentos coletados são a base de tudo. Os mestiços são os personagens e fontes da história que queremos contar.

Para aprofundarmos nos níveis de intimidade dos entrevistados procuramos deixar de lado as pautas prontas e fechadas. O interrogatório era a última coisa que queríamos, sendo o diálogo aberto o nosso objetivo final. A interação com o personagem é essencial para deixá-lo à vontade na conversa. Tal interação é explicitada por Cremilda Medina.

Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. (...) Sua maior ou menor está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito e comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 1995, p. 7)

### 1.1.3 Memória e História Oral

A história oral é uma história viva, do tempo presente. Muitos acontecimentos não possuem relatos escritos ou documentação, são transmitidos de geração a geração por meio da oralidade. A história contada pode ser sobre o passado e até remeter ao futuro, mas sua oralidade está sempre no presente, mantendo um compromisso de registro permanente que, de acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy, “se projeta para o futuro sugerindo que outros possam a vir usá-la de diferentes maneiras”.

Através do resgate de riquezas psicológicas e sociais, a história oral reconta o acontecido sem perder sua essência. Trata-se de um relato de reconstrução que vai além dos fatos crus, passando pela interpretação do narrador.

Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação encaminhada. (MEIHY, 1996, p. 99)

Algumas das histórias pessoais se destacam por expressar situações comuns a um grupo, representando-o. Tais histórias adquirem um significado

abrangente, passando do individual ao coletivo. É o caso dos mestiços aqui escutados, suas histórias representam a pluralidade da classe.

Além das histórias institucionais, casos há em que os indivíduos, isoladamente, colocam-se como narradores e suas histórias, assim, ganham significado tanto pela singularidade como pelo coletivo que representam. As histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que a explicam. Com isso relativiza-se a relevância de uma história oral valorizada do indivíduo como se ele fosse uma abstração. (MEIHY, 1996, p. 11)

Isso não significa que uma história particular represente todo um resto. Cada um tem suas particularidades, salvo algumas semelhanças gerais. Meihy acrescenta que “história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto.”

Parte dos trabalhos de história oral tem como foco as identidades. Através da equiparação dos pontos comuns de indivíduos de um mesmo grupo pode-se reconstruir uma trajetória e compreender uma tradição como a dos primeiros imigrantes japoneses que vieram para o Brasil e suas gerações seguintes, analisando sua adaptação e transformações.

Segundo Meihy, “a identidade cultural, em sentido amplo, é muito usada para assinalar debates sobre a resistência ou critérios de negociação de grupos expostos a situações estranhas ao meio original”. Esse exemplo cabe ao estudo proposto, os nipônicos que aqui chegaram e seus descendentes construíram sua (des) identidade num país tão diferente do seu, assimilando a nova cultura e preservando a oriental simultaneamente.

Modernamente, o conceito de “desidentidade” tem sido avaliado para a caracterização de espaços identitários que dialogam com a substituição de valores culturais. Notadamente, grupos imigratórios que estão expostos a outra cultura que os atraem tendem a viver processos duplos de identificação” (MEIHY, 1996, p. 22)

O termo desidentidade surge pelo fato da identidade ser dinâmica e não fixa. Ela se renova com as gerações, trata-se de uma reidentidade. Surge a

negociação entre valores antigos e os novos, seja pelo contato com uma identidade diferente ou pelas mudanças naturais da história.

Enquanto a história se baseia em documentos grafados, a memória assimila um repertório de versões sobre o passado que ainda são transmitidas pela oralidade e não foram registradas.

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem a fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. (MEIHY, 1996, p. 94)

#### **1.1.4 Perfil**

O gênero perfil ressalta o lado humano de um personagem, personificando uma realidade. Steve Weinberg o classifica como “uma biografia de curta duração”. É uma descrição detalhada de um indivíduo, destacando-se o que melhor o representa ou o assunto que se quer abordar.

Pode-se escrever um perfil através de entrevistas com a pessoa, seus familiares e amigos próximos, sua biografia/trajetória, e até pelo olhar de terceiros. Sergio Vilas Boas descreve o perfil como a combinação de cinco elementos básicos: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Mescla da reportagem com a entrevista, para o autor, o perfil não tem graça sem uma pitada de literatura, pois “não hipnotiza”.

Vilas Boas ainda ressalta que para se fazer um bom perfil é necessária a empatia. O personagem deve dividir suas alegrias e tristezas, envolver o leitor.

Os perfis cumprem um papel importante que é justamente gerar empatia. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (BOAS, 2003. p.14)

## 1.2 JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo e a literatura, a princípio, parecem água e óleo. Suas características e funções são distintas e, em muitos aspectos, opostas. Enquanto o primeiro se atenta ao factual, o real e a objetividade, o segundo brinca com a linguagem, fazendo da arte das palavras o seu fim.

Entretanto as duas modalidades se convergem na narrativa. Na literatura, temos o romance e o conto, no jornalismo, a notícia e a reportagem Segundo Marcelo Bulhões Magalhães, o encontro dos gêneros está presente, hoje, na reportagem.

Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de uma personagem ou na colocação de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade. (BULHÕES, 2007, p.45)

Tal fato pode ser observado também no livro-reportagem, que conta uma história real factual mesclada ao literário. Sua temática é legítima, mas não necessariamente alvo da imprensa cotidiana. A atualidade não se faz extremamente necessária e quando o assunto é atual aprofunda-se, buscando elementos anteriores. Segundo Edvaldo Pereira Lima, “o livro-reportagem que não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas”.

O autor pode ter presença marcante e as fontes são variadas. Para Edvaldo, a abordagem não precisa girar em torno do acontecimento, “pode vislumbrar um horizonte mais elevado, penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõe um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos”.

O livro-reportagem não precisa se ater a simples informação, como no jornalismo. A liberdade é imensamente maior. Tanto na abordagem e profundidade

quanto na forma de contar, que pode ser descontraída, em tempo não linear e não objetiva. O procura, assim, cativar o leitor através de memórias, identificações e projeções.

Ao articular um livro-reportagem, o autor inicia um jogo implícito com seu leitor. O jogo consiste em captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se - no momento da leitura ou nos momentos dos diversos segmentos que constituem a leitura de uma obra escrita – desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo particular contido, representativamente, no livro.” (LIMA, 1995, p. 110)

### **1.3 CULTURA BRASILEIRA**

A cultura brasileira enquanto articulação da cultura nacional-popular começa a se formar na década de 1920 com a provocação modernista que, pode-se dizer, apresenta-se como primeiro indício de uma sensibilidade nacional popular refletida na cultura do país, cultura essa que, até então, era essencialmente subordinada aos padrões estéticos europeus. Tal movimento culminou na semana de 22, onde se iniciou a discussão sobre a valorização e incorporação do produto nacional.

Nos anos 30 e meados de 40 surgem os mesmos ensejos, mais maduros, com a presença do próprio Estado no processo. Vargas estimula o forte nacionalismo e cria o conceito de cultura brasileira, até então inexistente. A partir de 70 inicia-se um movimento contrário ao que se pregava até então. Em resposta ao nacionalismo exacerbado nascia uma crítica ao nacional-popular, ao populismo e ao verde-amarelo, já que se vivia uma cultura internacional, uma espécie de globalização cultural.

O conceito de cultura brasileira é envolto, mesmos nos dias atuais, por uma série de mistificações e mitificações em torno da própria identidade do brasileiro: o brasileiro é malandro, alegre, persistente, hospitaleiro, quente, cordial.

Uma pesquisa recente realizada por Jeans Scheneider estudou a identidade do povo brasileiro. Entre 2001 e 2003, Schneider entrevistou pessoas de diversas regiões e classes sociais, a fim de traçar as principais características. As



mais citadas foram: futebol, cerveja, praia, música, carnaval, paz, amor, ser flexível e bem humorado.

Alguns destes estereótipos, ainda que citados pelos próprios entrevistados, não faziam parte da sua própria personalidade. O fato é que realidade ou não tais estereótipos estão fortemente ligados ao povo brasileiro, principalmente para quem vê de fora, acrescentando-se o da mulata sensual. Tais características também foram citadas pelos entrevistados dessa pesquisa, quando se descreviam como brasileiros. A alegria, “jeitinho brasileiro” e ginga foram os principais apontados.

Outro elemento consideravelmente citado foi a miscigenação, já que o Brasil é uma nação formada a partir de três matrizes: indígena, portuguesa e negra; e posteriormente surgem os imigrantes italianos, japoneses, entre outros. A primeira grande expressão da idéia de mestiçagem no Brasil veio de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, em 1933. Seria essa a obra que dividiria águas na discussão sobre a imagem que se sobressairia no país ao aceitar e apontar as origens dessa “brasilidade mestiça”. A idéia freyriana se resume em uma das falas do autor, muito simples, mas emblemática: "Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma e no corpo a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro". Ele também destaca que além do sangue, outras heranças do negro tornam-se presentes:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da velha negra que nos contou as primeiras histórias e bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREYRE, 1933, p. 367)

A partir de então, a idéia de nação brasileira acima das diferenças étnicas deixou de ser um simples objetivo a ser alcançado e assumiu a importância de ser,

ela própria, a descrição da nação. "É quando a capoeira vira esporte nacional, o samba passa a ser a música brasileira por excelência e a feijoada, com o preto do feijão e o branco do arroz, o verde da couve e o amarelo da laranja, se torna o prato oficial do brasileiro" (SCHWARCZ, 2005). Hoje em dia a noção de povo miscigenado é um lugar-comum, amplamente difundido e aceito no Brasil. É a identidade, o traço marcante do Brasil.

O mulato é classificado por Freyre como um meio termo, são os "filhos ilegítimos – mulatinhos criados muitas vezes com a prole ilegítima, dentro do liberal patriarcalismo das casas-grandes; outros à sombra dos engenhos de frades; ou então nas 'rodas' e orfanatos". Eles não são escravos nem senhores, ficam no limbo da sociedade. "Em vez de considerar os filhos de senhores com escravas indivíduos socialmente perigosos, reunindo os vícios dos dois extremos, considera-os livres dos inconvenientes, tanto de uma classe quanto de outra; e constituindo um feliz meio-termo".

O mesmo ocorre com o nipo-brasileiro, objeto de estudo deste trabalho que, muitas vezes, é japonês quando está com brasileiros, mas é brasileiro quando cercado por japoneses. Ele fica num "meio termo", na indefinição de sua identidade.

#### **1.4 IMIGRAÇÃO JAPONESA**

Há mais de cem anos o navio Kasato-Maru ancorava no Porto de Santos deixando, atrás de si, um caminho de mais de 12 mil milhas percorridas, 52 dias no mar e a abertura de uma artéria que jamais se fecharia: o caminho entre Japão e Brasil, extremos tanto geograficamente quanto culturalmente.

A história da imigração japonesa no Brasil, pode-se dizer, foi deveras dramática. Se hoje a cultura japonesa encontra uma dimensão expressiva de adeptos no mundo ocidental e especificamente no Brasil, essa conquista é, antes de qualquer coisa, uma representação da profundidade das raízes que ligam os japoneses ao seu país de origem, de modo que não só resistiram a uma série de retaliações por parte do suposto Brasil hospitaleiro, como também desfrutaram, hoje em dia, de completa aceitação e conquista de um número crescente de admiradores

nos mais diversos nichos, a citar: culinária e hábitos alimentares, esportes, arte, filosofia, religião e tecnologia.

Diz-se dramática porque a história da imigração japonesa em terras brasileiras iniciou-se de maneira tortuosa. A grande maioria - para não dizer a totalidade - dos japoneses veio ao país através de um acordo, haja vista a situação precária do Japão no pós-guerra. Em teoria, os japoneses encontrariam no Brasil vastas e férteis terras, das quais extrairiam não só sua subsistência, mas também sua riqueza para, em pouco tempo, retornar ao Japão.

Ao partir do solo pátrio levava consigo - o imigrante japonês - a esperança de migração temporária, pois sonhava com um enriquecimento a curto prazo e volta à terra natal. Tanto isso é verdade, que muitos deixavam seus bens aos cuidados de parentes e amigos, durante sua ausência que esperavam que fosse breve. (NOGUEIRA, 1973, p. 58)

Na prática, o povo japonês encontrou um sistema de trabalho servil, exploração e preconceito. Os homens levavam nas costas não apenas o peso da sobrevivência da família, mas também a desonra por abandonar sua pátria num momento de tragédia. As mulheres sofriam com a dupla jornada de trabalho, acordando sob a luz da lua para o preparo das marmitas, trabalhando no campo tal qual os homens e, no retorno, novamente sob as estrelas, cuidando dos afazeres do lar. Ambos japoneses e japonesas sofriam o choque cultural: nada do que o brasileiro comia o japonês conseguia comer. Nada que o brasileiro falava o japonês conseguia entender.

Um feirante que bateu na porta do distrito policial de Penápolis para saber os limites da nova proibição recebeu do delegado uma resposta desconcertante: "Japonês continua podendo fazer tudo: pode trabalhar. Só não pode falar japonês. E quem não souber português não pode falar nada." E era nada mesmo. Dias depois um sacerdote budista seria preso em Valparaíso quando celebrava uma cerimônia na única língua que sabia falar, o japonês. (MORAIS, 2000, p. 46)

Aos poucos a comunidade japonesa se organizou em torno de clubes que, inicialmente, serviam para lecionar a educação e cultura japonesa, uma vez que as escolas japonesas foram colocadas em situação ilegal pelo governo

brasileiro. Do propósito de educação e cultura, surgiram atividades de lazer, esportes e, quando foi possível, até mesmo festas. A repressão sofrida pelos japoneses não falou tão alto quanto seu sentimento de patriotismo e, sob diversas formas de resistência, os japoneses mantiveram suas tradições.

Todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante. (...). O sentimento de injustiça coletivamente sofrida provoca nos membros do grupo vítima de uma discriminação um forte sentimento de vinculação à coletividade. (CUCHE, 1999, p. 190)

Assim como os grupos de imigrantes brasileiros formam grupos sociais mais facilmente entre si do que com os nativos daquele país e considerando, é claro, a tendência da união da minoria, os japoneses o fizeram no Brasil. Segundo dados do Governo do Estado de São Paulo, existe cerca de 1,5 milhão de japoneses e descendentes no Brasil, dos quais, aproximadamente 1 milhão vive no estado de São Paulo.

## **1.5 IDENTIDADE**

A identidade cultural sucede a idéia de identidade social, que é a resultante das interações do indivíduo ou grupo com seu ambiente social identificando-o e distinguindo-o de outro indivíduo ou grupo. A identidade, portanto, age no sentido de inclusão e exclusão, na medida em que une alguns pela semelhança e segrega outros pela diferenciação. A identidade cultural pressupõe essa idéia, dessa vez, com outros adendos. Grosso modo, existem algumas principais formas de entender a identidade cultural, tomando como base a reflexão de Denys Cuche.

Partindo de uma concepção objetivista, a qual defende uma identidade, de certa forma, estagnada, é possível observá-la segundo um pensamento biológico, que conclui ser a identidade preexistente, um patrimônio genético; um pensamento culturalista, cuja explicação é que a identidade é preexistente, mas depende,

sobretudo, da herança cultural; ou segundo a ideia primordialista, que concebe a identidade como uma determinação do vínculo ao grupo étnico. Há ainda a concepção subjetivista, que leva em conta o caráter não-definitivo da identidade, explicando que ela existe quando há sentimento de vinculação ou pertencimento e que é, por conseguinte, uma escolha arbitrária. A concepção relacional e situacional, sugerida em 1969 por Frederik Barth, atinge uma explicação mais sensata e supera a dicotomia objetivismo/subjetivismo. Nas palavras de Cuche,

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos reais. A identidade é uma construção que se elabora em relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. (CUCHE, 1999, p. 182)

Dessa forma é possível concluir que uma cultura não produz apenas uma única identidade. Essa identidade só existe em relação à outra e depende, em suma, das interações de indivíduos e grupos na medida em que se assemelham ou divergem, fato que vem de encontro a tendência da mono-identificação, traço das sociedades contemporâneas, especificamente dos Estados-Nações modernos cuja ideologia nacionalista prega a exclusão das diferenças culturais.

Sinceramente creio que não deveríamos ter nenhuma carteira de identidade, ela diz pouco sobre nossa individualidade, mas uma “carteira de diferenças”, rica, complexa, indefinida, reveladora da diversidade de nossos itinerários ao longo da vida, fechando-se somente com a nossa própria morte. (ORTIZ, 2004)

Tal ideologia, se por um lado busca uma maior união na medida em que enseja a identificação e semelhança cultural de todos, por outro gera um movimento contrário de reafirmação da identidade por parte dos grupos minoritários. “Quanto maior for a necessidade da solidariedade de todos na luta pelo reconhecimento, maior será a identificação com a coletividade” (CUCHE, 1999).

Para finalizar essa discussão acerca da identidade, chega-se, enfim, a um dos pontos preponderantes dessa reflexão. Trata-se da identidade multidimensional, ou seja, aquela sincrética, produto direto de mais de uma cultura. Da mesma forma que cada indivíduo possui uma identidade específica para se relacionar com seus semelhantes, tomando como base diferenciações como o sexo, a idade ou classe social, o indivíduo que vive uma pluralidade cultural sintetiza sua identidade a partir das suas diferentes influências. “Querer considerar a identidade como monolítica impede a compreensão dos fenômenos de identidade mista que são freqüentes em toda sociedade. A pretensa “dupla identidade” dos jovens de origem imigrante está ligada, na realidade, a uma identidade mista.” (GIRAUD apud CUCHE, 1999, p. 192).

Na convivência entre duas culturas, mesmo que seja harmoniosa, há um constante embate intercultural que se responsabiliza pela criação e manutenção de certas “fronteiras”, verdadeiros marcadores de uma identidade específica. Essas fronteiras sociais e simbólicas constroem a etnicidade, um produto de identificação, uma organização social da diferença cultural. Assim, ao contrário do que se pensa comumente, a convivência intercultural não implica no desaparecimento de uma ou outra cultura.

(...) as relações contínuas de longa duração entre grupos étnicos não levam necessariamente ao desaparecimento progressivo das diferenças culturais. Frequentemente, ao contrário, estas relações são organizadas para manter a diferença cultural. Às vezes, elas provocam até uma acentuação desta diferença através do jogo da defesa (simbólica) das fronteiras de identidade. (CUCHE, 1999, p. 201)

## **1.6 FOTOGRAFIA**

A fotografia sempre tem uma finalidade, seja retratar, denunciar, flagrar, informar ou levar a uma reflexão. No presente trabalho não é diferente, elas não foram escolhidas pelo acaso e uma a uma tem sua função pré-definida. As imagens têm como propósito atrair o olhar do leitor e instigá-lo a refletir, não apenas exercendo a função de embelezamento de páginas.

A imagem fotográfica é muito mais que um simples retrato da realidade. Presente no nosso dia a dia em livros, revistas, jornais, outdoors e cartazes publicitários, sua função vai muito além da simples cristalização do instante visual. Através de uma leitura mais aprofundada, a imagem transmite uma série de idéias e valores, muitas vezes imperceptíveis à primeira impressão. Analisando uma fotografia, podemos saber o que o texto diz antes mesmo de lê-lo. Segundo Aumont, as imagens são e sempre foram produzidas para algum fim, seja ele comercial, religioso, ou ideológico.

A produção de imagens jamais é gratuita, e desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa pois por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certo fim (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral). (AUMONT, 1993, p.78)

Aumont ressalta que, apesar de fiel à imagem formada pelo olhar humano, a fotografia é um olhar mais amplo, já que ela congela um instante. Uma ação que duraria segundos ao olhar, pode ser vista por um tempo maior se registrada, criando a possibilidade do espectador enxergar elementos que passariam despercebidos.

A fotografia reproduz as aparências visíveis ao registrar o traço de uma impressão luminosa: este é o princípio de sua invenção. Ora, muito depressa percebeu-se que esse registro, se no plano puramente óptico aproximava a imagem fotográfica da imagem formada no olho, tornava-as distintas pelo fato de fixar um estado fugidivo dessa imagem, um estado que escapa à visão normal e, dessa forma, dava acesso a um modo inédito de ver a realidade. É o tema bem conhecido da revelação fotográfica: a fotografia mostra o mundo de uma maneira invisível ao olho nu, permite ver "coisas normalmente não vistas. (AUMONT, 1993, p.307)

O livro-reportagem traz dois tipos de fotografia, a ilustração e a representação. A primeira é livre, seu objetivo é fazer com que o leitor pense e interprete da sua forma; enquanto a segunda é um retrato da realidade.

## 1.7 PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico e a identidade visual são dois conceitos interligados, é através dele que se organiza os elementos da identidade. No livro em questão essa identidade se baseia no equilíbrio e harmonia da cultura japonesa, mesclado a cor e alegria do “jeitinho brasileiro”.

Como matéria pré-textual temos: a capa, folha de guarda, folha de rosto, página de créditos, dedicatória, e sumário. Já os elementos textuais são os capítulos: Introdução, Desbravadores, Nipo-brasileiro, Ser mestiço é ser brasileiro de olhos puxados, Ser mestiço é ser gaijin, Ser mestiço é ser ímpar, e Afinal, ser mestiço é...; numeração de página; e notas do autor sobre as fotos. E, por fim, os elementos pós-textuais: índice de figuras e o glossário.

Segundo Richard Hendel, “as palavras do autor são o coração do design do livro”. Por isso, conhecemos bem o nosso texto antes de iniciarmos a diagramação. Os fatores custo, público alvo e assunto tratado influenciaram em várias escolhas. A começar pelo formato A5, que possibilita um melhor aproveitamento do papel e é um tamanho prático para livro. A impressão digital se justifica pela pequena tiragem, não sendo viável outra opção. E o papel cuche fosco foi escolhido pelo seu resultado final de qualidade superior na impressão e fotografia.

A tipografia utilizada para o texto foi a *ArnoPro-Regular*, fonte serifada e que possibilita uma leitura linear, não cansando o olhar do leitor. Nos títulos a fonte escolhida foi a *Times New Roman Bold Italic* pela leveza e questões estéticas. O grid modular de três colunas é favorável por não ser fixo, quadrado, principalmente na inserção de imagens ele traz um leque de possibilidades.

A padronização foi seguida do começo ao fim. A entrada de capítulos são sempre uma foto de página inteira, ou duas, com o título em branco dentro do grid. O texto ocupa duas colunas e meia e os comentários das fotos uma. As fotos apresentam uma mobilidade, porém sempre respeitando as medidas pré-estabelecidas. As imagens mesclam entres abstratas e representativas, porém fogem da representação óbvia, o que diluiria a reflexão do leitor.



Responsável pela primeira impressão, a capa foi pensada e trabalhada para atrair o olhar do leitor, instigar sua curiosidade e retratar tudo o que há dentro do livro. A respeito do acabamento, a lombada é quadrada, encadernada com cola e a capa é de papel triplex.

## **2 JUSTIFICATIVA**

Dentro dos padrões do jornalismo contemporâneo não há brecha para se aprofundar demasiadamente num determinado assunto ou se pautar fora do agendamento. A notícia relata o fato, o aqui e o agora. A reportagem, embora mais aprofundada, não deixa de lado a premissa da objetividade, amputando a criatividade do jornalista.

Além disso, a conversão da notícia em produto e sua rápida degustação refletem num tratamento raso do assunto. Portanto o livro-reportagem se justifica aqui pela abordagem diferenciada que propõe. Segundo Edvaldo Pereira Lima, o produto escolhido apresenta um “grau de amplitude superior” aos demais costumeiros tratamentos dos meios de comunicação:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido maior de ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (1995, LIMA, Edvaldo Pereira, p. 29)

Flávia Tiemi Sato e Marina Mitie Vaz Watanabe, como o próprio nome diz, são nipo-brasileiras e, portanto, se identificam com o tema proposto: a identidade do nipo-brasileiro. Compreender nossas raízes e costumes, pertencer a um ou outro grupo, gerou a inquietude das jornalistas. Inquietude esta que resultou numa pesquisa e construção da narrativa da realidade.

(...) o livro reportagem agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo em seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. (1995, LIMA, Edvaldo Pereira, p. 33)

Essa identificação reflete positivamente no desenrolar da pesquisa. Se fossemos “puramente” brasileiras não haveria o mesmo sentido ou entendimento. A receptividade e acessibilidade das pessoas entrevistadas, que se mostraram tão solícitas, talvez não fossem as mesmas se não pertencessem ao mesmo grupo que nós.

Já a liberdade da construção narrativa da realidade proporcionada pelo livro-reportagem trouxe uma possibilidade de aprofundamento e criatividade presentes desde a introdução, na qual tratamos a imigração de forma totalmente incomum, até as fotografias. Não nos prendemos aos fatos históricos, e demos asas a uma história de vida, rica em detalhes, documentos e emoções. Os mestiços aqui retratados não são meros personagens, o objetivo é mostrar o seu lado humano e traçar uma conexão entre passado e futuro através do presente. A construção de suas identidades não poderia ser feita sem que descobríssemos “o passado que ainda existe no presente”, contemporaneidade explicada por Dulcília Buitoni.

Contemporaneidade pode englobar a formação de uma tendência cultural que já dura meio século ou um fato que aconteceu ontem. Contudo, não é por ter acontecido ontem, e por estar relacionado a uma série de contextos. Contemporaneidade, para uma nação, pode ser um conjunto de eventos que noutra eram antigos há 50 anos. Não é o tempo quem decide: a conformação cultural importa muito mais, como importam certas correspondências de situações. Por conseguinte, a contemporaneidade se define pela possibilidade de estabelecer relações pertinentes aos dias de hoje, pois não se trata de estabelecer uma ancoragem histórica, mas de descobrir o passado que ainda existe no presente. (BUITONI, Dulcília, p. 57)

Através do aprofundamento dessa obra pudemos analisar questões como: Quem é o nipo-brasileiro? Como surgiu? A que grupo pertence? Seria ele brasileiro? Japonês? Ou meio termo? Como ele se sente perante essa classificação tão incerta? As tradições vêm do sangue? Da identificação? Ou da convivência? A

tendência é a dissolução total dos costumes orientais? A soberania deles? Ou a mescla?

O livro pretende traçar tais possibilidades através da auto-definição dos próprios mestiços. O público que se pretende atingir é, principalmente, o nipo-brasileiro, mas não exclui outros que se interessem pela cultura japonesa e a miscigenação. Visto que há pouquíssimas publicações que tratem a condição do nipo-brasileiro no Brasil, pretende-se levar ao leitor uma visão diferenciada do assunto, vista de dentro para fora e enriquecedora.

### **3 OBJETIVOS**

Através de entrevistas com nipo-brasileiros sobre sua identidade, as influências das culturas brasileira e japonesa no seu cotidiano e seus valores, o livro pretende traçar as múltiplas possibilidades de assimilação, aceitação e negação do mestiço.

O mestiço é dividido no livro entre os que se julgam “puramente brasileiros”, exceto pela aparência inconfundível do nipo-brasileiro; os “puramente japoneses”, que nasceram no lugar errado; e os “mestiços”, que absorvem o que enxergam como o melhor de cada cultura. Tal classificação não tem por objetivo ser uma regra, apenas foi uma forma encontrada de diferir cada grupo encontrado. No entanto, não podemos deixar de notar que dentro de cada um deles há inúmeras diferenciações. Logo, não chegaremos a uma conclusão, visto que a discussão de identidade não é uma matéria exata.

Além de trabalhar com a discussão acerca da identidade do mestiço, o produto também possibilitará a aplicação de uma modalidade do jornalismo: o livro reportagem. Assim, um dos objetivos do livro é configurar um instrumento de exercício da prática jornalística de maneira ampla: desde a leitura do repertório necessário, produção e logística para a cobertura do tema, passando pela coleta de entrevistas, fotografias e seleção do material coletado, e, finalmente, chegando ao processo de redação do texto, edição de imagens e planejamento gráfico.

#### 4 METODOLOGIA

A análise parte do geral – imigração japonesa, adaptação do nipo-brasileiro, cultura brasileira, mestiçagem e identidade – para o particular: a identidade no nipo-brasileiro. Logo, trata-se do método de pesquisa dedutivo.

O primeiro passo foi levantar as referências bibliográficas necessárias e fichá-las. Estudamos a estrutura do livro-reportagem, como fazer uma boa entrevista, identidade, cultura japonesa e brasileira.

Em seguida procuramos locais onde os japoneses e descendentes se reúnem tais como *Nipos*, o *Festival do Japão* (maior evento propagador da cultura oriental no país), feiras; grupos de amigos, familiares e conhecidos dos entrevistados. O método clínico esteve presente em cada entrevista, onde houve intensa interação entre entrevistados e nós. O objetivo era criar um diálogo aberto e não um interrogatório, para assim conseguir atingir níveis mais aprofundados da intimidade dos mestiços.

Depois de um diálogo também coletamos contato para conversa posterior. Elaboramos um questionário (em anexo) para podermos padronizar, classificar e organizar algumas ideias. Os questionários que julgamos mais instigantes tornaram-se perfis, após longas outras conversas. A pesquisa foi qualitativa, ou seja, exploratória. O objetivo é explorar o pensamento livre do entrevistado acerca do tema para se atingir respostas espontâneas.

A coleta de dados englobou os mestiços descendentes de brasileiro e japonês e os mestiços por opção. O primeiro grupo foi dividido entre “mestiço brasileiro”, “mestiço japonês” e “mestiço”. Enquanto o segundo apresentou mestiços adotados (que não tem a descendência do sangue, mas convivem com os costumes) e brasileiros que adotam a cultura por livre e espontânea vontade, seja por se casar com nipônico ou por simples admiração.

Os mestiços brasileiros, em sua maioria, se consideram mestiços apenas pela casca: cabelos lisos e pretos, olhos ligeiramente puxados e traços delicados. Porém por dentro nada identificam como oriental. São brasileiros na culinária, gostos, costumes, modo de agir e pensar. Já os mestiços japoneses preferem a

cultura nipônica e negam a brasileira em muitos aspectos. Alguns chegam a te a dizer que nasceram no lugar errado. Enquanto os mestiços, mais flexíveis, não conseguem e nem querem escolher uma ou outra cultura. Se identificam com ambas e preservam o que vêm de melhor em cada.

Na introdução, em particular, realizamos uma pesquisa documental e de memória e história oral com nossa própria família para contar a imigração através de uma perspectiva não convencional. Ao longo da pesquisa surgiram fotografias, cartas, livro de contas, contrato do navio e de imigração, além das histórias detalhadas e carregadas de emoção. O diálogo e história oral estiveram presentes também em todas as outras entrevistas com os mestiços. Após a seleção dos entrevistados e classificação dos personagens interpretamos os dados e iniciamos o livro-reportagem.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Escolher um tema para o Projeto de Conclusão de Curso é algo que sabemos que vamos ter que fazer desde o primeiro ano. Ao longo da faculdade nos apaixonamos por alguns desdobramentos do jornalismo, nos decepcionamos com outros e planejamos o produto que vamos apresentar.

A escolha de um livro-reportagem abrange o jornalismo em diversos aspectos como levantamento de pauta, apuração dos fatos, entrevistas, e retratar uma realidade ao leitor. O diferencial é o toque de literatura, a profundidade que podemos atingir e a liberdade para pautarmos um assunto fora do agendamento. Também, através da escolha deste produto, pudemos trabalhar o fotojornalismo e até o projeto gráfico.

Como já foi citado antes, Flávia Tiemi Sato e Marina Mitie Vaz Watanabe, como mestiças que são, se identificam com o tema aqui proposto. Ao discutir cultura e identidade nas aulas surge a inquietação: como definir nossa própria identidade? Temos um segundo nome japonês quase igual (basta mudar a ordem: TI-E-MI e MI-TI-E) e muita coisa em comum. Tais semelhanças não terminam no cabelo liso, estatura baixa e olhos ligeiramente puxados. Além de apaixonadas pela culinária

japonesa, ambas entendemos a importância de retribuir um favor, do respeito ao mais velhos e de nunca visitar alguém de “mãos abanando”.

Há uma identificação mútua, afinal há coisas que nós, mestiços, compartilhamos e compreendemos. Ainda que não saibamos se somos isso, aquilo ou nada, temos consciência de que possuímos uma identidade única e diferenciada, cheia de caminhos possíveis para seguir. Chega até ser contraditório, reconhecer uma identidade e quem a ela pertence mas não conseguir defini-la ao certo.

Porém toda e qualquer identidade não é definida com exatidão. Os grupos apresentam semelhanças cruciais, mas nunca perdem sua individualidade. O presente trabalho buscou exatamente isso, traçar o perfil dos nipo-brasileiros através de seus depoimentos sem perder a peculiaridade de cada personagem. O resultado foi gratificante, um livro-reportagem produzido com entusiasmo e que, inclusive, trouxe o autoconhecimento, não só da árvore genealógica e história detalhada de nossas origens, como também interior. Além, é claro, de tratar um tema pouco discutido até então, e levar essa reflexão a outros.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOAS, S. V. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.
- ENNES, M.A. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- ERAUSQUIN, M. A. **Fotoperiodismo: formas y códigos**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.
- FREYRE, G. **Casa Grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. São Paulo: Record, 1995.
- GARCÍA CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOTO, P.R. **Cultura nipo-brasileira: a reinvenção da tradição japonesa no Brasil**. São Paulo: Zahar, 1992.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: Queros, 1987.
- LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1995.
- MEDINA, C. A. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995
- MORAIS, F. **Corações Sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORTIZ, R. **As camadas da cultura**. [18 de abril, 2009]. *O Povo Online*. Entrevista concedida a Henrique Araújo. Disponível em <[www.opovo.uol.com.br/vidaearte](http://www.opovo.uol.com.br/vidaearte)>. Acesso em: 19 de nov. 2009.

ORTIZ, R. **Estudos Culturais**. *Tempo Social*, vol.16, no.1, Jun.2004. Disponível em <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em 20 de nov. 2009.

PEREIRA, R.A. **Antropologia, cultura japonesa e as teorias nihonjinron**, Ronan Alves Pereira. In: ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DOS PROFESSORES. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

ROSSINI, R.E. **A memória congelada do imigrante: a solidariedade intergeracional dos japoneses e dos nikkeis no Brasil e no Japão atual**. *São Paulo em perspectiva*, vol.19 no.3, Jul/Set. 2005. Disponível em <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 15 de nov. 2009.

SAITO, H.; M. T. **Estudos brasileiros - assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SCHWARCZ, L. M. **A cara do brasileiro**. [setembro 2005]. Superinteressante. Entrevista cedida a Rodrigo Cavalcante.

SCHWARCZ, L.M. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de redação: o texto no jornalismo impresso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.



**ANEXO A**

## Questionário

- 1- Por favor, nos informe seu nome completo, idade, ascendência (origem dos pais) e cidade de origem.
- 2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?
- 3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?
- 4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?
- 5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?
- 6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.
- 7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)
- 8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?
- 9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?
- 10- O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?
- 11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?
- 12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?
- 13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive?
- 14- Complete: ser mestiço é

**ANEXO B**

## Entrevistas

### Patrícia Benneti Ikeda

Você falou com a sua mãe? O que você conseguiu descobrir da sua história?

Ela falou que ela sabe que minha batyan veio na barriga pra cá, e meu dityan morou lá, mas ela não a data.

Ah, sua avó é brasileira então...

Não... É, ela veio na barriga, é brasileira. Aliás, o último texto que o professor de Cultura mandou foi justamente isso que você perguntou, era sobre a diferença entre alemão e brasileiro. E brasileiro geralmente fala assim: "Por que você é brasileiro?", "Ah, porque eu nasci no Brasil". E alemão fala assim: "Por que você é alemão?", "Porque eu tenho os pais descendentes de alemão". A identidade de cada pessoa ela tem uma certa fundamentação nas leis que elas propagam assim... A maioria que eles perguntaram para os alemães era "porque eu sou descendente de alemão" ou "porque eu tenho passaporte alemão", porque para ter passaporte alemão você precisa ter os pais alemães.

Bom, então você não sabe mais ou menos quando eles vieram?

Não... não sei.

Mas sua batyan estava na barriga, quantos anos ela tem?

Hoje ela deve ter uns 90...

Então deve fazer uns 90 anos... Você sabe pra onde eles foram, de onde é a sua família?

Nada.

Quantos filhos a sua batyan teve, você sabe?

Acho que uns 11 ela teve... 11 não, acho que uns 8...

Ela casou com japonês?

É, meu dityan nasceu lá no Japão. Ele veio criança pra cá...

E você sabe mais ou menos em que época foi isso?

Não... meu dityan morreu quando era criança, então eu não sei muito... Minha mãe falou que ele falava um pouco japonês, mas ela acredita que ele não sabia muito, só por convivência mesmo. Por que assim, o que eu lembro muito de quando eu visitava meus parentes, eles falavam japonês entre si. Mesmo assim, que a gente tivesse na frente eles ficavam falando na frente da minha mãe assim... eu e minha mãe íamos visitar minha batyan e minha tia e elas ficavam conversando em japonês, na mesma mesa. Fazia algum comentário... É muito estranho, né?

Ah, então eles falavam japonês, sua avó, o seu avô, seus parentes...

Falavam... Mas essa tia que eu comentei era uma tia que não é da família, ela casou com um tio meu.

Você sabe se seu pai era o mais velho?

Meu pai ele devia ser mais ou menos no meio... Eles devem ser em uns 8 filhos eu acho.

Seus avós educaram seus tios e seu pai dentro da cultura japonesa?

Acho que sim, acredito que sim porque sempre que eu vejo, eu vejo mais em relação ao que eu tive contato de comida, etc. Eles comiam muita comida japonesa, tinha um altar de oferenda, em relação a religião também...

Você sabe qual era a religião deles?

Não... Eu sei que meu pai era espírita, isso eu tenho certeza. Agora eu não sei... Tinham uns cultos, eles cantavam muito em japonês, eu nem entendia nada.

Sua mãe sofreu muito preconceito para entrar na família?

Minha mãe falou que na família do meu pai não. O que aconteceu foi quando meu pai morreu, eles não que brigaram, mas a partir do momento que meu pai morreu minha mãe não era mais da família. E assim, principalmente porque envolveu dinheiro. A família do meu pai era muito grande, e eles têm supermercado, então quando meu pai morreu, minha mãe tinha parado de trabalhar por causa da gente né, e daí ela falou "ah, deixa eu trabalhar um pouco aqui", mas eles não permitiram, nem que ela ficasse trabalhando. Acabou, separou tudo, já dividiu o que era da minha mãe, e não deram nenhum suporte em relação a isso, minha mãe ficou desamparada.

E você tinha quantos anos?

Eu tinha 4. Isso foi em 1992.

Você acha que era só o seu pai que ligava a sua família à família dos seus avós?

Meus tios me tratam muito bem... Eu vejo eles, mas vejo muito pouco, uma vez por ano... Eles me tratam bem mas não tem aquela ligação, principalmente porque a gente se afastou muito. Os meus primos e a minha tia que eu tenho muito contato e

que eu gosto bastante é uma tia que foi casada com o irmão do meu pai e o irmão do meu pai morreu também, e a gente não é da mesma família.

O restante da sua família é mas unido? Os tios, primos...

Eu acho que não. Eles se vêem, tem uma convivência, mas não sei se tem aquela união. Mesmo porque a família é muito grande, entendeu? Teve muita gente que se mudou, mas pelo que eu sei existia essa briga por causa de dinheiro mesmo entre eles, não só quando meu pai faleceu. Tem dois supermercados Ikeda em Junqueirópolis, os dois são totalmente diferentes, um não tem vínculo com o outro. E são os dois da minha família. Acho que teve uma época que eles brigaram por causa de dinheiro.

Você sabe como seus pais se conheceram?

Minha mãe trabalhava em um hospital em Junqueirópolis, mas morava em Tupi. Ela engravidou do meu pai né, eles não tinham casado. Aí quando engravidou eles resolveram casar, mas minha mãe tinha 30 anos. Meu pai morava em Junqueirópolis.

Você sente ou já sentiu falta do contato com a família do seu pai?

Eu sinto, porque é aquela coisa, você sempre quer saber de onde você veio, quais são as suas origens... Por exemplo, todo mundo vem me perguntar sobre coisas de japonês e eu nunca sei falar nada. Então assim, eu me considero japonesa porque as pessoas me consideram japonesa, mas pela genética mesmo, pelo físico. Mas eu não tive nenhuma assimilação da cultura japonesa. Nada que eu tenho hoje eu acho que eu peguei da cultura japonesa... Talvez assim, é óbvio que talvez o que eu tenha vivido até os 4 anos tenha influenciado a minha personalidade de algum modo, mas que eu falo que eu tenho alguma coisa de japonês... Pra mim eu não tenho nada.

Algumas pessoas não absorvem alguns traços da cultura quase que por escolha, por não gostar...

Ah entendi, mas eu admiro muito a cultura japonesa pela tradição, pela disciplina, japonês é mais fiel, pelo menos é o que o brasileiro pensa. Eu acho muito interessante, porque eu acho que eles são mais espirituais, eles são fechados eu acho que com o resto, mas dentro da família eu acho que eles são alegres... Quando eu fui fazer intercâmbio eu conheci muitos japoneses, as meninas estavam sempre rindo, sempre felizes... Então eu acho que eu gostaria de conhecer pra saber de onde eu vim, da mesma forma que eu tenho curiosidade de saber da parte do meu avô, que é a família italiana. Mas pelo fato de a cultura japonesa ser oriental, que é tudo muito mais diferente, eu tenho muita vontade de conhecer minhas raízes. Não sei se eu levaria isso comigo, se eu passaria isso para os meus filhos, porque não é uma coisa minha. Mas assim, conhecer da onde você veio, quais eram as tradições que seus familiares tinham... Isso eu tenho curiosidade. E eu não busco porque eu acho que faria sentido se fosse alguém da minha família que passasse pra mim, entendeu? No meu dia a dia eu nunca procurei saber, isso eu acho que não faria sentido... Acho legal ah, ouvir o que meu avô fazia... Entendeu?

Você acha então que se você tivesse convivido mais com a cultura japonesa, com o seu pai, você teria absorvido mais coisas?

Ah sim, com certeza. Mas eu não lembro nada... mesmo porque meu pai trabalhava muito, muito. Então do meu dia a dia, eu lembro muito pouco do meu pai, ele ficava muito fora. Eu lembro que o que acontecia era que meu pai, chegava no final de semana, deixava eu, minha mãe e minha irmã de vez em quando na minha avó pra passar o final de semana e voltava pro escritório... Devia ser uma fase difícil, porque eles estavam começando...

E como você lida com essa coisa de parecer tanto japonesa e na realidade ter absorvido poucos traços da cultura?



No início... eu lembro quando eu era criança assim... eu acho que na infância é mais difícil, porque dentro de Tupi Paulista, dentro do meu grupo de amigos, não existia japonês. Então talvez eu visse isso como uma coisa negativa, porque você quer ser igual a todo mundo. Eu lembro de caso de alguém ter me chamado de japa e eu ter me sentido ofendida, entendeu? Porque no meu convívio não existia isso. Talvez também porque eu sou Benetti e a família da minha mãe é muito grande. Então todo mundo, quando perguntava o meu nome “é Patrícia Benetti”, depois que eu mudei pra faculdade que eu assino, é até engraçado, porque você tem que escolher um nome pra assinar. Eu escolhi Patrícia Ikeda. Porque assim, se uma pessoa tiver que me identificar ela vai me identificar como Patrícia Ikeda, se eu estiver no meio de uma multidão, “ah, eu acho que é ela”.

O que significa pra você assinar Patrícia Ikeda?

Pra mim significa uma diferenciação pelo fato do meu físico, entendeu? “Patrícia Ikeda, ah aquela japa, acho que já sei quem é”, mas de cultura ou que traga alguma coisa para mim, não. Talvez assim... Eu vejo em Junqueirópolis tem muito japonês... Talvez se eu tivesse crescido nas escolas de Junqueirópolis eu acharia aquilo normal, mas pra mim, na minha infância, eu lembro até hoje de estar no parquinho e ouvir “olha a japa”... Fiquei super ofendida! E isso eu levei pra vida inteira, imagina, sabe?! Eu não sabia o que significava isso, pra mim eu era uma pessoa diferente negativamente porque as pessoas não eram.

Seu avô faleceu quando você era criança, né... O que você acha que os avós representam para união da família e mesmo pra perpetuar a cultura? Você acha que quando sua avó vier a falecer você vai se afastar ainda mais da cultura japonesa?

Eu acredito que sim... Porque quando eu vou pra visitar é mais a família que eu falei, da tia que eu me dou muito bem... Porque na verdade eles tiveram a mesma história, meu tio faleceu quando meus primos eram crianças. E eu vou pra

Junqueirópolis mesmo pra visitar a minha batyan, não pra visitar meus tios. Mesmo porque quando eles brigaram, acho que eles brigaram entre os irmãos, entendeu? Mas assim, por exemplo... Tem vez quando eu vou eu pego o carro e falo “vamo mãe?” e ela diz que não... Da última vez eu tive vontade de ir, minha irmã não estava em casa eu peguei o carro e fui, porque minha mãe não queria ir. Minha batyan tem uma lucidez incrível... japonês acho que já vive mais um pouco, talvez pelo fato da alimentação e etc. Minha tia fala que minha batyan lê jornal todos os dias e lê uns 3 livros por mês. Então imagina, uma pessoa de 91 anos? Hoje em dia ela tá um pouco... é óbvio, por causa da idade, ela às vezes esquece, ela tá bem surda, mas é muito lúcida.

Hoje a sua mãe mesmo então não tem contato com a sua família...

Não... Só quando a gente vai fazer uma visitinha assim, para os meus priminhos, que a gente gosta demais... Meu primo teve filho e tal, mas só.

E quando você vai visitar sua batyan mesmo sem a sua mãe, você vai porque ela é sua avó ou é algo além, alguma coisa que te liga ao seu pai?

Eu acho que existe uma coisa sentimental mesmo, porque ela é minha avó e assim... É engraçado... Essa coisa da religião mesmo, minha... a irmã do meu pai ela é bastante espiritual. Quando meu tio tava morrendo ela disse que alguém veio pra falar que ele estava bem... Eles são bastante espirituais.

Quando você vai para a casa dos seus parentes, como é para você, você sente que deixou de fazer parte daquilo entre eles?

Eu sinto falta, é difícil não saber de onde você vem. Eu vejo que talvez as minhas primas tenham muito mais contato... E você sente, falta uma parte da sua identidade. Sabe? De você ser bem resolvida com você mesmo, saber de onde você vem, quem são as pessoas da sua família, qual o caráter das pessoas que você

conhece, que você vê... Entendeu? Eu sinto que eu perdi muito por não ter tido contato com eles, principalmente para hoje me conhecer... Hoje eu não tenho nada que talvez eu fale que é... acho que tudo que eu assimilei foi inconscientemente, que hoje eu não sei identificar de onde veio, sabe? Eu sei identificar traços de personalidade que eu tenho da parte da minha mãe porque eu morei com os meus avós. Dos 4 aos meus 7 anos eu morei com os meus avós, disso eu sei muito! Da família do meu pai eu não trago nada. Com certeza eu tenho, mas não sei dizer.

Quando você pensa no futuro, em criar sua família e mesmo ter seus filhos... O que você gostaria de passar para eles sobre a sua família e sobre a sua cultura?

Eu acho que talvez se eu casasse com uma pessoa descendente de japonês eu ia resgatar muito isso... Acho que eu ia sentir que ia viver uma coisa que eu não vivi, sabe? Mas se eu não casar com ninguém assim, não vou ter muito o que falar, mesmo porque eu não lembro de nada. O que minha mãe sabe ela não me conta, ela não conversa sobre isso, talvez porque machuque ela... O que eu lembro do meu pai é que ele era muito estudioso. Meu pai assim, ele chegava do trabalho e eu lembro do meu pai estudando... Penso que meu pai teria incentivado muito a gente a ler, estudar japonês... Meu pai faria, mas minha mãe não levaria depois do falecimento dele.

Quando você pensa no seu pai, quando você busca esse contato com a sua família, o que isso te desperta?

Teve uma época, principalmente na adolescência, quando você tá em crise, crises enormes e etc, eu sempre senti muita falta... Mas hoje eu sou resolvida em relação a isso, sabe? Porque também depois de um tempo você cresce, entende... Mas às vezes eu procuro coisas da minha identidade que eu não acho, que eu não consigo recuperar. Eu acredito que talvez seja da minha infância mesmo. Teve umas épocas que eu fiquei muito mal, eu acho que também é pelo fato de não ter aquele suporte, aquela base tradicional, sabe? Então pra mim é muito mais fácil entrar em crise eu

acho, entendeu? Porque eu não tenho uma base mesmo, aquela estrutura que talvez quando eu preciso buscar em algum lugar eu não acho, sabe?

Você comentou que ficou ofendida quando era criança, por ter sido reconhecida como “japa”. Como você lida com isso hoje em dia?

De jeito nenhum, hoje não me sinto ofendida. É indiferente pra mim... É mais assim, um jeito de me diferenciar das outras pessoas...

E de primeiro momento, você se identifica com pessoas orientais?

Eu tenho afinidade com pessoas que têm ascendência... isso desde as minhas amizades na Austrália, no cursinho, no colégio, é engraçado isso! Não sei se é porque eu quero me aproximar eu me dou mais... E eu pergunto! Eu tive amigas muito japas no cursinho, e uma delas vive contando da avó dela, tanto é que a gente se viu em São Paulo dessa vez que eu fui pra lá, e ela fica contando mil histórias da avó dela e eu acho muito engraçado porque é como se fosse minha batyan, entendeu? Eu me identifico, me identifico mesmo! Talvez eu seja mais aberta, mais receptiva... Mas não sei, uma pergunta boa essa! Até teve uma vez, uma menina chegou numa balada e um amigo dela queria ficar comigo, aí ela falou assim “mas ele não é japonês”, porque ela é totalmente japonesa, né... Aí ela perguntou “você já ficou com menino que não é japonês?”, eu achei super engraçado! Aí ela me contou que ela nunca ficou com caras que não eram japoneses... Nossa, eu achei muito engraçado, sabe? Mas japonês se identifica com japonês sim, independente de ter absorvido a cultura ou não. Sempre tem umas coisas de chamar de prima, perguntar da batyan... Pelo fato de todo mundo aqui ser brasileiro e o mestiço ter um certo traço que é diferente de todo mundo, você acaba se identificando.

Você se considera mestiça então?

Eu me considero mestiça... Mas totalmente brasileira, porque eu não tive nenhuma assimilação consciente da cultura japonesa...

E o que você vê em você que é muito brasileiro?

Ah, é difícil falar o que é brasileiro, né... Mas eu sou... Não sei, pela própria convivência, por ser aberta... Nem sei falar o que é ser brasileiro.

Você comentou que conheceu japoneses quando você esteve na Austrália...

Nossa, lá tinha muito japa! Nossa, lá na Austrália, eu ia para o centro e parecia que eu estava no Japão! Tem muito oriental...

E como você percebeu a cultura deles? Bate com o esteriótipo que as pessoas têm?

Acho que não... A gente tem a impressão que japonês é muito fechado, que é muito reservado... Eu não achei! Achei eles muito alegres... Por exemplo, eu fui conversar com os japas que estão fazendo aula com a gente... Você fala que você é mestiça eles ficam empolgados, falei que era Ikeda e nossa, eles ficam animados! Existe sim uma identificação!

### **Suely Mizumoto**

Meu pai veio de Kumamoto com uns dez, onze anos em 1929. No início eles foram para o interior de São Paulo, depois vieram para cá, eles tinham um hotel junto com uma vendinha na altura da Liberdade. A minha mãe é descendente de português e austríaco, era ruiva ruiva ruiva e altona, ela morava na Liberdade e a minha avó conta que pedia para ela ir lá na venda do Mizumoto comprar um dente de alho e voltava com três quilos de arroz, quatro quilos de feijão, meu pai já era apaixonado por ela naquela época. Aí eles acabaram se casando.

Há 66 anos atrás não era comum um casal como eles. Dizia minha mãe que quando eles saíam na rua todo mundo ficava olhando, se cutucando, porque era um casal diferente, uma mulher ruiva com um japonês. A família do meu pai, no começo, teve um pouco de dificuldade em aceitar porque naquela época era comum se casar com alguém da colônia. Então a minha mãe sofreu esse tipo de preconceito

pelo fato dela ser brasileira. Hoje em dia é comum ver japonês com brasileiro, mas há quase 70 anos atrás era uma raridade, quase não existia. Meu pai, apesar de toda a pressão que teve contra esse namoro, não deu muita bola não. Disse “quem vai casar sou eu e ponto”. Então, eu sou filha de um casamento de pais que há 70 anos atrás tentaram quebrar esse preconceito racial de culturas tão diferentes.

A impressão que eu tinha é que o lado da minha mãe representasse o lado do Brasil e meu pai a ascendência oriental, mas eu não estava na terra dele, eu estava aqui. Era a cultura do Brasil dentro do Brasil, mas vivendo uma outra cultura ao mesmo tempo. Eu ia em templo budista quando eu era criança, a minha mãe aprendeu a fazer a comida japonesa, ela aprendeu a falar japonês, meus irmãos estudaram em escola japonesa, meu pai me ensinava a ler e escrever em japonês. Mas nenhuma cultura prevaleceu sobre a outra, os dois absorveram traços um da cultura do outro.

Até um determinado tempo da vida, acho que uns dez anos, eu fiquei sem saber direito o que eu era. As pessoas me perguntavam se eu era brasileira ou japonesa e eu não sabia. Eu era as duas coisas mas achava que não era nenhuma. Quando eu estava na família do meu pai eu não me sentia inteiramente japonesa, porque eu não era! E quando eu estava na família da minha mãe eu me sentia deslocada, porque eu era diferente deles, tinha um monte de prima loira dos olhos azuis. Era como se existisse um mundo oriental e um mundo ocidental.

Hoje em dia eu vejo isso como uma coisa boa, ter sido criada através de diferentes olhares. Eu não acho que sou inteiramente brasileira, acho que eu sou eurásiana! São três culturas, a européia, a oriental e a brasileira. Eu achava que eu não era nem uma coisa nem outra, mas numa determinada época me caiu a ficha e eu descobri que eu era o que eu quisesse ser quando eu quisesse ser nos lugares que eu escolhia. Eu podia ser mais oriental ou mais ocidental e descobri que eu era essa transição, de ser as duas, conhecer as duas, transitar nas duas. E antes de ser uma perda, aquilo podia ser um ganho, uma conquista, não é que estava incompleto e sim que eu podia ver o mundo através de dois ângulos.

Eu acho que o que eu peguei do meu pai, parte oriental, é o olhar mais fino, delicado, respeitoso, solidariedade e da minha mãe o improvisado, a alegria.

**Roberta Miwa Caldart Sasahara**

37 anos

Mãe: Harumi Miwa Caldart (Ourinhos-SP)

Pai: Roberto Leo Caldart (Jacarezinho-PR)

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Eu me considero brasileira em primeiro lugar (afinal foi no Brasil que nasci e foi na cultura brasileira que cresci e fui educada), mas como minha ascendência é japonesa e italiana (do lado materno meus avós eram japoneses e do lado paterno meus avós eram italianos) me considero mestiça em origem.

3-Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Eu acho um privilégio ser mestiça por ter tido mais de uma cultura regendo a minha educação. Mas acho também que é uma tendência natural com a globalização, num futuro bem próximo seremos (ou já somos?) maioria.

4-O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Não necessariamente, já que não é o DNA que determina a mistura de culturas, mas sim a educação e a convivência do dia-a-dia. Se eu tivesse um irmão adotado, ele não seria mestiço pelo DNA, mas teria uma educação mestiça, o que é o mais legal.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Como não são meus pais que são japoneses e sim meus avós, a cultura japonesa foi sendo diluída. Tanto que não falo japonês, o que pode ser uma ofensa para alguns japoneses de fato, já que pareço com eles. Mas, a prioridade na educação é um traço bem forte da cultura japonesa, mas não foi só minha mãe que nos incentivou a estudar, mas meus pais como um time. O comprometimento, sendo no trabalho ou em casa é um traço bem forte da cultura japonesa, sempre "ouço" minha mãe dizer" em minha cabeça: "o que vale a pena ser feito, vale a pena ser bem feito" e acho que isso foi engravado nela por seus pais. Quanto à cultura, se for em relação à comida japonesa, sim está muito presente em minha casa. Mas não em relação à religião (somos católicos, já por influência da minha mãe) não houve um esforço em continuar com qualquer religião oriental desde meus avós. (Essa

pergunta foi bem difícil de ser respondida, foi nela que "enrosquei", mesmo assim não se se está a contento.)

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Já conheci o Japão e foi uma experiência bem interessante. Buscamos nossas raízes apenas através do nome da cidade e pelo nosso sobrenome. Encontramos pessoas maravilhosas com quem mantemos contato até hoje. A conexão de minha mãe com Chiyuki foi instantânea e espantoso e ao mesmo tempo maravilhoso de se ver. Bem diferente dos parentes do lado de minha avó, com os quais não perdemos contato, mas não fomos tão bem recebidos. Do lado Miwa vimos o "cemitério" das cinzas de parentes de 400 anos atrás até os mais recentes. Foi muito bem ver realmente de onde vim. Mas vontade de morar lá, nenhuma! Continua sendo uma sociedade extremamente machista, não preocupada com o conforto próprio (em Nagano, apesar de ter sediado Olimpíadas de inverno, não é comum ter aquecimento central...), preocupada em agradar mais os visitantes (desde que sejam gaijim) do que seus próprios parentes. Pelo menos foi essa impressão que tive nos 15 dias que estive lá. Meu irmão que morou lá por duas vezes e se casou com japonesa deve ter uma opinião diferente.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Há palavras que são usadas em casa sempre em japonês: oiassumi, radashi, makura entre outras. Pelo menos uma vez por semana temos comida japonesa em casa e a comida preferida da minha filha é missoshiro.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Acho que apenas a culinária.

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?



Não se isso quer dizer que gosto de ter mais amigos de ascendência japonesa. Tenho amigos com ascendência e sem. Aliás na época de colégio não gostava das "panelas" de japoneses, procurava sempre ficar com os não-japoneses, isso mudou na faculdade, quando havia muitas pessoas com ascendência japonesa e acabamos tendo afinidade.

10- O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Acho que não podemos esquecer de onde viemos, acho que a obediência, as comidas, a necessidade de estudo são valores muito fortes na cultura japonesa que estou tentando transmitir aos meus filhos. Mas vivemos no Brasil e essa é a cultura que deve prevalecer em minha visão. Tentamos tirar o melhor dos dois lados.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Acho que me identificam como mestiça, mas nunca senti nenhum tipo de estereótipo ligado à essa imagem.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Na verdade só vejo vantagens, já que o mundo está se tornando cada vez mais mestiço. Ter 2 ascendências acho maravilhoso aproveitar o melhor das duas.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla "obrigação" em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Nunca me preocupei com essa obrigação, acho que tento passar para meus filhos o que de melhor vivi e vivo de cada uma das 3 culturas que fazem parte da minha vida.

14- Complete: ser mestiço é \_\_\_\_\_

ter a possibilidade de conhecer e poder escolher o que de melhor cada cultura oferece.

### **Marcela Shimamoto**

24 anos, sansei

- Como foi sua educação? Você teve influências da cultura oriental?

R: Nada de oriental... Em casa a cultura é totalmente brasileira. Às vezes, quando eu vou para casa de algum parente, eles têm o hábito, seguem totalmente a cultura japonesa, as comidas, os costumes... Mas em casa mesmo, nada oriental.

- Você acha que você tem algum traço da cultura japonesa?

R: Eu gosto bastante da comida, mas acho que essa é a maior semelhança com a cultura japonesa. A convivência mesmo, amigos, lugares que os orientais frequentam, esses costumes eu não tenho.

- Como você se relaciona com o fato de parecer mais japonesa do que você é?

R: Então (risos). Eu puxei mais a cultura oriental, meus olhos são bem puxados, tem gente que acha que eu sou japonesa mesmo, mas aí quando convive comigo, já dá para perceber que eu tenho os costumes totalmente brasileiros. Mas eu acho super bonita essa mistura, de ocidental com oriental... Estou satisfeita! (risos)

### **Paulo Roberto Valentini**

23 anos, sansei

- Como é a convivência sua casa? Sua família tem hábitos mais japoneses ou brasileiros?

R: Quase nada de japonês, nós somos mais brasileiros.

- Bom, e você, estava cozinhando no Festival do Japão. Qual o seu interesse pela cultura japonesa?

R: Nada demais, assim. Eu me interessei mas eu não vou muito atrás.

- E como você veio parar aqui?

R: Através dos meus amigos.

- Então você tem um ciclo de amizade com descendentes?

R: Tenho, tenho. Eu moro na Liberdade, todos os meus amigos que moram por perto são japoneses.

- Você acha mais fácil ter um primeiro contato com um descendente do que um ocidental?

R: Não tenho preferência pra fazer amizade, mas com os descendentes eu sinto mais confiança, não sei explicar por quê.

- O que você acha que tem de mais diferente entre a cultura japonesa e a brasileira?  
R: Tradição. Os japoneses são muito mais ligados na tradição. Os japoneses são mais convencionais, mais respeitosos, mais introvertidos.

### **Camila Tiemi Kashiura Borba**

16 anos, yonsei

- Vocês vieram para São Paulo só para o Festival?

R: É, eu vim para participar.

- Você participar como?

R: Eu vim para o concurso Miss Nikkey.

- Você começou a participar do Miss Nikkey por quê?

R: Ah, eu sempre gostei né. Eu ganhei o concurso na minha cidade e vim competir aqui a final.

- Mas você é envolvida com a cultura japonesa?

R: Não muito. Meus avós são japoneses, mas minha mãe já não é muito japonesa, eu sou menos ainda.

- E como a convivência na casa dos seus avós?

R: Tem bastante coisa japonesa, mas faz tempo que eles vieram para o Brasil, acabaram ficando mais brasileiros.

- E qual o traço japonês que você acha que resta na sua família?

R: Não sei, acho que é só a culinária mesmo.

- Qual a maior diferença que você vê entre a cultura japonesa e a cultura brasileira?

R: Não sei (risos). Os japoneses são mais bravos, mais rígidos.

- Como você se relaciona com o fato de parecer japonesa mas não ter tanto conhecimento e interesse pela cultura?

R: Ah, eu gosto. Eu gosto da mistura.

- E qual a principal diferença entre quem é mestiço como você e uma pessoa ocidental?

R: É mais a aparência, eu acho. Quando é japonês, é mais amassado. E quando é mestiço, tem um pouco do japonês, um pouco do brasileiro... Acho que fica mais bonito.

### **Camila Sayuri Kurashima e Fontes**

Minha mãe é brasileira, nasceu na cidade de São Paulo e é nissei. O pai dela é japonês e a mãe é filha de japoneses. Meu pai é brasileiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro, os pais dele são do interior de Minas Gerais e, não tenho muita certeza, mas acho que a ascendência deles é espanhola. Eu nasci na cidade de São Paulo.

2 - Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Brasileira e mestiça, porque não há como um excluir o outro. Brasileira porque é a minha nacionalidade e o fato de ter ascendência japonesa não muda isso, além é claro, de viver dentro dos padrões culturais brasileiros. Mas eu sou mestiça, tenho ascendência japonesa e não-japonesa, os traços físicos mostram isso e cresci cercada pela cultura japonesa, embora não tenha incorporado tudo à minha vida. Mas japonesa nunca me senti.

3 - Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Não acredito que seja exatamente uma identidade diferenciada, porque no meu ponto de vista, muito da sua identidade se dá pelas suas experiências, pelo meio que você vive e pelo modo como você vive. O simples fato de ser mestiço descendente de japoneses e carregar traços físicos ligados a essa origem não cria em você outra identidade, talvez apenas estereótipos atribuídos por outras pessoas devido a essas características físicas. Mas dificilmente esses estereótipos são incorporados pelas pessoas a ponto de criar mesmo uma identidade. Acho que é uma questão mais ampla e a identidade é construída de acordo com a sua trajetória e suas experiências culturais, por exemplo, e não pré-determinada por suas origens. (Ficou confuso? :p)

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Não necessariamente. Conheço muitas (muitas mesmo) pessoas que são netas de japoneses, por exemplo, e pelo fato dos pais terem se distanciado da cultura e das tradições, elas também se desligaram disso, ou seja, só carregam os traços físicos e pouco ou quase nada sabem sobre suas origens japonesas. No entanto, há também pessoas que são descendentes e vivem em um meio onde a cultura e as tradições são presentes e bem fortes, a convivência com o “lado oriental” da família é maior e

a pessoa adquire muito da cultura japonesa. E há, inclusive, o meio termo (acho que incluo nesse), que não se distanciou da cultura japonesa, teve muito contato, mas não aplica muito em sua própria vida, ou seja, tem conhecimento, mas não pratica as tradições e costumes. Tudo depende da criação das pessoas, da maneira como seus avós e pais conseguiram influenciar e passar a cultura.

5 - Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Desde pequena estive muito ligada com a cultura japonesa, por ter nascido e crescido em São Paulo onde ela está muito presente, acho que o contato foi ainda mais constante. Entrei ainda bebê naquelas escolinhas chamadas “Youtien” (acho que é assim que escreve), até uns quatro anos eu basicamente só conversava em japonês na escolinha e em casa, principalmente porque passava muito tempo com meus avós. Lá só havia japoneses e descendentes, tudo era focado na cultura, desde as músicas do coral até nossos lanchinhos que eram os “obentôs” que as mães tinham que mandar. Aí, aos quatro anos mudei para um colégio chamado Pioneiro, onde 90% dos alunos eram descendentes também, embora fosse um colégio “normal”, tipo nos padrões brasileiros. Do Jardim II à 4ª série, sempre tinha no máximo uns três não-descendentes na sala e nunca mestiços, ou eram japas ou não eram rs (normalmente eu era a única mestiça). Fora do horário das aulas, eu fazia Nihongo na escola mesmo (que oferecia o curso paralelamente). Fiz durante 3 anos, porque já tinha esquecido quase tudo que sabia quando era menor. Bom, dos 10 anos em diante, é que mudou muita coisa. Mudei de cidade, para Avaré, e lá a comunidade japonesa é pequena, não é muito organizada e nem um pouco tradicional. Fui me distanciando aos poucos e hoje acho que vivo muito mais longe das tradições, a não ser quando visito meus avós, onde ainda como comidinha japonesa com “ohashi” e arrisco umas palavras em japonês com eles. Em relação à comida, ainda sinto muita falta de quando eu era criança, já que minha mãe também se distanciou um pouco das tradições, mas de vez em quando, ela ainda faz algumas coisinhas como “misssoshiru”, “tempurá”, “shirô-gohan”... Quando posso, vou naquelas festas tradicionais tipo a da Imigrantes, de Marília... Adoro fazer origami até hoje e ainda consigo falar, entender e ler algumas coisas, mas por outro

lado, não conheço nada sobre músicas, mangás, filmes e nunca me interessei muito também, nesse sentido gosto de coisas “comuns”, do Brasil.

6 - Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Nãooo...Que triste! Mas tenho muita vontade!

7 - Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Nossa, acho que já respondi quase tudo na 5 né, mas vamos lá. Em casa eu tive muitas referências quando criança, passava quase o dia todo na casa da batian e do ditian, conversava bastante em japonês, comia comidinha japonesa todo dia, com utensílios japoneses rs, ouvia musiquinhas japonesas (mas as de criança), via alguns desenhos em japonês, aprendi origami, frequentei muitas feirinhas, “Bon-Odoris”, “Undokais”, tinha roupinhas, presentes, brinquedos que meu tio trazia do Japão. Ah, na casa deles sempre teve aquele altar “Hotokesan” em respeito e homenagem aos parentes mortos e diariamente colocam uma oferenda, tipo chá, gohan, flores e acendem um incenso, enfim... Mas aos poucos me distanciei fisicamente dessas tradições e consigo manter apenas um pouquinho, em casa, com minha mãe.

8 - Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Hoje não pratico muita coisa. Sei cozinhar algumas coisas da culinária japonesa e às vezes até faço só para mim aqui em Bauru, mas é bem raro. Costumo frequentar alguns restaurantes, às vezes. Esportes não. Já fiz umas aulas de Softbol, que é o Baseball feminino. Mas achei muito aleatório pra mim e não levei a sério. Ah, eu jogo bem Ping-Pong. Tá bom! Isso não conta haha. Em relação à religião, cresci dentro de uma que tem origem no Japão – a Messiânica, que já é bastante conhecida no Brasil, mas nem todo mundo tem conhecimento. Seu fundador e líder espiritual é japonês e tem uma filosofia bem interessante onde ficam bem evidentes traços da cultura oriental. Mas por curiosidade, eu quis fazer Primeira Comunhão e frequentar

a Igreja Católica quando já era um pouco maior. Hoje ainda frequento as duas por vontade própria. Já tive muita vontade de fazer Judô, porque eu acho muito legal a filosofia, aprender Taikô também e outras coisas... Mas tudo não passou de vontade e hoje me sinto meio frustrada por não ter levado a sério mesmo hahah....

9 - Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Eu procuro sim, porque eu sinto saudades de algumas coisas. Hoje, o que mais me aproxima, além da rara convivência com meus avós e outros parentes japoneses, são as festinhas tipo a de São Paulo, de Marília, algumas outras por aí e sempre que possível eu procuro ir. Mas acho que é só, dificilmente me interessa por músicas, filmes, expressões artísticas. Ah, talvez a culinária e a abundância de restaurantes em qualquer lugar também ajude. E visitar a Liberdade, mesmo que seja algo bem momentâneo, tipo uma enxurrada de coisas e informações japonesas que depois que você entra de volta no metrô acaba, acho que ajuda muito a sentir aquele ar de “Japão fora do Japão” e é muito gostoso.

10 - O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Infelizmente acho que, mesmo que involuntariamente, as tradições acabam se perdendo aos pouquinhos. Mesmo que a gente se esforce para manter, cada vez a influência do nosso meio vai interferir nisso. Eu vejo por mim, tive todas as chances de saber muito mais sobre a língua, tradições e costumes, mas conforme fui vivendo ambientes e relações sociais que saíram daquele universo de “só japas” fui me abraileirando. Gostaria sim de passar tudo e que meus filhos tivessem mais contato até do que eu, porque eu acho muito rica e bonita a cultura oriental como um todo, não só a japonesa, mas eles serão ainda mais miscigenados do que eu, os avós deles já não serão mais os japoneses “vindos do Japão” e o meio em que eles viverão será ainda mais influenciado por diversas outras culturas. Quem sabe, incentivar a conhecer o idioma, a culinária e algumas tradições que eu vivi possa manter um pouquinho viva a tradição, mas acho que é cada vez mais trabalhoso. Digo por mim e por muitos mestiços que eu conheço. Pelo tempo que morei em São Paulo (e acredito que haja isso em outras cidades, claro), mas há ainda

descendentes muito mais japoneses do que brasileiros, que andam em turmas somente de orientais, só namoram e casam com orientais (na minha família é beeeem comum) e mantém muito viva a cultura, nesses casos, acho que por muitas gerações ela continuará viva e forte.

11 - Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Me identificam como japonesa, japa, japoronga hahaha. Paciência, de fato está estampado isso no rosto. Mas não acho que seja motivo de incômodo, pelo contrário, acho que até gosto, mostra um pouco dessa força da raça (embora raça não seja a melhor palavra), mas enfim, o caso é que se você tem ascendência espanhola, ninguém vai ficar te chamando de espanhol por aí a não ser que você tenha sotaque ou algo assim... Talvez alemão seja facilmente identificado, mas não é tão comum...É interessantes como os orientais e principalmente os japoneses carregam isso e se torna uma marca forte. Pode ser um tipo de preconceito? Até pode, mas acho desnecessário encarar assim, ninguém gosta muito de estereótipos, mas nesse caso não sinto como algo desagradável. Mestiços é um caso mais peculiar ainda porque quem não é oriental acha que você é O japonês da turma, pergunta um monte de coisa....Quem é japa mesmo, sem miscigenação já não enxerga você como sendo japonês. É um meio termo estranho e às vezes eu mesma não sei “de que lado eu sou”. Em relação aos estereótipos ligados ao comportamento e condições sociais é comum ouvir que você é nerd, que quando você está prestando vestibular quem está em volta e não é japonês não tem chances, que sua família é rica...Mas tudo tem explicações históricas que provavelmente todos já saibam. São ideias taxativas, mas dentro da sociedade, todos precisam saber lidar com esses rótulos.

(o da Gueixa acho que é mestiço, ela era mais japa e ficou brasileira, coloquei nesse grupo porque tem bem mais mestiço do que brasileiro, se você quiser pode mudar. Se quiser fazer dois perfis para cada grupo ela daria um bom perfil!)

### **Raquel Miwa Regazzo**

Meu pai é japonês e minha mãe é descendente de Italiano.



2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Brasileiro, porque meu pai é um japonês do "paraguai" ele nunca incentivou a cultura japonesa em casa. Me considero japonesa somente em relação a comida que eu ADORO!!!

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Acredito que sim porque não é nem japonês nem brasileiro é um meio termo e muitas vezes vejo pessoas perdidas por isto.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Com certeza!

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

não sei dizer... talvez eu passe que sou uma pessoa tranquila e centrada e as vezes calada o que pode ser traço da cultura japonesa e muito ansiosa querendo tudo para ontem que com certeza é da cultura brasileira

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Nunca.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Somente relacionado a comida... adoro comida japonesa como sushi e sashimi.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Não adotei

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

não, porque nunca me interessei.

10- O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

acho que independente da cultura temos que transmitir honestidade, humildade, integridade e todas as coisas boas para nossos filhos.

11-Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Já ouvi dizer que sou uma pessoa centrada, calma e calada e que isto talvez fosse parte da cultura japonesa.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Como me sinto bem brasileira eu não vejo nem vantagem nem desvantagem.

Talvez uma vantagem é ter uma avó que faz comidas deliciosas tipicamente japonesa e outra que faz comidas tipicamente italianas/ brasileira.

13-Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Não. Meu pai nunca impôs nada em relação a isto.

14- Complete: ser mestiço é no meu caso ser brasileiro com o olho puxado....rsrs

### **Thiago Camargos Koguchi**

Meu pai é brasileiro, minha avó paterna é filha de japoneses nascida no Brasil e meu avô paterno é japonês, nascido em Yamagata. Minha mãe é brasileira, descendente de espanhóis, portugueses e indígenas.

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê? Brasileiro, porque eu acredito que sou mais um exemplo do que significa a miscigenação de etnias no Brasil.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê? Não necessariamente, isso depende dos valores transmitidos pela família durante a formação da pessoa.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas? Sim, até porque a palavra faz muito sentido nesse aspecto cultural.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira? É difícil definir os traços de cada cultura na minha formação.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência. Não.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...) Durante minha infância, assisti a vários seriados de heróis japoneses e animes (desenhos animados), mas nunca senti que fosse pelo fato de serem japoneses.

8-Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria? Comecei a ouvir músicas de bandas de rock e pop japonesas (chamado J-Rock), mas por influência de amigos meus - que, aliás, não são mestiços, mas tinham mais identificação pela cultura japonesa do que eu. Ou seja, não foi por influência de família ou vontade própria diretamente.

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê? Não necessariamente. Certas coisas me agradam independentemente de sua origem.

10-O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê? Acho que não faria questão de transmitir. Prefiro que meus filhos tenham contato aberto ao maior número possível de culturas sem que haja uma 'questão'. Acredito que assim seja melhor para ver que não existe uma cultura melhor que a outra, apenas existem diferenças.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços? As pessoas me identificam sempre como 'japonês' ou 'mestiço', mas nunca brasileiro. Os mestiços são, por estereotipagem, inteligentes, formais em relação a suas obrigações e reservados.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens? Nunca vivenciei diretamente uma vantagem, mas a desvantagem é ser refém do estereótipo, o que causa muitas situações desagradáveis, como bullying.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla "obrigação" em relação a preservação das culturas nas quais vive? A preservação da cultura é uma questão delicada, ainda mais se tratando de duas culturas tão distintas. Vejo que muitas famílias conservam algumas tradições culturais, mas a cultura em si é algo muito

mais amplo e complexo. E se a preservação se torna uma questão de “obrigação”, acho que o caminho para isso pode não ser tão prazeroso.

14- Complete: ser mestiço é uma experiência bastante significativa de poder conviver com duas culturas tão diferentes e saber aproveitá-las de uma maneira que nos destaque dentro da sociedade brasileira.

### **Marcelo Seiju Guglielmetti Untem**

- O que você está fazendo aqui no evento?

R: Várias coisas! A gente cuida da área de entrada e saída, praça de alimentação, organização das pessoas...

- Por que você decidiu ser voluntário?

R: Porque é muito legal ser voluntário, se aproximar da cultura, fazer o evento ser legal...

- O seu interesse pela cultura é influência da sua criação?

R: É, meu pai sempre fez questão que eu fizesse tênis de mesa ou algum esporte ligado à cultura japonesa, aprender japonês...

- Você se identifica mais com qual cultura?

R: Acho que por ser misturado, eu sou mais brasileiro. Japonês tem aquela coisa de ser certinho, meio fechado, e eu não sou assim.

- E qual é o melhor aspecto de ser mestiço?

R: É você juntar duas culturas e pegar o melhor de cada uma, aprender, viver aquilo e passar para os outros. Se você é descendente de italiano, japonês, qualquer coisa, tentar passar isso para frente.

- Por que compensa ser voluntário?

R: Eu estou ajudando a divulgar minha cultura. Imagina, se não tivesse tudo bem organizado, bem bonito, as pessoas iam vir e não iam aprender tanto sobre a cultura japonesa, tudo o que nós queremos passar para elas.

### **Fábio Kawasetsu**

Quem da sua família é japonês?

Meu pai!

Você é nissei então?

Sansei! Meu pai na realidade é nascido no brasil! a mãe dele era japonesa legítima!

E como foi o seu contato com a cultura japonesa na infância? Alguma coisa marca você de maneira diferente?

Meu contato com a cultura era frequente, pois morei com ela durante uma boa parte da minha infância! Tinha o lado religioso dela, e o lance de respeito pelos antepassados! Ela tinha o costume de participar nas celebrações das missas dos falecidos, reunia a família, com o seu jeito peculiar! Me marcou também o gosto pela comida típica! Ela preparava muitos pratos, e influenciou muito a minha mãe! Que não tem nada de japonês!

Pelo jeito sua avó é muito especial para você, né?!

Sim, bastante!

Seria um traço da cultura japonesa com o qual você se identifica? (respeito aos mais velhos, admiração...)

Creio que sim!

Com o seu avô você não teve muita convivência?

Não... Infelizmente ele havia falecido quando eu era muito pequeno, então não tenho lembranças dele!

E quando você morava com sua avó, morava também com seus pais?

Sim! Era uma casa razoavelmente grande, um sobrado! Minha avó morava em cima,

e eu e meus pais em baixo!

E você foi criado dentro da tradição e dos valores japoneseS?

Engraçado, imagino que sim, porque é uma coisa natural pra mim... Não penso quando estou diante de pessoas assim... Então imagino que foi sim dentro desta tradição!

Eu lembro que você disse que dos filhos, você era o que mais puxava a cultura japonesa né?!

É! meus irmãos não são muito ligados a isso!

E você acha que isso tem a ver com o quê? Já que vocês foram criados no mesmo ambiente...

Pois é... Não sei explicar porque eu sou assim e meus irmãos não... Já que sempre estivemos morando juntos no mesmo ambiente... Talvez, por ser mais velho, as cobranças seriam maiores nesse sentido... Mas não me lembro se o tratamento era diferente comigo e meus irmãos por parte da minha avó... Acho que não.

Seu pai era rígido na sua criação?

Bem que eu gostaria... Mas não era muito não...

Você gostaria que ele tivesse sido rígido?

Talvez... Não pela rigidez, sabe, mas talvez mais pelas atitudes, presença, apoio. Meu pai foi uma pessoa muito bajulada quando era mais novo, filho homem único, sabe? Esse deve ter sido inclusive sido um dos motivos da separação dos meus pais...

Ahh sim, seus pais são separados então!

Aham! Já tem um bom tempo!

Quantos anos você tinha quando eles se separaram?

Por volta dos 12 anos!

E bom, o que mais você pode me dizer da sua infância? Alguma lembrança específica?

Eu também gostava quando a minha avó recebia outros tios, e eles traziam um monte de doces!

Japonês sempre leva alguma coisa quando vai a casa dos outros, né?!

Sim, pela tradição! Minha batchan participava de atividades do seicho-no-ie! Então sempre tinha undokai, kodomokai...

Você participava?

Sempre participava... Apesar de não ganhar! Mas gostava porque sempre no final tinha um montão de coisas pra comer!

E de maneira geral, na infância, adolescência, como você lidava com o fato de ser mestiço?

Ah, que eu me lembre, meu problema era porque era gordinho, e não por conta de ser mestiço! Tinha uns amiguinhos que me chamavam de japa, mas eu gostava!

Você achava bom ser reconhecido como japonês?

Como convivia com minha família japa, e sempre tinha um primo mala do outro lado da família que me enchia, então não ligava! Eu achava legal me considerarem japonês!

E agora, adulto, você olha para você, seus valores e comportamentos, sua formação, e acha que isso de alguma maneira destaca você das outras pessoas que não tiveram essa influência da cultura oriental?

Pois é! Sinto que devo ter o mínimo de conhecimento da cultura japonesa, já fui criado com essa influência! Então às vezes me sinto privilegiado, comparado com primos do lado do meu pai, que nem sabe e nem dão a mínima pra certas coisas...

E sobre o aikidô? O que te motiva?

A disciplina, a filosofia... Fora q é derivado da própria cultura! Foi como unir o útil ao agradável!

Você diria que pratica aikidô porque BUSCA alguma coisa nele ou porque se IDENTIFICA com algo que o esporte transmite?

Eu diria que eu buscava algo q me ajudasse em minha disciplina! Por consequência, acabei me identificando também!

Com o que você se identifica?

A hierarquia perante os mais velhos, respeito à sabedoria!

E hoje a cultura você sente que é algo que une você à memória da sua avó?



Sim! Hoje percebo o quanto ela tentava se esforçar pra transmitir o que sou! Mas quando eu era moleque, não ligava muito... Mas respeitava! Pois sabia que senão levava bronca! Coisas de moleque mesmo...

E que quais partes de você se identifica com cada cultura?

Bom, eu acho q o lado extrovertido (não que eu seja, mas eu era muito mais fechado antes). É parte da minha mãe! E o lado mais centrado, focado, seja o lado da cultura japonesa!

Você se identifica com alguns estereótipos? Do lado japonês, de ser certinho, metódico, regrado...

É... E também me cobro muito!

Do lado brasileiro, de dar aquele "jeitinho", malandragem?

Isso! Exatamente! Mas, sabe, às vezes bem q gostaria de ser meio "malandro"... Mas não consigo...

Gostaria por quê?

As pessoas já me falaram que sou certinho demais. Mas também não vejo vantagem nenhuma em tirar vantagens de outras pessoas.

E você acha que isso te prejudica de alguma maneira?

Ah, penso que sim! Pode ser q não naquele momento, mas uma hora "a casa cai"!

Sua adolescência, como foi? Era aborrecente?

Acho que não... Quem mais deu trabalho foi meu irmão do meio! Eu sempre fui

quietinho, obediente!

Outros detalhes sobre você... Tem alguma comida preferida? Mania? Hobby?

Comida preferida: comida japa, em especial karê! Mania: gosto de fuçar aparelhos tecnológicos! Hobby: gosto de ler mangás, ver animes, jogar videogame!

Tudo “coisa de japonês”!

E treinar aikidô! Nossa, é verdade!

Você fala japonês?

Bem pouquinho! Fiz um curso durante uns 2 anos e meio... Ainda quero voltar a estudar japonês!

E já foi pro Japão?

Uma vez, a passeio!

E como foi a experiência?

Fiquei uns 20 e poucos dias de férias! Foi maravilhoso! O cuidado que as pessoas de lá tem pelo ambiente, sempre limpo! O respeito... Tudo que eles fazem visam evitar o desperdício!

Se você pudesse ensinar um valor japonês aos brasileiros o que seria? E o contrário?

Para os brasileiros a ideia de evitar o desperdício e respeito ou outro! O contrário seria não se fechar demais! Ser um pouco mais afetivo!

### **Guilherme Oikawa**

Por favor, nos informe seu nome completo, idade, ascendência, cidade de origem e ocupação.

Guilherme Oikawa de Moraes. 22 anos. Sansei (terceira geração) mestiço. S.J.Campos-SP-Brasil. Dekassegui.

Qual o nome de seus avós e pais e onde eles nasceram?

Avós paternos: Antônio Leite Jr. – Paraisópolis – MG

    Maria Aparecida de Jesus – Paraisópolis – MG

Avós maternos: Kumao Oikawa – Estado de Yamanashi – JP (Que na verdade era Kumao Ikeda, mas mudou seu sobrenome quando casou com minha avó.)

    Satsuko Oikawa – Hokkaidou – JP (Registrada em outro estado, porém nascida em Hokkaidou)

Pai e mãe: Carlito Leite de Moraes – Ibatí – PR

    Teresinha Yuko Oikawa de Moraes – Adamantina – SP

Quem da sua família é imigrante? Quando e por que essa pessoa veio ao Brasil?

Meus avós maternos.

Meu avô chegou ao Brasil muito jovem, com seu tio. Pois havia perdido seus pais quando ainda criança. Não tenho certeza absoluta, mas até onde sei, eles vieram com a ilusão de uma vida melhor, já que na época o Japão estava passando muitas necessidades e faziase muita propaganda do Brasil, com promessas de uma vida melhor, aparentemente irrecusável.

Minha avó chegou em 1932, com 12 anos de idade. Sua família decidiu mudar de país por incentivo e pedido de um tio (irmão de seu pai). Pra família da minha avó não era muito interessante, pois mesmo com o Japão em crise, sua vida financeira era relativamente boa. Mas atendendo ao pedido de seu irmão, para completar a

quantia necessária de pessoas para embarcar no navio, rumo a uma “vida maravilhosa”, o meu bisavô decidiu cooperar e encarar a “aventura”. Todos deram com a cara no muro, pois as condições de serviço eram horríveis. Mas graças ao bom Deus eles vieram, caso contrário eu não estaria aqui relatando e registrando isso hoje.

Onde e como essa pessoa viveu no Brasil? (Como era o trabalho, o relacionamento com os brasileiros, experiências em geral)

Creio que quase todos os “dekassegui” daquela época viviam (ou tentavam viver) do plantio nas lavouras no estado de SP. E com meus avós não foi diferente, trabalhando desde muito cedo, senão na lavoura, ajudando em casa. Vale frisar que nessa época a dificuldade foi muito grande. Eles não entendiam absolutamente nada do idioma, não conheciam a cultura bras, não eram acostumados com o clima tropical nem com a culinária brasileira. Nem o feijão, que hoje é muito apreciado pela grande maioria.

Contato com brasileiros nessa época então, só mesmo no serviço.

Quando se conheceram e casaram, já trabalhavam por conta própria e se mudaram várias vezes de lugar. Moraram no estado do RJ e SP, vivendo basicamente do plantio de tomate e um pouco de criação de bicho da seda. Quando já tinha certa idade, meu avô já sem muita força para trabalhar na plantação, começou a viver do tofu (queijo de soja). Ele fazia e vendia. O contato e uma certa amizade com alguns brasileiros já existia nessa época, mesmo sem saber falar muito o idioma.

Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Sem sombra de dúvidas! No aspecto físico, mental e emocional. O mestiço, na minha opinião é uma mistura da beleza, delicadeza, paciência, perfeccionismo, respeito e obediência oriental ao seu superior e às regras impostas pela sociedade (até em excesso muitas vezes...de maneira bitolada mesmo.), com a saúde, vitalidade, disposição, determinação, garra, felicidade, fé em Deus, amor ao próximo, afetividade e carinho humano, mas tudo isso com personalidade e atitude

pra expor sua opinião quando não concorda com algo. Que são características brasileiras e está introduzido, implantado e carimbado em todo brasileiro desde quando nasce.

O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Obrigatoriamente não, pois cultura é opcional. A família ou o próprio indivíduo pode introduzi-la, ou por algum motivo radical “apagá-la”. Mas desde que o indivíduo viva em sociedade e não siga um padrão muito radical, querendo ou não, algumas características de ambas as culturas acabam aparecendo.

Ela pode ser na maneira de agir ou encarar uma situação inesperada, na maneira de pensar, em alguma expressão caracteristicamente oriental ou brasileira, na preferência por certo alimento, esporte, música e por aí vai... . Claro que isso tudo depende principalmente da estrutura familiar do indivíduo, no ambiente em q foi criado, da base de educação e preparação q ele teve. E quase sempre têm influência japa e bras.

Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Da cultura japonesa talvez o fato de buscar sempre a praticidade para resolver algumas tarefas do dia a dia. Ouvir muito e falar pouco. A maneira fria e calculista em algumas ocasiões e querer me manter sempre organizado (nem sempre consigo) com as coisas. Comer oniguri também.

Da cultura brasileira juntada a uma curiosidade e interesse, a aceitação de Jesus como único e suficiente salvador, o temor e amor a Deus. Persistência, cuidado (às vezes excessivo) com o próximo, gostar de fut hauhau. Vontade de comer feijão todos os dias no almoço e jantar.

Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Várias palavras do idioma japonês utilizadas com grande frequência acabam saindo sem querer, mesmo estando em um ambiente completamente não nipônico. A mania de mexer a cabeça pra frente e pra trás cumprimentando outra pessoa. Gostar de shoyu na salada de alface e no tofu e por aí vai.

Você escolheu, por livre e espontânea vontade, adotar algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa?

Prestar muita atenção, ouvir muito e falar pouco.

Não é exclusivamente da cultura japonesa, mas a culinária japa eu gosto.

Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?  
Tento entender os costumes, a maneira de falar e tudo o que é considerado padrão em cada cidade que vou morar. E assim estudar, formar uma opinião e um modo agir.

O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Da cultura japa, alguns detalhes bons pra se algum dia eles quiserem ou precisar morar no Japão.

Da cultura bras principalmente a solidariedade com o próximo.

Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

No Japão basta você não ter nacionalidade japa, que as pessoas te deixam isso bem claro. Sendo mestiço ou descendente não mestiço você é um GAIJIN.

Mas aos poucos a coisa ta mudando. Hoje em dia no próprio mercado de trabalho japonês já há áreas que se preferem mestiços á japoneses. Principalmente áreas que mexem com a beleza física.

No Brasil sempre gostei muito de ser mestiço. Reparei que as pessoas dão mais credibilidade em algumas coisas, só pelo fato de você ter “olhos puxados”, mas com criação brasileira. As pessoas te supervalorizam em algumas áreas.

Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

No Japão é vantajoso se você quiser ser modelo. Tirando isso você é gaijin como qualquer outro estrangeiro.

No Brasil quase sempre o mestiço é “o japinha bonitinho” da parte brasileira da família, da sala de aula, da galera ou de qualquer outro grupo brasileiro que ele faça parte. Na escola é tido como inteligente, mesmo não sendo muito. Sendo assim, muito bem tratado.

A desvantagem, que eu particularmente não ligo nem um pouco (pois tenho uma opinião formada sobre isso), é que no Brasil você é “japa”, já no Japão você é “bras”. Outra desvantagem (essa incomoda um pouco, mas também estimula a melhorar constantemente), é que em determinadas atividades esportivas, o oriental em geral não é muito bem visto. Você tem que sempre ser melhor que todos os outros em algum fundamento, caso queira ser aceito.

Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive?

A partir do momento que algo é encarado como obrigação, isso acaba pressionando muito a pessoa e acaba se tornando uma coisa negativa, quando na verdade é um privilégio desfrutar dessa dupla influência cultural. Acho que obrigação ninguém tem, mas concordo com quem preserva e eu também, na medida em que meu pouco conhecimento permite, tento passar pra quem tem interesse!

Apesar de "grandão" e ter cara de sério ou bravo (sempre me falam isso), não faço mal a ninguém. Quando estou concentrado em algo e analisando, sempre perguntam se estou com sono. Procuro sempre ouvir muito, analisar bem e falar

pouco, pois Deus me deu 2 ouvidos e orelhas e 1 boca só. Abro exceção para os momentos q estou entre amigos, principalmente do futebol...

Tento não fazer aos outros o que não quero q façam pra mim. Sou insistente e n meço esforços pra alcançar um objetivo. Me esforço o possível p fazer até o final o que comecei. Não curto injustiça e falsa acusação e não abaixo a cabeça p quem quer q seja, se tiver certeza q não estou errado. ( Só pra Deus e meus pais).

Às vezes posso ser meio frio com algumas pessoas, mesmo n tendo essa intenção. Posso ser mais frio ainda, caso tenha a intenção. Tenho muito medo de machucar as pessoas e algumas vezes me dou meio mal por isso.

Pra eu expressar meus sentimentos p alguém, essa pessoa tem q ser muuuuito especial. Sou evangélico há algum tempo, talvez com o q aprendi através da palavra creio sempre que o único q tem o direito d julgar ou condenar alguém é Deus. Tento n julgar ninguém e sempre perdoar e amar meu próximo com o amor d Cristo. Claro q n é nda fácil. E também nem vou dizer q consigo sempre pq vai ser mentira. Muitas vezes no serviço ou até mesmo fora do serviço tem alguém q te enche muuuuito o saco e te deixa meio bravo, mas sempre faço o possível pra conseguir isso. Sou falho pra caramba, mas tento melhorar como pessoa a cada dia q passa. A moeda sempre tem dois lados, então busco sempre ver o lado positivo da situação.

E isso tudo ae eu faço o máximo mesmo pra conseguir....porque quando a gente mora sozinho, ta longe do país e da família, é fácil de se perder....de se afundar....de largar tudo.

### **Letícia Satie Horiguti**

“Se eu quiser segurar minha cultura, eu posso aprender, me aprofundar, passar isso para os meus filhos”

“Eu sou mais voltada à cultura agora, que estou participando da organização dos eventos. Meus avós são bem tradicionais, mas a minha família quebra um pouco isso. Lá em casa é todo mundo bem mais brasileiro”

“Eu procurei a cultura por vontade própria, para conhecer mais a cultura. Eu penso assim, a minha visão que eu tenho da minha casa, é que eu sou mais nissei que a



minha mãe, sou mais voltada à cultura do que minha mãe. Eu já sei mais dos eventos, eu participo, eu conheço... Tenho muita vontade aprender a falar japonês”

“Eu sempre gostei muito da cultura. Sempre quis conhecer, me aprofundar, sempre quis ir para o Japão, estudar, conseguir conversar em japonês. Mas é uma coisa muito minha isso. É aquela coisa de ter orgulho de ser descendente de japonês e de não querer deixar morrer isso”

“Apesar de eu ter nascido aqui, eu gosto muito do Japão, gosto muito da cultura. As tradições são muito ricas. Aqui no Brasil o povo acha que se for para o Japão só vai comer sushi e peixe cru, e isso é um preconceito”

“Não quero deixar morrer as tradições, as lendas. Se eu pudesse escolher uma coisa só para os meus filhos seguirem seria a língua, aprender o japonês, a se comunicar em japonês. Tem tanto amigo meu que é nissei, sansei e não sabe falar... É tanta gente perdendo isso de aprender o japonês, e, ao mesmo tempo, tem tanto brasileiro que não tem ascendência nenhuma é tá aprendendo. Eu acho que tem que segurar, cultivar a cultura”

“Por mais que você seja mestiço, só por você ter o olho puxado as pessoas já acham que você tem que ser assim ou assado: tem que ser certinho, estudioso, uma visão bem taxada. Eu sofro isso, esse preconceito. Acaba sendo muita pressão, parece que você é predestinado a ser o melhor”

- O que destaca em você da cultura brasileira?

R: (silêncio). Não sei, de verdade.

“Os brasileiros são muito inconstantes, não pensam nos pais, nos avós. Os japoneses são criados para dar orgulho, honrar o nome da família. Apesar dos meus pais serem muito rígidos, eles sabem a medida. É a educação que eu quero dar para os meus filhos, muito regrada, mas a confiança a gente precisa conquistar e só depois dá pra ser mais maleável.”

- Como você se define?

R: Eu falo que eu sou mestiça, mas só porque eu nasci aqui. Eu sou mesmo japonesa, não gosto nem da comida brasileira.

**Eric Mitsuo Ogata**

- Você se considera um mestiço mais japonês ou mais brasileiro? Por quê?

R: Eu me considero mais puxado para o lado oriental, porque eu sempre estou pesquisando sobre o assunto e gosto da cultura japonesa. Tanto que na casa dos meus avós eu procuro ser o mais oriental possível: nas conversas, no próprio respeito que eu tenho com eles. Eu busco ser o mais oriental possível, eu admiro muito a cultura.

- Seus avós falam português?

R: Eles são japoneses, mas eles falam português. Minha avó, que nasceu no Japão, veio pequena para cá. Mas eu procuro falar mais japonês com eles.

- Seu interesse pela cultura, você acredita que tenha sido influência dos seus pais ou vontade própria?

R: Eu acredito que todo o descendente já quer, naturalmente, saber mais da cultura japonesa. Não sei se é mais por influência dos pais, mas por causa da própria convivência que ele tem, ele sempre procura conhecer as raízes. Acho que é meio um instinto.

- E você tem esse interesse com ambas as culturas?

R: (risos) Eu prefiro a cultura japonesa.

- Por quê?

R: Eu não sei dizer por quê. A cultura japonesa me atrai mais.

- Que traços pessoais você identifica como mais orientais e por quê?

R: O que eu vejo, por exemplo, entre as pessoas da minha idade é a diferença do respeito com os mais velhos. É um costume que eu já tenho, que vem da minha família: toda vez que passa uma pessoa mais velha, você abaixa a cabeça, faz uma reverência. Isso eu não vejo entre as pessoas da minha idade. Normalmente elas passam e nem olham, passam reto. Eu acredito que isso venha mesmo da cultura oriental.

- E por desenho? Quando você começou a se interessar?

R: Eu comecei a me interessar depois dos 15 anos. Conforme eu busquei mais a cultura japonesa, fui me interessando mais. Hoje eu faço aulas de desenho.

- De que maneira você julga o olhar do não-oriental sobre a cultura japonesa?

R: Eu acho que as pessoas que não são orientais tendem a querer aprender muito mais sobre a cultura, porque não é uma coisa cotidiana deles. Então elas, muitas vezes, são mais interessadas que os próprios descendentes. Eu acho legal que as pessoas queiram aprender sobre isso, acho muito legal.

- Se você tivesse que explicar para essa pessoa não-oriental o que é a cultura japonesa, como você explicaria?

R: A coisa que eu acho mais diferente entre a cultura japonesa e a cultura brasileira é o sistema familiar. Até em casa a família é organizada mais ou menos como uma “empresa”, existe uma hierarquia e um respeito muito grande. Eu sinto que, para os brasileiros, é meio todo mundo igual.

- Como é seu círculo de amizades? Você convive mais com descendentes ou mais com ocidentais?

R: Ah, eu acho que todo japonês acaba fazendo mais amigos japoneses, isso eu acho muito normal.

- Você sente mais afinidade com descendentes de japonês?

R: Eu não vejo muita diferença. Nas conversas eu vejo diferenças... É mais fácil puxar conversa com um descendente de japonês, as piadinhas, a cultura em si, facilitam.

### **Thaís Matsumoto**

“Acho que é mais difícil eu me dar com as pessoas que são só brasileiras, por causa dos costumes... É difícil levá-las para minha família, para minha casa, porque é mais cultura japonesa, mesmo... Acho que japonês é mais fácil, mais próximo. Dá mais confiança, mas eu não sei explicar.”

“Mestiço é uma coisa diferente, né?! Ter juntado as duas culturas é bem legal”

“A cultura japonesa é mais rígida, pensa muito no estudo... os japoneses são mais esforçados, sempre fazem tudo certinho, com perfeição, sempre se superando, não ficam estacionados.”

- Você quer passar esses valores para os seus filhos?

R: Com certeza! Eu acho que esse jeito mais rígido é melhor para o futuro...”

**Pamela de Souza Arakaki**

Nasci em Foz do Iguaçu - PR, e tenho 22 anos. Sou universitária, estou cursando o 8º termo de engenharia civil na UNESP - Campus Bauru.

Pai: meu pai é nissei. Meus avós que nasceram no Japão, em Okinawa. Vieram para cá na 2ª embarcação de japoneses. Meu pai é engenheiro elétrico.

Mãe: minha mãe é brasileira. Na família dela tem de tudo (negro, italiano, português, índio), só faltava japonês (rs). Minha mãe é do lar.

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Eu me considero totalmente mestiça, porque as duas culturas fazem bastante parte da minha vida. Desde cedo eu aprendi ambos os costumes (alimentação, religião, social, etc.). Mas creio eu que isso acontece devido ao meu contato intenso com as duas partes da família. Sem contar, também, que fisicamente fica nítido que eu sou mestiça; afinal tenho treços fortes das duas partes.

3 - Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Sim, pois aqueles, que como eu, não se identificam mais com uma cultura ou outra; acabam não sabendo qual é a sua identidade.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Eu acho que sim. Pois eu tenho parentes que são mestiços, mas adotam todos os costumes japoneses, ou seja, acabam agindo como legítimos japoneses. Pra mim, mestiçagem tem tudo haver com cultura, não com ascendência.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Cultura japonesa: sou uma pessoa muito calma, racional, centrada, objetiva.

Cultura brasileira: sou muito comunicativa, alegre, nunca desisto de nada.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Infelizmente nunca fui ao Japão, mas pretendo ir um dia.

7-Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Gorram (é assim que escreve? rs) e sushi não faltam em casa e sempre tiramos os sapatos antes de entrar.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Eu gosto muito de tênis de mesa. Fiz por influência familiar, porque meu pai me deu uma mesa oficial de Dia das Crianças. No início eu praticava bastante, mas agora é apenas um hobby.

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Eu não me interesso. Tenho uma tia que vive falando pra eu ir com ela nas reuniões de descendentes da 1ª imigração, mas nunca quis ir.

Digamos que eu não faço questão de saber mais sobre a cultura japonesa, se surge algo novo no meu cotidiano e eu acabo aprendendo, tudo bem. Mas ir em busca de mais aprendizado eu não vou não.

10- O que você faz (fará) questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Japonesa: eu acho que principalmente a educação, no sentido de escola (cobrar bastante, mostrar que estudo é o princípio de tudo) e no sentido de respeito ao próximo.

Brasileira: nunca desistir dos objetivos, estar sempre com um sorriso no rosto.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

As pessoas sempre identificam mestiços como japoneses, daí já associam com pessoas super inteligentes que irão roubar sua vaga no mercado de trabalho.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Pra mim não muda ser mestiça ou não. Pelo menos por enquanto isso não influenciou, nem me prejudicou em nada.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Eu acho que sim, pois tanto minha família por parte de mãe, quanto a de pai cobram bastante isso. Querem que levemos os costumes adiante, para que estes nunca morram. Mas isso não quer dizer que eu o faça (rs).

14- Complete: ser mestiço é ser uma mistura!

### **Beatriz Ota Carvalho**

Mãe: natural de Caraguatatuba [nissei], pai: Natural do Rio de Janeiro; São José dos Campos

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Mestiça, com orgulho, por conseguir absorver um pouco de duas culturas riquíssimas como a japonesa e brasileira.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

O mestiço, em geral, possui as características de ambas as culturas, tornando-o mais "flexível", consegue se adaptar a qualquer uma das duas.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Não. Isso depende da criação, mas acredito que a maioria dos mestiços, por menor que seja, tem das duas culturas sim.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

O grande respeito pelos mais velhos, que é uma marcante característica da cultura japonesa. O jogo de cintura, maleabilidade, o "jeitinho brasileiro".

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Não.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Batian/Ditian

Gohan

Culinária no geral, presença de Hashi nos talheres, panela de gohan, quadros de figuras japonesas.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Influência familiar e vontade própria. Gosto muito de preparar pratos da culinária japonesa, e quem me ensinou [a cozinhar e a gostar] foi a minha "batian".

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Sim, AMO a culinária, e pretendo fazer aulas de nihongako!

10-O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

O respeito com os mais velhos, a união da família, disciplina - que eu própria, ao último, não aderi tão bem! (japonesa); a receptividade, e flexibilidade do brasileiro.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Acredito que me identifiquem como mestiça, ou japonesa, e o estereótipo que é lançado aos japoneses/descendentes em geral, é o de "nerd".

12-Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Modestamente, acho uma bela mistura fisicamente. Ao mesmo tempo em que os mestiços podem se identificar com duas culturas ao mesmo tempo, podem também se sentir deslocados e com a sensação de que não pertence a "lugar nenhum".

13-Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla "obrigação" em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Não necessariamente.

14- Complete: ser mestiço é ser dois em um!

### **Caroline Tomie Sato Gomes**

20 anos, japonesa por parte de mãe (nissei) e brasileira parte de pai (português), sou de Campinas e sou estudante de graduação em Eng. Alimentos. Meus pais são aposentados.

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Me considero mestiça pois desde pequena todos me dizem isso e eu cresci assim. Além disso sempre cresci com as duas culturas. A brasileira principalmente na escola, e a japonesa dentro de casa, com as refeições, os cumprimentos, a religião e a hierarquia de um família japonesa. Sempre tive curiosidade da ascendencia japonesa, principalmente pq ela me diferenciava muito dos demais da escola, por isso sempre perguntei sobre como meus avós chegaram aqui, o que faziam por que vieram e também sempre quis aprender mais costumes e coisas relacionadas. Adoro a cultura japonesa no geral. Mas nem por isso abandono o país onde nasci, que é lindo por natureza e sempre me acolheu.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Não acho que exista uma identidade diferenciada. Acredito que como vivemos num país muito misturado todos devem ter alguma curiosidade sobre a ascendencia da família, onde ocorreu a mistura etc. Mas acredito que se o país não tivesse tantas pessoas diferentes, de tantos lugares aí sim teríamos com certeza uma identidade diferenciada. No Brasil eu acredito que não.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Acredito que não. Conheço mestiços que não conhece uma cultura ou outra. Também conheço mestiços que não se interessam pela sua ascendencia. Então acredito mais que dependa da pessoa. Da curiosidade dela de saber as origens e conhecer a cultura.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Na minha formação eu vejo muitas coisas que vem da cultura japonesa. Principalmente a parte de honra (acredito também que seja porque minha mãe também é assim), ser reservada e respeitar a hierarquia. Mas muitas coisas eu puxei da minha mãe que por sua vez puxou da sua mãe que era japonesa. Da cultura brasileira vejo que existem várias coisas afinal moro aqui e convivo com isso o dia inteiro. Mas o interessante é que não sei o que poderia citar da cultura brasileira... Talvez seja porque ela já é tão comum em todos os lugares e todas as pessoas que eu não percebo mais, e assim não consigo diferenciar...



6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Nunca morei no Japão. Mas morro de vontade de ir.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida

Culinária, em casa só usamos o shirogohan (arroz branco japonês). Sempre cumprimentamos quando acordamos, antes de ir dormir, quando chegamos em casa, antes de sair, antes de comer, depois de comer. Como arte em casa temos muitos mangás e animes também. Algumas séries e novelas japonesas também. Livros sobre a era Meiji, guerra e samurais também são muitos em casa (principalmente os meus).

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Eu estudo língua japonesa. Eu faço por escolha própria. Normalmente eu mesma que decido fazer e vejo onde e como e somente depois comunico a minha família. Ela nunca se opôs ao meu interesse por saber mais sobre a cultura e/ou os costumes. E por mais incrível que pareça eu sempre tive muito mais interesse sobre o assunto do que meus pais. (que não são mestiços)

9 Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Procuro me integrar à cultura sim. Principalmente visitando festivais japoneses e utilizando os costumes em casa. Sempre busco saber mais e ver como utilizar isso no meu dia a dia.

10- O que você fará questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Eu faço questão de passar a cultura aos meus filhos. Pois a mãe deles possui olhos puxados por um motivo rsrs...Não somente por isso mas também por tudo que aprendi. Acredito que saber a cultura, da onde eu vim, quais os costumes me tornou a pessoa que sou hoje e caso isso acrescente na vida dos meus filhos como acrescentou na minha porque não fazê-lo?? Mas não os obrigarei a saber tudo o

que sei ou se interessarem. Se eles gostarem irá ser muito bom e poderei ensinar muitas coisas, se não, não tem problema pois antes de tudo eles são brasileiros.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Na verdade eu não vejo nenhum estereótipo ligado a mim. Talvez somente no vestibular quando as pessoas queriam me fuzilar com os olhos rsrs... Mas nunca percebi nada de diferente, ou talvez não tenha dado muita bola. Sou muito confortável com minha ascendência e gosto muito dos meus olhos puxados. Acredito que nós temos o estereótipo de sermos inteligentes. O que não é verdade. Conheço muitas pessoas que são muito mais inteligentes do que eu. Além desse temos a fama de sermos preconceituosos com relação a namorados, o que eu não acredito que seja verdade. Muitas mestiças gostam de japoneses... É gosto, que nem quando perguntam a uma brasileira e ela responde que refere os fortes de olhos claros rsrs... No meu caso eu não vejo diferenças e nem tenho preferências por japoneses. Tanto que meu atual namorado é brasileiro.

12-Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Eu não vejo vantagens nem desvantagens. Não existe vantagem de ter nascido com uma determinada raça, pelo menos é o que eu acredito. Acho que principalmente no Brasil, onde as raças estão muito misturadas, não há determinadas vantagens em ser japonês, espanhol ou português. Temos muita mistura então acho que as pessoas não julgam mais umas as outras pela sua ascendência... Ou pelo menos não tentam...

13-Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla "obrigação" em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Acredito que não. Ser mestiço é ser como qualquer outra pessoa. Cada um tem a responsabilidade que aceita carregar. Antes de sermos mestiços ou qualquer outra coisa somos pessoas e somos aquilo que escolhemos, então se você achar que é uma obrigação será uma para você.

14- Complete: ser mestiço é Ser mestiço é ser normal.

**Karen Itabashi**

Mãe - brasileira / Pai - japonês, Campinas Minha ocupação - Analista de Rh  
Pai- Eng.Elétrico Mãe- não trabalha

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Mestiça, pois tenho dupla nacionalidade e apesar de não saber falar japonês tenho contato com meus familiares e cultura oriental.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Acredito que tem uma identidade diferenciada pela cultura japonesa que possui traços bem marcantes. O mestiço tem a chance de herdar características das duas raças e isso, o faz ser diferente.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

O mestiço é descendente de duas ou mais etnias ou raças diferentes, possuindo características herdadas das duas culturas.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Em relação à cultura japonesa sou uma pessoa organizada, sistemática, pontual e regrada. Identifico como traços da cultura brasileira minha comunicação e facilidade de relacionamento; sou extrovertida e vaidosa.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Morei no Japão em 1990, aos 3 anos de idade. Lá fiquei um ano com meus pais e irmão mais novo. Apesar de não me lembrar da época sei que sofri muitos preconceitos desde os pais das crianças até elas no período de aula.

Em 2004, voltei a passeio e para visitar meus familiares, pois toda família do meu pai mora no Japão e no ano, minha avó faleceu e fomos à missa. É uma cultura muito diferente e ainda existe muito preconceito com estrangeiros. Às vezes seguranças seguem por saber alguns comportamentos dos brasileiros que não são permitidos na cultura deles.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Antes de dormir me despeço dos meus pais com cumprimento utilizado na cultura japonesa; normalmente no jantar comemos comida japonesa; todos os dias meu pai coloca comida aos falecidos como agradecimento e proteção aos familiares.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Nunca fiz curso de culinária japonesa, apenas faço em casa com amigos e familiares por diversão.

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Sim, através da feira japonesa, contato com familiares, às vezes tento assistir NHK com meu pai e buscar informações na internet.

10- O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Tentarei transmitir a dedicação, história e o quanto os japoneses têm uma cultura forte e traços marcantes. Em relação à cultura brasileira tentarei sempre passar a alegria, o companheirismo que temos na nossa cultura e os sentimentos que possuímos e o quanto é importante demonstrá-los. Acredito que são duas culturas bem distintas, mas que se completam em todos os detalhes.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

As pessoas me identificam como “japa” e aplica como estereótipos a inteligência, a dedicação muitas vezes em excesso, que sabe mexer com qualquer tipo de tecnologia por ser descendente.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens? Não vejo vantagens e desvantagens em ser mestiço em relação aos outros.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação à preservação das culturas nas quais vive?

Não, apenas acredito que nossos pais ficariam felizes de darmos continuidade a cultura e etnia deles.

14- Complete: ser mestiço é ser exótico e completo.

### **Guilherme Shirabayashi**

24 anos, Campinas-SP (italiana- japonesa)

2- Não acredito, pode se dizer que alguns mestiços tenham devido à mistura de culturas e valores na criação, mas isso depende muito da vivência de cada um.

3- Obrigatoriamente não, existem casos e casos.

4- Da cultura japonesa acredito que a pontualidade e discrição. Da cultura brasileira acredito que a facilidade de comunicação.

5- Sim, estive no Japão em varias oportunidades tanto a passeio quanto a trabalho.O Japão é um país incrível, tudo por lá funciona, todos serviços são executados com excelência. As pessoas por lá são muito éticas e tem seus valores muitos bem definidos. Por outro lado o nível de cobrança é muito alto e o stress também. Minha experiência foi ótima, a cultura japonesa é muito interessante e me fez amadurecer muito tanto pessoalmente como profissionalmente.

6- Lembro de quadros que minha batchan me mostrava. E hoje em dia sou muito interessado em artes orientais por isso...

7- Não, como já havia dito não tenho muito contato com a minha família oriental.

8-Através de traços físicos, normalmente pensam que todo mestiço é super inteligente, bom de matemática ou que entende de eletrônicos.

9- Não vejo vantagens reais, mas às vezes os “estereótipos” aplicados da pergunta anterior podem ajudar em entrevistas de emprego, ou socialmente falando também. E não vejo nenhuma desvantagem.

10- Não, acho que todas as pessoas não só os mestiços tem a obrigação de manter seus valores éticos e sociais e culturais..Não acredito que todo mestiço necessariamente tenha essa mescla de culturas.

11- É ser como a maioria dos brasileiros, uma mistura.

### **Luis Augusto Hibino de Carvalho**

22 anos, pai brasileiro e mãe japonesa, nascido em São João da Boa Vista, Estudante, pais aposentados(pai engenheiro civil e mãe veterinaria.

2-Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Mestiço, mesmo todos dizendo que sou japonês. Uso muitas coisas japonesas só que fui criado mais tempo por meu pai, acho que está balanceado. hehe

3-Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Acredito que sim, pois ninguém diz que sou japonês 100%, tenho muitas manias e características que me entregam como mestiço.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Acredito que seja, afinal de contas é só um termo. =P

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira? (Cite exemplos)

Bom sempre uso coisas e japonês, como roupas, alguns produtos eletrônicos, culinária, assim como produtos audiovisuais, como animes e filmes. Bom da cultura brasileira gosto muito de músicas(mpb), e do esporte nacional, mesmo não praticando muito.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Não.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Os próprios "smiles" que uso no msn são originários do Japão, os animes que sempre assisto(como por exemplo antes de responder esse questionário estava assistindo). Gosto muito da culinária japonesa, e por isso vou em muitos restaurantes japoneses. Já na parte da música já não gosto muito. Já fiz kendo a algum tempo atrás, bem característico do Japão.

8-Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Bom como disse antes a culinária japonesa sempre foi minha favorita, e fiz kendo também que é uma luta(mas pode entrar na seção de esportes, né? hehe) mas isso não foi influência da minha família, sempre tive paixão por essas coisas mesmo.

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Na verdade não busco me integrar, buscar parece obrigação eheh, eu gosto de algumas coisas e corro atrás dessas coisas, mas não me forço a gostar de tudo da cultura.

10- O que você fará questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

Bom não sei se vou transmitir algo de propósito novamente. Com toda certeza algumas vezes levarei eles pra ver coisas de meu interesse e nessas coisas certeza que algumas serão da cultura japonesa e algumas da brasileira, mas não farei questão que eles assimilem essas coisas.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Bom as pessoas me identificam como mestiço mesmo, pelo menos a maioria delas. Mas grande parte, se não a maioria, dos estereótipos aplicados a imagem dos mestiços são de japoneses mesmo, pessoas quietas, calmas, boas de contas hehe, entre outras, e uma coisa legal de se observar é que muitas pessoas acham que eu sei desenhar, acredito que seja pelos olhos puxados mesmo, mesmo não vendo tanto sentido nisso.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Não sei se o que tenho pode ser considerado uma vantagem ou desvantagem, todas pessoas são diferentes, nunca me enturmei diferente por ser mestiço. Talvez a cidadania pode ser uma vantagem não é mesmo. hehe

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Não acredito nisso. Meu pai(brasileiro) gosta de alguns desenhos japoneses e minha mãe(japonesa) gosta de um bom churrasco, não vejo como posso ser "obrigado" em preservar nenhuma cultura, vou sempre gostar das coisas que me dão prazer, não vou tentar balancear meu lado brasileiro nem meu lado japonês.

14- Complete: ser mestiço é completamente normal. (não acho que é essa resposta que você procurava)

**Mariana Akemi Rezende Utsumi**

23 anos/ brasileira e sansei/ Lavras – MG/ economista / Pai: agrônomo; Mae: do lar

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê? Mestico. Pq tanto nos meus costumes quanto na minha aparência física tenho bastante das duas culturas.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê? Sim, pois apesar de os mestiços serem chamados de japoneses pelos brasileiros, ele é diferente dos japoneses “puros” que nascem no Brasil.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas? Sim

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira? Como a minha família não é muito tradicional, o mais marcante da cultura japonesa para mim é a personalidade. A personalidade e os costumes são mais brasileiros.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência. Não.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...) apenas a comida japonesa, presente no dia a dia. Coisas como temperar a salada com shoyo todos os dias.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria? Não

9- Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê? Não costumo ter muito contato com japoneses fora da família, por isso fica mais difícil.

10-O que você faz (fará) questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê? A cultura será predominantemente japonesa, pois serão criados aqui. Seria bom transmitir algo da cultura japonesa, mas não há nada específico de que faça questão.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços? Eu acho que os mestiços são mais bem vistos que os japoneses no Brasil. Pois não tem aquela figura tão rígida ligada aos mestiços.



12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?  
 Vantagem: geralmente a mistura sai bonita. Desvantagem: não sei. Talvez algum sofrimento com falta de identidade, não se sentir nem brasileiro nem japonês direito.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla “obrigação” em relação a preservação das culturas nas quais vive? Não. Tem mestiços que puxam mais para o lado japonês ou para o brasileiro. a preservação

14- Complete: ser mestiço é ser brasileiro, japonês, e ao mesmo tempo, nenhum dos dois.

### **Naila Maui Fukimoto**

28 anos, pais: japonês e argentino, São Paulo

2- Você se considera japonês, brasileiro ou mestiço? Por quê?

Mestiço. Porque eu sou bem misturada, eu acho.

3- Você acredita que o mestiço possui uma identidade diferenciada? Por quê?

Acredito que sim. O mestiço é misturado, tem várias etnias e culturas na sua criação, sendo assim, sua identidade e valores são diferentes.

4- O mestiço é, obrigatoriamente, uma mistura das duas culturas?

Acredito que sim.

5- Na sua formação pessoal, quais traços você identifica como traços da cultura japonesa? E da cultura brasileira?

Tem algumas coisas que minha batian me ensinou. Falar antes de comer, qdo chega em casa, algumas palavras que acabo usando no dia a dia. O distanciamento nas relações, acho que isso são traços da cultura japonesa. Da cultura brasileira, ou argentina, no caso, acaba sendo todo o resto. Ao mesmo tempo que, por ex, as relações são distantes, são também bem livres e sem regras. É uma grande mistura.

6- Já conheceu ou morou no Japão? Se sim, relate um pouco sobre a sua experiência.

Nunca fui ao Japão.

7- Relate momentos cotidianos ou dos quais você se lembra que ilustram referências japonesas na sua vida (expressões utilizadas no lar, culinária, gosto musical, arte, etc...)

Os cumprimentos em geral, bom dia, boa tarde e boa noite. Falar ohaiô e tadaimá, gotsossamá, gohan (pra tudo quanto é tipo de comida), futon, makurá, entre outros. Já para a arte e música não me lembro de nada.

8- Você adotou algum traço de personalidade ou prática (culinária, esportes, religião) da cultura japonesa? Se sim, o fez por influência familiar ou vontade própria?

Eu adoro a comida japonesa. Acho que a família teve um peso importante para isso, pq em festas e outras festividades sempre tinha comida japonesa, então passei a gostar muito.

E eu toco taiko, isso já não teve nenhuma influência da família. Foi por vontade própria mesmo que eu procurei.

9-Você busca se integrar à cultura japonesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Eu gosto de ir em festivais japoneses, tanabata matsuri, essas coisas. Acho que é o mínimo que eu faço para me integrar a cultura.

10- O que você faz questão de transmitir aos seus filhos sobre a cultura japonesa e sobre a cultura brasileira? Por quê?

O respeito das relações, a culinária, o taiko e a língua.

11- Como você sente que as pessoas o identificam e que tipo de estereótipos você acha que são aplicados à imagem dos mestiços?

Acho que as pessoas me identificam mais como japonesa. Quem conhece um pouco mais já consegue ver que eu sou mestiça. Sobre os mestiços, acho que não há tanto estereótipo quanto para os japoneses.

12- Na sua opinião, quais são as vantagens de ser mestiço? E as desvantagens?

Eu adoro ser mestiça. Não é nem um nem outro, é uma mistura. Acho que a desvantagem está em, por exemplo, como há essa mistura, algumas coisas podem não ser passadas, como a língua.

13- Você acha que o mestiço carrega consigo uma dupla "obrigação" em relação a preservação das culturas nas quais vive?

Não acho que seja uma "obrigação", não vejo assim. Vejo a coisa mais leve.

14-Complete: ser mestiço é: ser vira-lata!

**Yuri de Melo Portella**

21 anos, pai japoneis e mãe brasileira, Campinas-SP

2 - Me considero mestiço pois fui criado e vivenciei ambas as culturas (brasileira e japonesa).

3 - Sim, pois sua educação é diferenciada da educação brasileira, resultando assim, em uma identidade singular.

4 - Não, o mestiço, ao meu ver, é simplesmente aquele que possui um dos pais com ascendência japonesa e outro com origem brasileira.

5 - Pelo lado oriental a busca da "perfeição" em tudo que se faz, a organização e o orgulho. No lado brasileiro a afetuosidade, descontração e a abertura a novas experiências e pessoas.

6 - Não. (mas pretendo!)

7 - No cotidiano o que mais remete a cultura japonesa, sem dúvida, são as coisas ligadas à culinária. O costume de comer e fazer sukiaki nos fins de semana, sushi, sashimi, shiro gohan com furikaki, miso shiro, colocar ajinomoto e shoyu na salada e etc. Outro costume

dentro da minha família é chamar a minha avó paterna (que nasceu no Japão) de batchan.

8 - Eu adotei vários traços da cultura japonesa, mas por interesse próprio. Aproximadamente oito anos treino o Bujinkan Budo Taijutsu, a arte marcial japonesa tradicional, reconhecida pelo governo japonês como única difusora da cultura japonesa. Dentro deste período, entrei em contato não só com a cultura japonesa, mas também com suas origens, um pouco da língua, história recente e feudal, além de costumes/condutas típicas do povo japonês. Recentemente fiz também um curso de introdução à culinária japonesa (sushi, sashimi, e etc).

9 - Sim, de todas as formas possíveis! (como pode ser observado na resposta anterior)

10 - Da parte japonesa o respeito ao próximo e aos mais sábios (idosos), a organização, a vontade de fazer "bem feito", o orgulho e

se possível um pouco de arte marcial. Da parte brasileira a descontração, afetuosidade e tolerância.

11 - As pessoas sempre tendem a relacionar os mestiços como pessoas inteligentes, cultas ou por outro lado "nerds"/"CDF".

Por mim, ser identificado na rua como "japa" , "japoneis", "poneis" ou "japão" não me incomoda nem um pouco, pois gosto do fato de que podem reconhecer a minha origem só de olhar pra mim.

12 - As vantagens são inúmeras, pois acho que a cultura japonesa e brasileira se complementam de maneira extraordinária. Tal combinação deu tão certo que, hoje, o Brasil é a segunda maior colônia japonesa do mundo, perdendo apenas para o Japão. As desvantagens... acho que não tem! Você já ouviu falar: Eu odeio japoneis/mestiço! Eu não.

13 - Não. O mestiço deve apenas tentar carregar as partes boas das duas culturas, já que ambas possuem virtudes e defeitos.

14 - ser ímpar!

### **André Saito Guerreiro**

- Você veio de Campinas só pelo Festival?

R: É que eu jogo softball, então a gente veio jogar e para o Festival também.

- Como é a estrutura da sua família, como foi sua educação?

R: Foi uma coisa mais misturada. Eu cresci indo pro kaikan, tive essas experiências. Mas também tem a parte do meu pai, em casa a gente buscou não deixar ele de lado.

- Como é sua convivência com seus avós?

R: Antigamente eles falavam português comigo, mas depois que eu voltei do Japão, que aprendi o japonês, eles só falam japonês comigo.

- Por que você foi pro Japão?

R: Eu fui porque minha mãe me mandou (risos). Quando eu tinha 15 anos minha mãe perguntou se eu queria morar um tempo com o meu tio.

- E como você se sentia no Japão? Aqui, por exemplo, você tem cara de mestiço... e lá...

R: Lá eu era completamente estrangeiro!

- Como foi essa convivência?

R: Ah, no começo foi bem difícil. Eu fiquei numa região onde tinha muitos brasileiros, e eles pressupõem que você é de kassegui, que vai zuar... Eles tem preconceito. Eu gostaria de morar no Japão por um tempo, mas não gostaria de morar minha vida inteira. Eu sei que se eu morar no Japão, para sempre eu vou ser tratado como estrangeiro. Dá a impressão que eu nunca vou ser totalmente aceito lá.

- E os valores, coisas da sua educação mesmo, o que você vê de diferente?

R: Ah sim! Japonês valoriza muito a perseverança, é uma coisa muito forte na cultura. A hierarquia também, os japoneses respeitam muito isso.

- E aqui mesmo, no Brasil, você não acha que o mestiço sofre alguns tipos de rotulação?

R: As pessoas chama de japonês, mas querendo ou não, o jeito acaba sendo brasileiro, o pessoal aceita melhor.

- Se você tiver que se definir...

R: Se eu tiver que me definir eu digo que sou mestiço.

- Você acha que mestiço é uma identidade?

R: Acredito que sim.

- E por quê? O que você acha que tem de melhor em ser mestiço?

R: Eu convivi bem com os dois tipos de cultura e eu posso escolher o que eu acho melhor para mim.

- O que você escolheu de cada uma?

R: Eu valorizo muito os valores japoneses de perseverança, trabalho duro. Isso eu acho que vale muito para a minha vida. Agora, eu não gosto, por exemplo, da estrutura hierarquizada da cultura japonesa. Prefiro o jeito brasileiro.

- O que identifica você como mestiço?

R: Os traços culturais, as minhas experiências culturais foram bem japonesas. Eu sempre fui no kaikan, jogava baseball, tocava taikô...

- No seu ciclo de amizades, você percebe que tem mais descendentes ou para você não faz diferença?

R: Depende do meio... Meus amigos de soft, do kaikan, são mais japoneses. Agora meus amigos do curso, aí não tem diferença nenhuma.

- E de primeiro momento? Você sente mais empatia pelo descendente?

R: Acredito que sim. Se ela for descendente, você já tem uma ideia dos valores, da cultura. É mais fácil em geral o primeiro contato com um japonês.

### **Maira Yassumi Nakagami de Melo**

- Por que você entrou no grupo de taikô?

R: Eu tinha vindo aqui e eu vi um grupo e achei super legal, aí procurei um grupo perto da minha casa e achei esse.

- Na sua formação e educação, você teve influências da cultura japonesa?

R: Como eu moro com a minha avó, que é japonesa, ela ensina bastante as coisas. Eu sei um pouquinho de japonês, os costumes e tal... É também por isso que eu me interessei pelo taikô.

- Qual a maior diferença entre a cultura japonesa e a cultura brasileira?

R: Eu acho que os japoneses são bem mais disciplinados, bem mais determinados que o brasileiro. Por outro lado o brasileiro tem uma graça que o japonês não tem. Então é por isso que, quando a gente toca taikô, eu gosto de misturar as duas coisas, tanto o jeito certinho dos japoneses quanto o jeito mais animado do brasileiro.

- E é esse o melhor aspecto de ser mestiço?

R: É, acho que a gente tem um pouco dos dois. Eu sou bem disciplinada, mas também tenho um jeitinho brasileiro.

- Como você se identifica? Mestiço é uma identidade?

R: Com certeza, mestiço é uma identidade! Não tem mais japonês, mais brasileiro... Mestiço é a mistura. Eu não consigo me ver totalmente japonesa ou totalmente brasileira.

- O que o taikô influenciou na sua vida pessoal?

R: Eu amadureci muito, porque a gente precisa de muita dedicação, muita disciplina, muita determinação. Amadureci bastante mesmo. O taikô passa o que a gente sente, o que a gente é, mas não de maneira individual. O taikô mostra a força do grupo, como o grupo é importante... Mas ao mesmo tempo, cada um tem sua importância, pode colocar um toquinho da sua individualidade ali.

### **Mariana Naomi Kochi**

- Por que você se interessou em participar mais ativamente da cultura japonesa?

R: Eu gosto e acho muito importante... É muito bom valorizar a nossa cultura.

“Dentro de cada eu não tive muita influência da cultura japonesa, um pouco por causa dos meus avós. Nós até vamos na Liberdade, mas sou sempre eu quem tenho que puxar, sabe? Meus pais já largaram, são totalmente abasileirados. Acho que eu posso dizer que eu sou a mais japonesa de casa (risos)”

- Por que você gosta da cultura japonesa?

R: Eu acho importante valorizar... Eu gosto de ir atrás, ir nos festivais, na Liberdade... Tem só um evento que a minha família vai sempre, o resto eu vou sozinha. A arte japonesa é muito bonita, o taikô, a dança... Eu não faço, mas acho tudo muito bonito!

“Eu acho importante passar a cultura para o meu irmão, que é pequeno. Tento levar ele, mostrar as coisas, ele gosta bastante!”

- Como você se identifica entre japonesa, mestiça ou brasileira?

R: Mestiça! Querendo ou não, você é diferente das outras pessoas... Não é nem japonês, nem brasileiro. Mas eu acho legal, não queria ser outra coisa. Acho importante e bonita essa mistura. Eu sou feliz assim! (risos)

### **Alex Nakauti Kyomoto**

- Você está aqui hoje fazendo o quê?

R: Já faz 12 anos que eu ajudo aqui. Essa é a província da minha mãe, né... Por livre e espontânea vontade eu vim, ajudar, participar... Eu entendo que preciso dar continuidade àquilo que o meu bisavô já vinha fazendo, ajudando a província Yamaguti.

“Eu sou muito ligado a essa parte cultural do Japão, eu não ligo de ficar aqui, dois, três dias seguidos...”

- Por que você é tão ligado à cultura oriental?

R: Minha família sempre me colocou junto às coisas ligadas à cultura. Já fiz taikô e estudei em escola budista, sabe? Então a gente fica bem sintonizado com a cultura.

- Qual aspecto que você considera mais forte da cultura japonesa?

R: União. Os japoneses valorizam muito o todo, não são individualistas. Em um mundo que é todo mundo cada um por si e deus por todos, acho que isso é muito importante.

- Você se identifica mais com os japoneses, mestiços ou brasileiros?

R: Eu sou mestiço né. A gente não sofre preconceito, a não ser que você só seja japonês pela aparência. Eu me identifico como japonês, eu tenho sentimento japonês. É uma bagagem toda, é familiar, um pouco da escolha...

- Você vê algum ponto positivo e negativo em ser mestiço?

R: Ah, não vejo nada de negativo... Não tenho do que reclamar! (risos)

“Por ser mestiço acho que a gente pega um pouco dos dois, né. Você pega a bagagem cultural japonesa, o respeito, a união... Mas ao mesmo tempo você tem um pouco da cultura brasileira. Não dá pra falar que você é japonês, a maneira de se comportar é diferente. Por ser brasileiro, por ser essa mistura, a gente respeita as duas culturas, carrega as manias... Mas é meio difícil explicar. Do japonês eu escolhi a educação, do brasileiro, a simpatia (risos)”

### **Joana Matushita**

- Na sua criação, você teve influências orientais, como foi?

R: Não... meu pai é o caçula de sete irmãos, ele já pegou pouco da cultura, né. Então eu não tive muita influência não...

- E você faz karatê desde quando?

R: Pratico karatê desde os 15 anos. Na verdade eu queria fazer judô ou capoeira, queria alguma luta... 15 anos né, rebelde, quer batar em todo mundo (risos)! Mas o meu pai achou o judô muito corporal, muito agarra agarra... E eu que sou pequenininha, mulher, ele achou melhor não. Ele fez o karatê kyukushin por um



mês, quando ele tinha 7 anos. Mas olha só, ele achou violento e parou, fez um mês e saiu. Quando ele viu que eu tinha interesse, ele falou “ah, vai lá assistir uma aula”. Aí fui na Liberdade, assisti e adorei. Aí comecei a praticar. Na verdade eu fiz, parei por 3 anos, na época do vestibular, depois voltei. Então, de karatê mesmo, contando o tempo que eu parei, tenho 13 anos.

- O que você acha que o karatê influenciou na sua vida pessoal?

R: Superação... o karatê passa muito esses princípios de superação, de você saber dominar a sua mente... o corpo está cansado, mas você tem que ser mais forte, a mente mais forte.

- Como mestiça, o que você acha que tem de mais brasileiro e mais japonês na sua personalidade?

R: Olha, do japonês é a perseverança. Agora, do brasileiro, pernambucano ainda (risos), é o gênio.

- O mestiço tem uma identidade diferenciada?

R: O mestiço acaba tendo um pouco disso sim, da identidade. Eu sinto muito a influência nordestina em mim. A diferença física é visível né, mas de personalidade também tem sim. Eu sinto muito a influência nordestina, essa coisa do sangue quente, de gostar de samba, de gostar de forró... Claro, existem as exceções orientais, quem tem pai e mãe orientais são diferentes também.

- Você se considera uma mestiça 50/50 ou você acha que puxou mais algum lado?

R: Ah, fisicamente eu sou mais japonesa. Mas o temperamento é brasileiro.

- O que é o mestiço?

R: Mestiço é a mistura que deu samba.

“Uma salva de palmas à equipe do Karatê Kyukushin. Nós temos crianças, jovens, homens, mulheres, idosos... Ali no centro vocês podem ver essa senhora de cabelos grisalhos... Dona Tereza Sezaki, ela que tem 84 anos, veio lá de Mogi das Cruzes para fazer bonito aqui no Festival do Japão. Eles vão dar início com o Mokusô, a concentração: eles fecham os olhos e se concentram apenas no karatê. O aluno, o atleta, se desvencilha de tudo o que faz parte da vida particular dele, seja escola, trabalho, marido, esposa... Se concentrando apenas no karatê kyukushin. É uma das partes mais importantes, se não a mais importante da aula”

**Cássio Katsumi Shimono**

- O que você tem mais de japonês e de brasileiro?

R: Eu sou muito rigoroso, mas também sou bem extrovertido.

- Se você fosse se classificar, você diria que é mais japonês, mais brasileiro ou mestiço?

R: Eu sou mestiço. Mestiço é diferente pela miscigenação mesmo. Pelo fato de conhecer muito sobre as duas culturas, a gente não tem preconceito contra outras culturas, isso torna a pessoa mais aberta.

“Eu imagino que, conforme as gerações vão se passando, a gente vai aprendendo com os nossos pais e ensinando para os nossos filhos. Pelo fato de ter algo da cultura japonesa, isso influencia muito, principalmente pela rigorosidade da cultura, que eu acho muito importante”

“Meu pensamento é que a tendência é mesmo a miscigenação. Apesar disso, o que não se pode perder é a memória, a cultura. O sangue vai se perdendo. A função inicial dos eventos é preservar a cultura japonesa e divulgar. Os japoneses já conhecem a cultura, a gente quer mostrar a cultura japonesa para população em geral. É uma cultura exótica, muito além do sushi. É importante conhecer mais profundamente a cultura, as artes, a filosofia...”

“Na cultura japonesa, a educação é muito rigorosa, a ponto de levar pessoas até ao suicídio. Isso é um ponto até negativo, mas por ser excessivo. Aqui no Brasil é o contrário, a gente vê os pais muitos liberais... A mistura chega em um ponto, não perfeito, mas próximo do ideal, de ser rigoroso e dar uma liberdade maior, mas nada ao extremo”

**Sérgio Takenaka**

- Qual o ponto forte da cultura japonesa?

R: A disciplina, a educação. Tudo isso vem desde pequeno. A gente é brasileiro, aprende a estudar em escola pública, naquela bagunça. A formação do japonês, a educação, vem de berço: desde o jardim de infância até ele terminar o colegial. Ele

se forma um cidadão japonês no padrão que todos já sabem. Diferente do Brasil, que é indisciplinado, uma bagunça.

- O que você procura passar para a sua filha?

R: Incentivo muito a educação, a querer estudar, fazer os cursos que ela quer fazer. É necessário demais se dedicar aos estudos.

- O que você identifica em você como traço brasileiro e como traço japonês?

R: A simpatia, o jeito de conversar, contar piada, ser alegre e comunicativo, esse é o lado mais brasileiro. De gostar de um forrozinho, de um pagodinho, de uma cervejinha... Esse lado a gente não perde. Do lado japonês, são mais os valores: honestidade, fazer as coisas certinhas, disciplina, respeito, saber sua posição na hierarquia, respeitar os mais velhos, prezar o conhecimento... Dinheiro é vendaval, mas conhecimento ninguém tira.

“Dá muito orgulho ser reconhecido como japonês. Eles são um povo muito forte, que não deixa a peteca cair. O japonês veio para o Brasil para trabalhar na roça, no cultivo, sem dinheiro, e conseguiu conquistar espaços que nem o brasileiro conseguiu. Alguma coisa a gente carrega, é o exemplo que você dá: japonês trabalha muito, é dedicado”.

**ANEXO C**

## Fichamentos

FREYRE, G. **Casa Grande & senzala: introdução à história da sociedade.**

### IV - O Escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro

- “Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da velha negra que nos contou as primeiras histórias e bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.” (pág. 367);

- comparação entre o negro e o índio;

- discussão da superioridade/inferioridade das raças (principalmente negro e branco) (dor da pele, estatura, peso do crânio...);

- “...não há mineiro que possa viver sem nenhuma negra Mina, dizendo que só com elas têm fortuna”. Foram essas Minas e Fulas – africanas não só de peles mais clara, como mais próximas, em cultura e “domesticação” dos brancos – as mulheres preferidas, em zonas como Minas Gerais, de colonização escoteira, para “amigas”, “mancebas” e “caseiras” dos brancos. Ilustres famílias daquele Estado, que ainda hoje traem traços negróides, terão tido o seu começo nessa união de brancos com negras Minas, vindas da África como escravas, mas aqui elevadas à condição de “donas de casa. Outras terão permanecido escravas, ao mesmo tempo que amantes dos senhores brancos: ‘preferidas como mucamas e cozinheiras’” (pág. 389);

- A negra se apresentava com todas as qualidades para ser uma excelente companheira: sadia, engenhosa, sagaz, afetiva. “Em matéria de belo sexo era impossível que a mina não dominasse a situação”. (pág. 390);

- “Nas capitânicas do interior o mulatismo tornara-se um “mal necessário” (pág. 391);

- “Vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes – “bonitas de cara e corpo” e “com todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pagens, mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa – muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres” (pág. 397);
- “Quanto à maior crueldade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas. Confirmam-no os nossos cronistas. Os viajantes, o folclore, a tradição oral. Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhe cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiarias. O motivo, quase sempre, era ciúme do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher.” (pág. 421);

#### **V - O Escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)**

- “Só negros e moleques parecem ter sido barrados das primeiras escolas jesuítas. Negros e moleques retintos. Porque a favos dos pardos levantou-se no século XVII a voz del-Rei em um documento que honra a cultura portuguesa e deslustra o cristianismo dos jesuítas; é pena que todo esse tempo tenha se conservado inédito papel de tamanha significação (...)” (pág. 501);
- conta como era o ensino, os colégios, a autoridade dos professores e castigos;
- descreve a conduta das mulheres de classes mais altas (fidelidade, castigos);
- fala sobre a produção do açúcar;
- morte/testamentos/enterros;
- “O intercurso sexual de brancos dos melhores estoques – inclusive eclesiásticos, sem dúvida nenhuma, dos elementos mais seletos e eugênicos na formação

brasileira – com escravas negras e mulatas foi formidável. Resultou daí grossa multidão de filhos ilegítimos – mulatinhos criados muitas vezes com a prole ilegítima, dentro do liberal patriarcalismo das casas-grandes; outros à sombra dos engenhos de frades; ou então nas ‘rodas’ e orfanatos” (pág. 531);

- “Talvez em nenhum país católico tenham até hoje os filhos ilegítimos, particularmente os dos padres, recebido tratamento tão doce; ou crescido, em circunstâncias tão favoráveis.” (pág. 531);

- clero brasileiro e o sexo;

- “... mestiços resultaram quase sempre da união do melhor elemento masculino – os brancos afidalgados das casas-grandes – com o melhor elemento feminino das senzalas – as negras e mulatas mais bonitas, mais sadias e mais frescas” (pág. 536);

- “Em vez de considerar os filhos de senhores com escravas indivíduos socialmente perigosos, reunindo os vícios dos dois extremos, considera-os livres dos inconvenientes, tanto de uma classe quanto de outra; e constituindo um feliz meio-termo” (pág. 536);

- LER DA PÁGINA 536 E 537

- ESTUDADAM; PRECONCEITO; COMPLEXO DE INFERIORIDADE; SUPERIORIDADE: CULTURA, RIQUEZA, PODER;

**CARDOSO, R.C.L. Estrutura familiar e mobilidade social.**

### **Introdução**

- Questões sobre participação dos imigrantes japoneses na economia, especialmente agrícola (de vez em quando até mesmo monopolizando algumas produções como chá, pimenta e hortelã).

“O sucesso econômico e o rápido processo de ascensão social de uma população etnicamente tão distinta da nacional levantam problemas interessantes para uma análise antropológica, especialmente se levarmos em conta que, entre as grandes correntes migratórias, esta foi a mais recente. Por isso mesmo, seu estudo tem um interesse especial, pois permite avaliar um processo de integração ainda em curso.

Esta situação alia interesse teórico a vantagens práticas, uma vez que podemos recompor, na história de vida de uma geração, um modo particular de ingressar na sociedade brasileira.” (pág. 15)

- Imigração com proporções equilibradas e várias gerações: imigração em grupos familiares (política imigratória brasileira aplicada aos japoneses) – número semelhante de homens, mulheres e, em menor quantidade, crianças e idosos. (pág 18,19)

“Em 1958, esta população apresentava uma distribuição de idades bastante normal, evidenciando um alto grau de adaptação ao nosso País. A maioria desta população já é formada por descendentes de segunda, terceira ou quarta gerações, concentrada nos grupos de idade mais baixa. Isto demonstra a fixação definitiva dos japoneses, apesar dos propósitos de rápido retorno ao Japão com que iniciaram sua emigração” (pág. 20)

- Processo de urbanização dos imigrantes – inicialmente com trabalhos agrícolas. A urbanização se deu a partir dos descendentes, que ascenderam socialmente com grande velocidade em termos comparativos à situação nacional (pág. 22)

## **Capítulo 1 – A migração japonesa e as condições econômicas da agricultura paulista**

- Brasil com tradições migratórias (século XIX), mas com um *boom* visível no fluxo a partir de 1875: vinda de estrangeiros promovida pela substituição do trabalho escravo. Surto dirigido especialmente a São Paulo, lavouras de café.
- Colonato: pagamento por tarefa, participação mínima na produção, permissão de acesso à terra para plantações independentes.
- Dados sobre a agricultura e participação dos imigrantes japoneses em diversas produções (com domínio evidente em algumas) até pág. 52

## **Capítulo 2 – Mobilidade social e urbanização dos imigrantes japoneses**



“A rapidez do processo que transformou estes imigrantes de simples trabalhadores agrícolas em pequenos e médios proprietários rurais e urbanos indica sua alta mobilidade social” (pág. 53)

- Ingresso dos descendentes nas universidades e escolas técnicas, profissões liberais e cargos públicos (ascensão social rápida)
- 76% dos chefes de família que vieram ao Brasil antes da guerra têm uma história ocupacional de mudança de status progressivas
- Economia de expansão favoreceu os imigrantes japoneses nas zonas rurais de São Paulo
- Trajeto típico: colonos >> arrendatários >> proprietários >> urbanização
- Agricultura como meio de reunir capital. Permanência longa.
- Disposição para mudar constantemente. Espírito desbravador e inquieto. Valorização da educação (o que motiva a urbanização)
- A segunda geração é mais urbanizada, possui mais condições para estudar, dá continuidade ao processo de ascensão familiar.
- Profissionalização como objeto coletivo. Produção familiar.

### **Capítulo 3 – Descendência e cooperação econômica na sociedade japonesa**

- Por que os japoneses aproveitaram melhor as oportunidades abertas pela expansão econômica de 20 e 30?
  1. Organização familiar: cooperatividade para o trabalho e para a restrição do consumo
  2. Mais importância à “unidade corporativa” do que à “unidade de parentesco”: muitas famílias eram “compostas”

“O grupo econômico cooperativo é percebido como fundamental e utiliza, para seu funcionamento, a linguagem genealógica que permite criar os laços necessários para ordenar a cooperação” (pág. 83)

“A unidade familiar sempre teve grande importância econômica e social no Japão e se apresenta, à consciência de seus membros, como uma microsociedade dentro da qual o indivíduo será treinado para poder conviver, quando adulto, em grupos

mais amplos. Portanto, as virtudes capitais dos japoneses devem ser ensinadas e exercitadas em família para que se possa criar um bom cidadão” (pág. 104)

“Tradicionalmente, a família japonesa é apresentada como um sistema hierárquico, organizado a partir do princípio de descendência patrilinear, onde o primogênito do sexo masculino tem direito à herança e sucessão” (pág. 83)

“Para compreendermos o significado desta forma de transmissão de herança é preciso ter presente a importância da posição de *chefe de família*. Tradicionalmente, a principal unidade da organização social do Japão é o grupo doméstico.” (pág. 84)

BROWN, 1996 “O ideal predominante é de que o grupo doméstico e a linha de descendência devam continuar através de um número infinito de gerações. O ideal de que o filho mais velho seja o herdeiro e sucessor é secundário com relação a este primeiro valor mais abrangente. Se o filho mais velho sucedesse o pai e herdasse a propriedade familiar isso seria, em alguns casos, prejudicial à prosperidade das pessoas envolvidas. Em tais situações, se a continuidade e prosperidade do grupo residencial e da família podem ser garantidas mais adequadamente por outra pessoa que não o filho mais velho, as decisões que alteram a primogenitura masculina são obtidas com um mínimo de discordância” (pág. 87)

*Mukoyoshi*: o “filho mais velho” adotado

### 3. Sobre o culto aos antepassados (memória da família):

“Não se trata pois do culto de uma linhagem, mas de cerimônias que permitem ao grupo uma auto-identificação. Os antepassados não precisam ser muito numerosos nem muito antigos para representar o passado da família e sua permanência acima dos indivíduos. Pertencer a este grupo é fazer parte de sua continuidade pela aceitação de um nome que deve ser honrado” (pág. 93)

### 4. Autoridade dos pais, obediência e respeito aos mais velhos.

BENEDICT, 1946, pág.101 “A natureza absoluta desses deveres impostos pela posição hierárquica é que fundamenta o respeito filial oriental que coloca os pais em uma posição estratégica de autoridade sobre os filhos. Isto se expressa em termos de uma dívida em que os filhos são devedores e se esforçam por pagar. São, portanto, os filhos que devem esforçar-se duramente pela obediência e não, como

na Alemanha – outra nação onde a autoridade patriarcal é importante – onde os pais têm que esforçar-se por exigir e impor esta obediência” (pág. 105)

5. Não se pode pensar em termos de autoritarismo e submissão, porque não se trata de uma vontade individual, mas um entendimento grupal: “Existe uma representação ideológica que serve de base para pensar e agir em assuntos de família. Nela, um dos pontos de referência básicos é a autoridade paterna que deve centralizar e ordenar a vida familiar, fazendo-se responsável pela continuidade e honra do nome da linhagem. Neste quadro, as relações pais-filhos, onde a obediência é a virtude máxima, se apresentam sob forma de uma quase devoção. O pai deve impor-se aos demais, sem despotismo mas com segurança, criando uma aceitação inequívoca e respeitosa” (pág. 102)

6. Reconhecimento e retribuição eternos, gratidão. *Giri*: compulsão moral em se ajustar ao papel, “pagar as dívidas”, ser grato, retribuir. “O grupo familiar afirma assim sua continuidade através destes sentimentos básicos que estabelecem uma complexa teia de devedores e credores ligados por compromissos não saldáveis e portanto contínuos, que se prolongam e renovam através das gerações, desde os antepassados reconhecíveis até os descendentes próximos” (pág. 106)

7. Associações modernas são reflexo das organizações grupais japonesas que sempre existiram: família >>> conjunto de famílias. As famílias unidas realizavam cerimônias religiosas e formavam um grupo fiel e comprometido com as demais integrantes. Os japoneses sempre se unem em ajuda mútua para obter dinheiro, exemplo: nascimentos, falecimentos, mudanças, datas comemorativas e etc. “No Brasil, os imigrantes japoneses algumas vezes contavam com um relativo isolamento étnico que permitiu a utilização de variantes das formas associativas. Deste modo puderam exercer um grande controle sobre todos os membros de núcleos etnicamente homogêneos, obtendo resultados econômicos compensadores” (pág. 111)

#### **Capítulo 4 – A família japonesa no estado de São Paulo**

“Como a imigração foi familiar, estas unidades domésticas recém-chegadas ao Brasil, mantiveram-se relativamente isoladas, dispersas nas colônias das fazendas. Por isso mesmo, as relações dentro do grupo não sofreram muitas mudanças” (pág. 113)

- Os japoneses imigrantes abriram mão de diversas características pensando apenas no trabalho, no acúmulo de capital o quanto antes para saírem das precárias condições de vida nas fazendas de café: no início não festejavam, não conseguiam lidar com a nova estrutura de suas casas (terra batida, pau a pique), abdicaram da valorização da estética japonesa a favor do trabalho constante.

“Vemos portanto que, no primeiro período de vida no Brasil, os imigrantes se despojaram de muitos aspectos de sua vida tradicional que não podiam ser mantidos nas condições de isolamento e pobreza que caracterizavam o período colonato. É um período que se caracterizou pelo trabalho, e só por ele é lembrado” (pág. 117)

- Pode-se dizer que uma característica prevaleceu, frente à todas adversidades: a educação. Nem todos os filhos podiam estudar, mas os pais sempre mostravam a importância da escola a todos, igualmente. A presença de livros nas casas japonesas era comum e abundante.

“Um único motivo liberta do trabalho duro do campo: a escola” (pág. 117)

“Ainda agora, grande parte dos *nissei* aceita os valores que norteiam a educação japonesa tradicional e procura preservá-los em família. Entre estudantes universitários encontramos muitas referências aos aspectos positivos da educação japonesa” (pág. 119)

“A orientação da produção para o mercado, nos termos em que foi realizada com tanto sucesso pelos japoneses, não podia prescindir da escolarização. Mais ainda, exigia inclusive a comunicação em japonês. Compreende-se, portanto, o empenho demonstrado por tantos núcleos rurais em promover, simultaneamente, a frequência tanto à escola brasileira quanto à japonesa (*nitigo gakko*)” (pág. 136)

- O segundo período itinerário é caracterizado pela ascensão de colono para arrendatário ou pequeno proprietário. Nessa passagem, surge a noção de *colônia japonesa*.

“(...) o grupo familiar se abre para fora e sua decisão neste momento é sempre mediada por algum conterrâneo. Além do progresso econômico que esta nova situação significa é importante vê-la também como início de um novo círculo de relações onde o grupo familiar guarda sua importância, mas amplia-se através de outras formas de sociabilidade” (pág. 121)

“Como no Japão, os núcleos de imigrantes se formam ao redor das cooperativas ou outras associações menores (por exemplo: de jovens, de senhoras, de ajuda mútua, etc) e este é um dos caminhos pelos quais ganha consistência a ideia de Colônia Japonesa” (pág. 125)

“Entre imigrantes de outras nacionalidades não se documentou o funcionamento de associações com força que tiveram entre os japoneses e nem surgiram instituições econômicas tão importantes quanto suas cooperativas” (pág. 126)

- À medida que os imigrantes se integram ao país, as associações perdem importância econômica, mas se mantêm por valores culturais.

“Certamente a importância destas associações é menor quanto mais caminhe o processo de integração dos imigrantes à sociedade nacional, pois sua função instrumental e principalmente econômica é clara. Entretanto, não se esgota aí seu sentido, porque como centros aglutinadores criam, ao nível local, a consciência de pertencer a um grupo étnico” (pág. 126)

“A noção de Colônia Japonesa surge então como a representação desta situação ambígua, onde o universo cultural nipônico permite e dá limites de atuação às formas assistenciais que produzem, como resultado, a integração dos imigrantes ao sistema econômico nacional e, conseqüentemente, a diminuição desta identificação étnica” (pág. 130)

“Transferindo-se de uma região para outra, os imigrantes podem incorporar-se aos grupos já estabelecidos, graças a esta consciência de homogeneidade que torna as regiões como forma de repartir o que é pensado como comunidade” (pág. 133)

- A identificação através da aparência física remete à identificação da etnia, universo cultural e passado.

“Este sentimento de participação numa mesma coletividade prende-se às características físicas que permitem a identificação étnica tanto por parte do grupo quanto por parte da sociedade mais ampla. Neste sentido, a presença de marcas raciais cria uma conotação especial relativa ao grupo japonês frente aos outros contingentes de imigrantes, pois impõe uma delimitação clara do grupo da sociedade nacional, através da elaboração da categoria “japonês” com a qual os brasileiros identificam os membros desta etnia” (pág. 140)

- Citação das dicotomias entre os ascendentes (*issei* e *nissei*, por exemplo) mas sem aprofundamento.

“O *nissei* se distingue do *issei* não só como geração, mas também como um grupo que participa diversamente do universo cultural tradicional. Por isso, esta distinção geracional ocorre em todos os países que receberam imigrantes japoneses. Para levar mais longe a explicação desta dicotomia seria preciso analisar o significado, no Japão, das distinções entre gerações” (pág. 133)

## HISTÓRIA CULTURAL DO JAPÃO – UMA PERSPECTIVA

### I. INTRODUÇÃO

- “Se alguém tentasse caracterizá-la (a cultura japonesa) em poucas palavras, poderia dizer que ela revela uma preferência pela graça interna em oposição ao esplendor externo” (pág. 01);
- Harmonia emocional e estética. O senso de beleza é expressado em “miyabi” (elegância refinada), “mono aware” (pratos da natureza), “wabi”(gosto tranquilo), e “sabi” (simplicidade elegante. (pág. 01);
- “Ao invés de rejeitar outras culturas, o japonês preferiu adaptá-las à sua própria estrutura estética” (pág. 01);
- “os ancestrais da raça japonesa de hoje “japonesaram” culturas alheias (pág. 02);
- Breve resumo de cada capítulo;

## II. VIDA E CULTURA NA ERA ARCAICA

- 300.000 anos atrás até 6 D.C. (idade pré-histórica e proto-histórica);
- Era dividida em: Jomon (era neolítica), Yayoi (era do bronze), Períodos Kofun;
- Jomon – vasos de barro cinzento-avermelhado (extremamente variados, altamente ornamental, alto padrão de artesanato);
- Yayoi – vasos de barro (simplicidade);
- Períodos Kofun – gigantescos túmulos; casas com pisos elevados; “haniwa” cilindro de terracota encimados por varias formas representativas dispostos sobre o túmulo;

## III. ESTABELECIMENTO DE UM GOVERNO CENTRAL E ASSIMILAÇÃO DA CULTURA BUDISTA

- Séc 6 D.C. – introdução do budismo;
- Mistura de temor e exaltação: “os deuses eram considerados não somente protetores da humanidade e doadores de felicidade, mas também forças vingadoras e nefandas capazes de distribuir destruição quando as orações e rituais não eram satisfatórios” (pág. 21);
- Período Asuka, Período Hakuho, Período Tempyo; todos refletem atitudes mutantes do japonês em termos de sua receptividade das culturas coreanas e chinesas;
- “assimilação da cultura budista estrangeira, efetuada através do estudo das tradições chinesas dos sutras e de técnicas coreanas de escultura aprendidas na China” (pág. 22);
- A cultura chinesa e coreana tinha influências culturais da Índia e do Ocidente;
- Templos budistas = símbolo de poder e riqueza da classe governante;
- Muitos dos artistas da Asuka eram japoneses naturalizados de origem chinesa ou coreana, ou seus descendentes;

- “A assimilação da cultura Continental não significou, todavia, a adoção, concomitante, das filosofias e padrões fundamentais da estrutura social que eram as fontes geradoras daqueles produtos culturais (...) não causaram uma transformação importante na vida e pensamento japoneses, nem tampouco dominaram a cultura tradicional japonesa. Desenvolveu-se mais um tipo de coexistência mútua dos dois tipos de cultura.” (pág. 31);
- Artes da Era: arquitetura, escultura e pinturas budistas;

#### IV. UMA VIDA NA CORTE E DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA NACIONAL

- Clero e aristocracia, classes privilegiadas, fazem o máximo para adquirir terras públicas para sua propriedade privada;
- Aristocracia exerce influência dominante na área da cultura;
- Surgem duas novas seitas do budismo, trazidos da China por dois sacerdotes;
- Chefes religiosos se aproximam da aristocracia para crescimento de suas seitas;
- Arte budista começa a ser dominada pelo budismo esotérico. Características marcantes místicas que não eram encontradas na arte budista anterior;
- Período Jogan: pinturas religiosas de “mandala” e imagens de divindades individuais que eram usadas nos rituais exorcistas (material utilizado: madeira esculpida em um só bloco grande);
- Libertação da cultura japonesa da influência Continental. Japão isolado de influências externas e com uma aristocracia forte e fechada, sem contato com gente comum. A aristocracia vivia uma vida de extravagância e lazer, seu tempo era gasto na apreciação da arte, poesia e beleza da natureza;
- Cultura nativa floresce no campo da literatura, invenção do silabário “kana”; arquitetura; pintura; jardins;
- Culto Jodo X budismo esotérico (renascer no paraíso X desejos desse mundo);



- Construção de santuários;
- Escultura com vários blocos de madeira e produção em massa;
- “Emaki” pinturas em rolos de mão;

#### V. ASCENSÃO DA CLASSE GUERREIRA E A CULTURA MEDIEVAL

- Classe de guerreiros tira o poder da aristocracia;
- Popularidade dos retratos e rolos ilustrados;
- Tendência para o realismo “deu origem ao que pode ser chamado de uma cultura explicativa ou descritiva” (pág. 59);
- Pintura: “ênfase na individualidade e detalhe realística, com especial importância atribuída à descrição dos rostos” (pág. 59);
- Os rolos anteriores traziam narrativas, os de agora são ilustrativos, tornando-se mais populares, pois podem ser desfrutados até pelos analfabetos;
- Religião e guerra são frequentes temas da arte;
- Budismo rompe os laços com o Estado e declara a independência da religião;
- Budismo Zen: “era orientada mais no sentido da apreciação do que no culto” (pág. 64), amor pela natureza;
- Pinturas com tinta nanquim somente na cor preta abstrata e sugestiva;
- Novo estilo de jardinagem paisagística, “jardins feitos pelo homem que imitavam a natureza” (pág. 68);

#### VI. ARTE E SENSIBILIDADE JAPONESA NA ERA MODERNA E PRÉ-MODERNA

- Períodos Momoyama e Edo;
- Crescimento industrial, desenvolvimento econômico. “Formas antigas foram destruídas e a gente desenvolveu novas forças que produziram fenômenos culturais reais, novos e positivos” (pág. 70);
- Criatividade em novas áreas da vida;
- Aumenta contato com Ocidente;

- Construção de castelos que simbolizavam o poder. Havia torreões de vigia, era um centro de artes plásticas: arquitetura, escultura, artes industriais, pintura e jardinagem;
- “O castelo perdia, assim, frequentemente, seu caráter militar em favor de um cunho mais político e espiritual” (pág. 73);
- Os interiores dos castelos eram condecorados com murais de cores vivas, portas corrediças e biombos dobráveis;
- “Composição de grandes proporções era nova para a pintura japonês, que até então apreciara a elegância e a delicadeza simples” (pág. 74);
- Elevação do ato de beber chá ao nível de arte: cerimônia do chá. Decoração da sala de chá: sugere humilde habitação rural de telhado de palha, tranquilidade e ausência de ornamento;
- “Chefes guerreiros e comerciantes ricos exibiam grandeza e esplendor no exterior, mas dentro de seus corações desejavam viver uma atmosfera de calma e meditação. Se pode ser dito que a alma da cerimônia do chá está num ‘momento de alívio arrebatado à pressão do trabalho’” (pág. 77);
- Produção de utensílios de chá feitos de cerâmica, louça;
- Arte de arranjo floral também começa a prosperar. Já havia tradição de arranjos de flores em vasos, mas agora são dispostas de modo a aumentar a apreciação dos vasos. Flores na sala de chá: expressar pureza e simplicidade;
- Pintura de gênero: no início retratavam temas da vida ao ar livre, depois sob o teto, diminuindo o número de pessoas. O foco de interesse passa a ser a beleza física de jovens, e mais tarde passa a ser mulheres belas e solitárias;

## VII. DESENVOLVIMENTO DE CIDADES E O NASCIMENTO DE UMA CULTURA DE CIDADINOS

- Confucionismo: oposição de forças cósmicas, céu e terra, positivo e negativo;
- Nascimento do Kabuki: tipo de dança em que as mulheres vestiam vestimentas incomuns. Estilo livre, inovação e lascívia. Por fim as mulheres foram banidas dos palcos “devido à ameaça de tumulto provocada pela disputa de seus

favores entre a plateia masculina enquanto os homens mais velhos tornavam-se atores sérios” (pá. 84); As peças tratavam de história, lenda, vida contemporânea, temas de humanidade, lealdade e amor;

- Uma escola de arte instalou-se como oficial patrocinada pelo governo, como resultado, sua arte tornou-se banal. Os artistas que não eram empregados do governo reagem e surgem várias escolas de arte;
- Desenvolvimento de artes manuais tradicionais: artes visuais, caligrafia, cerâmica e LACA DOURADA;
- A cerâmica se desenvolveu muito com a cerimônia do chá, surge a porcelana decorada com esmalte, também surgem porcelanas decoradas com ouro e prata fundidos sobre a superfície;
- “Ukiyo-e” estilo de pintura produzida em massa, de fácil disponibilidade, em forma de xilogravuras e de baixos preços. Elevação do valor estético da pintura ao nível de autêntica arte popular;
- Retratos de atores e xilogravuras de paisagens;

#### VIII. O COLAPSO DA SOCIEDADE FEUDAL E A MODERNIZAÇÃO

- “A Restauração Meiji de 1868 preparou o terreno para a modernização japonesa por meio da qual uma variedade de novas forças que haviam tomado impulso sob o antigo sistema irrompeu abertamente” (pág. 99);
- Termina o isolamento e feudalismo. Japão penetra no mundo como nação moderna;
- Absorção de culturas modernas da Europa e América;
- Surge uma consciência nacionalista absoluta dirigida no sentido da unificação do povo tendo o imperador como governante;
- Capitalismo japonês começa a crescer;
- Após ruptura do isolamento nota-se superioridade da ciência e tecnologia do Ocidente, principalmente nos campos militar e médico;
- Surge então a política de “civilização e esclarecimento” para introduzir a tecnologia externa;

- Grande investimento na educação, que já era ótima. Aprendizado da leitura, escrita e aritmética (abaco), paralelamente muitos japoneses viajavam para estudar em países Ocidentais;
- “Cultura Ocidentalizada”: encontro de duas culturas, estímulo mútuo, mistura altamente desejável de formas;
- Poemas: waka e haiko entram em declínio , sofrem completa transformação;
- Artes visuais: mudança radical social e utilitarismo, pouca importância a arte tradicional. Esculturas: estilo realístico, pinturas: cores vivas, suaves, retira seu tema da mitologia japonesa;
- Música: tentativa para combinar os instrumentos;
- “No campo da ciência e tecnologia, o Japão não possuía uma tradição que se igualasse ao Ocidente, mas na área da arte, o Japão dispunha de uma tradição rica, madura, fadada a sobreviver e continuar a desenvolver com a assimilação da arte Ocidental.” (pág. 107);
- “A história da cultura japonesa é caracterizada pela aceitação audaz da assimilação de influências estrangeiras. Há um solo no Japão pronto para aceitar todos os tipos de cultura, mas o solo é condicionado pela natureza e por outras circunstâncias japonesas, que indicam os dois aspectos básicos que tem caracterizado há muito a cultura japonesa: adaptabilidade e multiplicidade.” (pág.108);

#### **HANDA, T. Memórias de um imigrante japonês.**

Descrição da hospedaria, casas dos colonos, primeiras dificuldades, trabalho, resistências, detalhes de cada fazenda,

#### **Capítulo 1 – A primeira leva de imigrantes do navio Kasato-Maru**

- 18 de junho de 1908 – porto de Santos (17 de junho)
- 12 mil milhas, 800 imigrantes, 51 dias

- “Contemplando comovidos o espetáculo os imigrantes tiveram a ilusão de que o povo brasileiro lhes estava dando boas vindas” (*Kasato-Maru*, Comissão de Festejos do Cinquentenário da Imigração Japonesa. Relato de Teijiro Suzuki)
- “Esta primeira leva de imigrantes japoneses entrou em nossa terra com bandeiras brasileiras de seda, feitas no Japão, e trazidas de propósito para nos serem amáveis” (Artigo de J. Amândio Sobral, *Correio Paulistano*, 25 de junho de 1908)
- “Se forem aplicados no trabalho e no costume e o temperamento do imigrante japonês, tão asseado, ordeiro e dócil, a riqueza paulista terá no japonês um elemento de produção que nada deixará a desejar” (Idem)

#### Capítulo 5 – Os primeiros imigrantes e suas experiências em fazendas de café

- “O trabalho, iniciado com o sinal dado pela buzina do fiscal, vai do nascer ao pôr-do-sol. As mulheres preparavam as marmitas à noite, para poder sair na manhã seguinte com os homens rumo ao local de trabalho. Não raro, tendo a ida contemplando as estrelas da madrugada, voltavam à noite pisando o chão iluminado pela lua” (p. 47)
- “O que significava a espera de 70 dias para um emigrante em busca de fortuna não podemos sequer imaginar nos dias de hoje. Com toda certeza, porém, devia acreditar que mesmo o ganho de um dia de trabalho decidiria seu próprio destino. Acrescente-se a isso a que tudo o contrariava, desde a alimentação a moradia, o clima e atmosfera da fazenda, até o jeitão de superioridade do administrador, a arrogância do fiscal e o mau atendimento do intérprete. Assim postas as coisas, podemos avaliar o sentimento dos imigrantes.” (p.51)
- Citação de Fukushima na p. 54

#### Capítulo 6 – A experiência dos primeiros imigrantes: sobre as razões do chamado fracasso

- “O que lhes passava na cabeça era: “Como posso aguentar na fazenda com semelhante ganho, depois de gastar um dinheirão para vir para um fim de mundo

como o Brasil?”. Acharam que vieram tapeados pela propaganda de emigração” (p. 75. Diário Nippak, 23 de junho de 1967, p.5 “Recordações de 59 anos passados”, de Nanju Teijiro Suzuki)

#### Capítulo 7 – A segunda leva de imigrantes do navio Ryojun-Maru

- Saída de Kobe em 4 de maio de 1910 e chegada em Santos em 28 de junho. 906 passageiros.
- “Os armazéns, ou vendas, que eram geridos por parentes dos fazendeiros com recursos destes, correspondiam por assim dizer a órgãos das fazendas, encarregados de tirar, indiretamente, o dinheiro dos colonos” (p.87)
- “No dia do primeiro pagamento mensal o armazém notificou aos imigrantes de que suspenderia a partir de então o fornecimento de mercadorias caso eles não entregassem todos os seus salários como parte do pagamento de suas dívidas. Comunicando essa exigência, o intérprete obteve a concordância de todos e fez com que todo o salário fosse pago pela fazenda diretamente ao armazém. Como se isso não bastasse, no dia seguinte o armazém declarou que a partir daquele dia só venderia a dinheiro aos japoneses. Foi o mesmo que dizer: “Trabalhe sem comer”. Que atitude desumana, essa de tomar todo o dinheiro e dizer que só venderia a dinheiro! Pressionados a esse extremo, aos imigrantes não restou alternativa senão fugir o mais depressa possível” (p. 89-90)
- “(...) os fazendeiros de então pareciam não pensar em como agir para que os empregados pudessem trabalhar em paz, só se interessavam em fazê-los trabalhar com salários baixos, extorquindo-lhes o máximo de rendimento. Isto nos dá a prova de que permaneceu forte nas fazendas a concepção de trabalho escravo herdada dos tempos da escravidão.” (p.92)

#### Capítulo 8 – O que era o imigrante? Os que ficaram à margem da modernização do Japão

- A partir da p.99 – motivos para a o imigrante sair do Japão

- “Para planejar o bem-estar de sua população, precisava o Japão enviar emigrantes para o exterior. O novo mundo, por sua vez, procurava expandir seus negócios através do recebimento de imigrantes. Foi diante de semelhante conjuntura mundial que um grande número de pessoas emigrou para o novo mundo”. (p.100)
- A partir p. 101 – Resumo da história moderna do Japão

#### Capítulo 9 – Um ano agrícola vivido na fazenda (entre 1912 e 1922)

- Hábitos na fazenda:
- p.112 – feitura do colchão
- p.113 – arroz
- p.114 – café
- p. 116 – roupas e lenha
- “O Brasil era um país de salários muito baixos, sendo quase impossível juntar dinheiro só com salários, principalmente com os da lavoura. Ficava-se sabendo, aliás, através de perguntas a quem quer que fosse ou mediante ingresso na melhor das fazendas, que não se ganhava dinheiro no primeiro ano. Mas o imigrante recém-chegado ao Brasil esforçava-se demais e sofria excessivamente desde o início”. (p. 117)
- p.158 – língua

#### Capítulo 10 – A vida dos imigrantes descrita em pesquisa de 1927

- “Em primeiro lugar, abundam relatos de que os imigrantes se surpreenderam com a realidade brasileira, bem diferente daquela contada pelos que os induziram a emigrar”. (p.209)
- “Todavia, o que perturbou muita gente foi o fato de, independentemente do tipo de trabalho, terem sido submetidos a um regime rígido. Em especial, parece que sofreram espiritualmente por terem que trabalhar sem compreender a língua, debaixo dos insultos de um fiscal estrangeiro”. (p.210)
- “As provações dos imigrantes novatos chegavam ao extremo quando a família inteira adoecia ou ficava acamada, ou quando morria uma criança ou seus

pais. Imagino que, sem poder chamar um médico de confiança e sem conseguir dar o tratamento e alimentação necessários, deverão ter sentido seus corações partir-se”. (p.212)

- “A queixa unânime de todos era a de que as dificuldades provinham do desconhecimento da língua. Nas localidades que não contaram com intérpretes, ou não se conseguia entender nada das ordens do fiscal ou surgiam questões por causa de mal-entendidos”. (p.212)

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.**

### **1) Alcance da história oral**

“Famílias, clubes, associações, grêmios de trabalho ou religiosos, escolas, bem como agrupamentos esportivos ou políticos, têm desenvolvido aptidão para o conhecimento de trajetórias pessoais e não-pessoais e, em muitos casos, feito isso por meio do registro de testemunhos de antigos e novos integrantes, de fundadores, militantes e pessoas afins.” (pág. 11)

“Além das histórias institucionais, casos há em que os indivíduos, isoladamente, colocam-se como narradores e suas histórias, assim, ganham significado tanto pela singularidade como pelo coletivo que representam. As histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada esoa nos grupos mais amplos que a explicam. Com isso relativiza-se a relevância de uma história oral valorizada do indivíduo como se ele fosse uma abstração.” (pág. 11)

“Algumas histórias pessoais ganham relevo à medida que expressam situações comuns aos grupos ou que sugerem aspectos importantes para o entendimento da sociedade mais ampla.” (pág. 12)

### **2) História oral e identidades**

“Em história oral, o coletivo não corresponde à soma dos particulares. A observância do indivíduo em sua unidade é básica para se formular o respeito à experiência individual, que justifica o trabalho com o depoimento. Nesse sentido, a história oral é sempre social” (pág. 18)



“A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem” (pág. 18)

“Em vez de pensar nos pontos comuns que marcam uma experiência coletiva, convém deixar claro que a história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto.” (pág. 19)

“Uma parte significativa dos trabalhos de história oral tem se ocupado das identidades. É exatamente por se equiparar histórias que têm pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social.” (pág. 19)

“Há mesmo uma tradição em se marcar determinadas identidades com base na combinação de gerações com outros fatores, como correntes imigratórias. Estudos como “A primeira geração de imigrantes italianos para São Paulo” ou “Os pioneiros japoneses no Brasil” encontram muitos aficionados.” (pág. 21)

“Outro recurso de uso comum nos estudos sobre as identidades tem sido as análises de família. Como grupo estruturado em vários fatores, as sociedades parentais ostentam aspectos comuns à análise identitária.” (pág. 21)

“A identidade cultural, em sentido amplo, é muito usada para assinalar debates sobre a resistência ou critérios de negociação de grupos expostos a situações estranhas ao meio original” (pág. 22)

“Modernamente, o conceito de “desidentidade” tem sido avaliado para a caracterização de espaços identitários que dialogam com a substituição de valores culturais. Notadamente, grupos imigratórios que estão expostos a outra cultura que os atraem tendem a viver processos duplos de identificação” (pág. 22)

“O trabalho com desidentidade equivale a reconhecer que a identidade é sempre dinâmica e não fixa. Assim, a desidentidade implica também uma reidentidade. A reorganização em novo processo identitário se mostra como fator aberto a se pensar a negociação entre valores antigos diante dos novos.” (pág.23)

### **3) O que é história oral?**

“Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (...) Mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam a vir usá-la de diferentes maneiras” (pág. 25)

### **4) História oral e memória**

“As relações entre memória e história têm provocado debates que andam adiantados em termos das diferenciações entre essas duas partes. Pode-se afirmar que, enquanto a história se baseia na oficialização das análises feitas sobre documentos grafados, a memória tem sido considerada um espaço no qual o repertório das versões sobre o passado ainda não ganhou a dimensão escrita” (pág. 93)

“Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem a fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas.” (pág. 94)

“É fundamental lembrar que, além dos fatores culturais que interferem na organização mnemônica, dois outros elementos devem ser considerados: a capacidade biológica das pessoas e os acontecimentos considerados marcos na trajetória individual, social ou coletiva. Velhice, debilidade física, circunstâncias traumáticas afetam diretamente as narrativas que se calçam na memória” (pág. 94)

**LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.**

#### **1 – Fronteiras ampliadas de um território em conformação**

- 1) Teoria Geral dos Sistemas – Ludwing Bertalanffy
  - a) Contextualização, Mapeamento (antecedentes e desdobramentos), Identificação da função
  - b) Sistema Jornalismo : subsistema livro-reportagem
- 2) Espaço da reportagem (Jornalismo Interpretativo) pág.24

- a) Final dos anos 10 – Supressa da 1ª GM, carência de ligação dos fatos
- b) MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. “O surgimento de um novo personagem da indústria cultural”. Cadernos de Jornalismo, Porto Alegre, Sindicato dos Jornalistas, 1977: “As linhas de *tempo* e *espaço* se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aquí*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente.”
- c) Jornalismo Interpretativo:
  - i) Contexto: visão clara, não pontual
  - ii) Antecedentes: resgatar no tempo as origens do fato
  - iii) Suporte especializado: sustentar a informação com entrevistas, pesquisa
  - iv) Projeção: inferir do passado e do presente, o possível desdobramento
  - v) Perfil: retrato completo, humanizado
- d) “No jornalismo interpretativo, assim como na Teoria Geral dos Sistemas, não se contenta com a relação simplista de causa e efeito. A base da procura de entendimento para os problemas transita pelo conceito de causalidade múltipla para um mesmo fenômeno, com conseqüente multiplicidade de efeitos.” (pág. 26)
- e) “Portanto, a reportagem, enquanto gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame.” (pág. 27)
- f) Características da reportagem (SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena):
  - i) Predominância da forma narrativa
  - ii) Humanização do relato
  - iii) Texto de natureza impressionista
  - iv) Objetividade dos fatos narrados
- 3) Conceito em progresso: livro reportagem

a) “O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido maior de ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores” (pág. 29)

b) Diferenciação do livro-reportagem em relação ao livro:

i) Quanto ao conteúdo: objeto de abordagem real, factual.

ii) Quanto ao tratamento: jornalístico

“O livro reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística, facilmente identificáveis na mensagem que veicula, mas naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento” (pág.30)

iii) Quanto à função: informar, orientar, explicar.

c) Atualidade (pág. 31)

“A atualidade, ideia de tempo presente, ganha diferentes contornos, de acordo com a periodicidade do veículo onde é inserida. Assim, no jornal diário o atual é o ocorrido ontem, há poucas horas. Na revista semanal, o atual é a ocorrência social que resiste um pouco mais de tempo, por causa maior impacto público e perdurar reverberando na sociedade (...) Nessa linha de raciocínio, encontramos no livro-reportagem uma extensão do tempo presente superior àquilo que percebemos nos periódicos” (pág. 31)

d) “(...) o livro reportagem agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo em seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade.” (pág. 33)

e) Classificações genéricas

i) Origem em grande reportagem

ii) Origem de concepção para livro

iii) Aproveita um fato de repercussão atual

iv) “O livro-reportagem que não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas” (pág. 34)

v) Função:

“A função aparente de informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias, figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade (...)” (pág 37)

“Na melhor da hipótese, o livro-reportagem apresenta-se como aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhes enriquecem a narrativa para um grau de informação superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo” (pág. 37)

“É tanto mais forte um fenômeno, para o interesse jornalístico, quanto mais círculos de importância presente desde o passado, quanto mais círculos de relevância presente surgindo para o futuro. Quanto mais intensiva é minha cobertura do tempo, na narrativa, mais posso ascender do nível da nota para a camada da notícia, desta para o patamar da reportagem e daí para a amplitude do livro-reportagem” (pág. 40)

“Assim, o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas” (pág.40)

4) Proposta de classificação (pág. 44)

a) Perfil: lado humano de uma personagem (grupo social, personifica uma realidade)

b) Depoimento: reconstitui evento relevante com depoimentos

c) Retrato: foco em uma região, setor social, segmento de atividade (objeto)

d) Ciência: divulgação científica

e) Ambiente: interesses ambientalistas

f) História: fato do passado com conexão no presente

- g) Nova consciência: temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas
- h) Instantâneo: fato recém-concluído
- i) Atualidade: ainda não concluídos
- j) Antologia: reunir reportagens agrupadas
- k) Denúncia: investigativo
- l) Ensaio: presença evidenciada do autor e suas opiniões
- m) Viagem: viagem como pretexto para retratar quadros sociológicos, históricos e humanos

## **2 – Os procedimentos da extensão**

1) Eixos de conexão do jornalismo com a sociedade: ATUALIDADE e periodicidade

a) Atualidade:

“Mas quando se trata da reportagem, cujo objetivo é o aprofundamento, a definição da pauta pelo critério de atualidade pode revelar-se inócua, na medida em que muitos dos fenômenos que nos afetam escapam de uma conformação atual, no sentido restrito, tendo muito mais a ver com uma concepção um pouco mais dilatada de tempo presente” (pág. 57)

BITONI, Dulcília: “Contemporaneidade pode englobar a formação de uma tendência cultural que já dura meio século ou um fato que aconteceu ontem. Contudo, não é por ter acontecido ontem, e por estar relacionado a uma série de contextos. Contemporaneidade, para uma nação, pode ser um conjunto de eventos que noutra eram antigos há 50 anos. Não é o tempo quem decide: a conformação cultural importa muito mais, como importam certas correspondências de situações. Por conseguinte, a contemporaneidade se define pela possibilidade de estabelecer relações pertinentes aos dias de hoje, pois não se trata de estabelecer uma ancoragem histórica, mas de descobrir o passado que ainda existe no presente” (pág. 57)

2) Conjunto de LIBERDADES (pág. 69):

- a) Temática: temas que não são alvos da imprensa cotidiana
- b) Angulação: obra de autor, pode ter presença marcante
- c) Fontes: abrir o leque para um coral de vozes variadas
- d) Temporal: sem se limitar pela presentificação
- e) Abordagem: não precisa girar em torno do acontecimento

“Pode vislumbrar um horizonte mais elevado, penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõe um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos” (pág. 71)

- f) Propósito: não precisa se ater a simples informação

### 3) Entrevistas (pág. 85)

- a) Entrevistas de compreensão: despreza espetacularização. Intuito de compreender.

“Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali, espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor.” (pág 85)

## 3 – Memória

- 1) Resgate de riquezas psicológicas e sociais.

“Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação encaminhada.” (pág. 99)

## 4 – A fruição pelo texto

“O jornalismo impresso cotidiano padece de outro mal, além das limitações na pauta e captação: o anacronismo de sua linguagem verbal, nas reportagens de profundidade. Imbricado a isso está a excessiva prisão do texto à informação, perdendo-se o alcance possível de um tratamento mais enriquecedor, de uma exploração que traga, ao leitor, gratificação superior.” (pág. 104)

“Quer dizer, a saída para a renovação estilística do jornalismo, para sua renovação enquanto força capaz de comunicar e permanecer, pelo menos no caso da grande reportagem, transita pela aproximação às formas narrativas das artes. O próprio texto jornalístico deve aumentar seu escopo enquanto narrativa, rejuvenescê-lo. Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequencia, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, através do espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato” (pág. 106)

“A narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se. Potencialmente, pode ao menos desencadear um processo de catarse parcial – mental, nesse caso, ou quiçá também emocional – no leitor, no sentido que lhe atribui Jacob Moreno ao recuperar o termo do teatro grego clássico e enriquecê-lo em suas formulações do teatro da espontaneidade. Tem a capacidade de conduzir o leitor por um processo de fruição, tal qual discute Umberto Eco.” (pág. 106)

“Ao articular um livro-reportagem, o autor inicia um jogo implícito com seu leitor. O jogo consiste em captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se - no momento da leitura ou nos momentos dos diversos segmentos que constituem a leitura de uma obra escrita – desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo particular contido, representativamente, no livro.” (pág. 110)

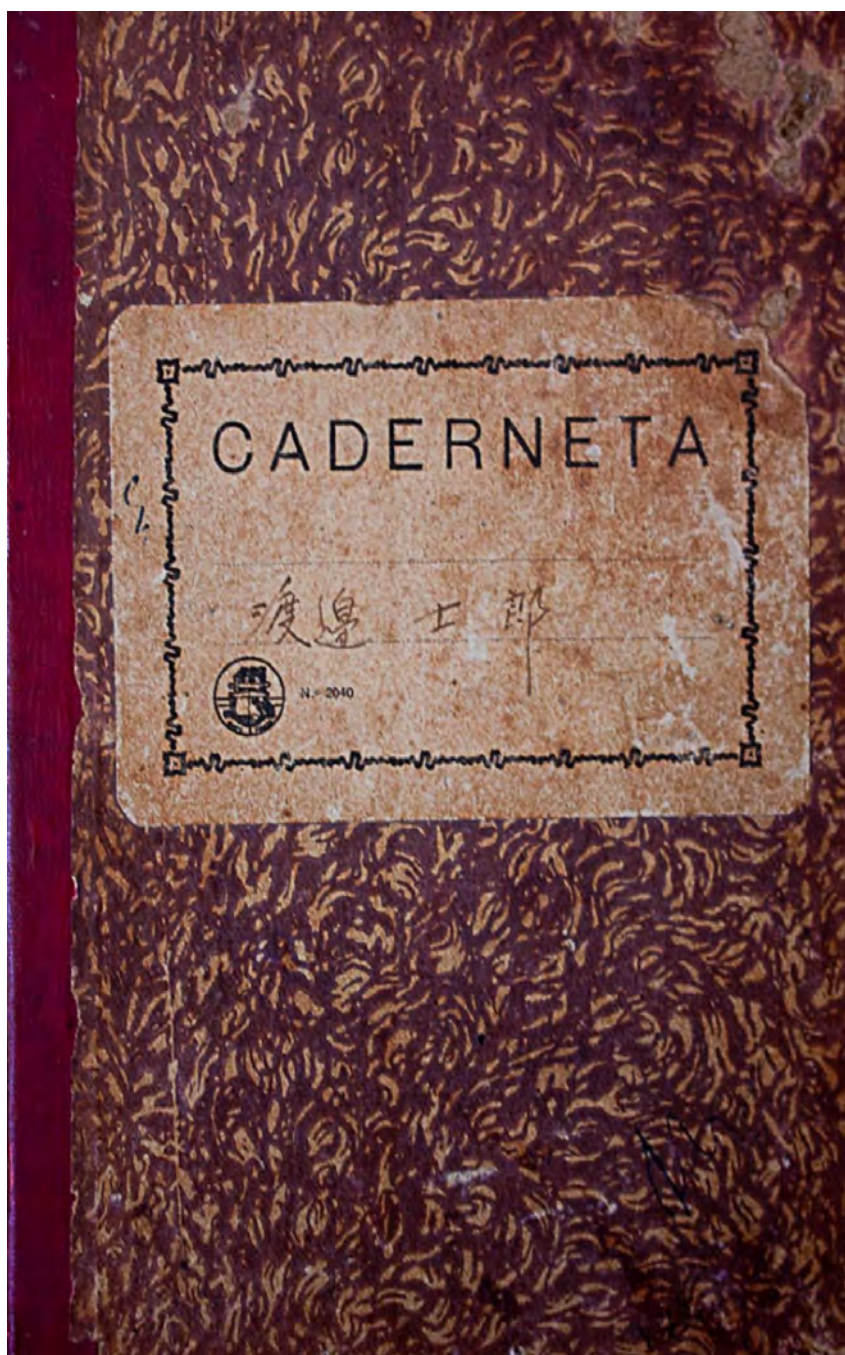
“Desse mundo representado [do livro-reportagem] emanam elementos que devem tocar o leitor, sensibilizá-lo, estimulá-lo, movê-lo para que a comunicação se dê. (...) Através de associações de ideias, memórias, identificações e projeções – nos níveis intelectual, emocional -, o leitor pode sentir-se algo familiarizado com o mundo contido no livro, inclinado a penetrá-lo.”



**ANEXO D**

## Documentos

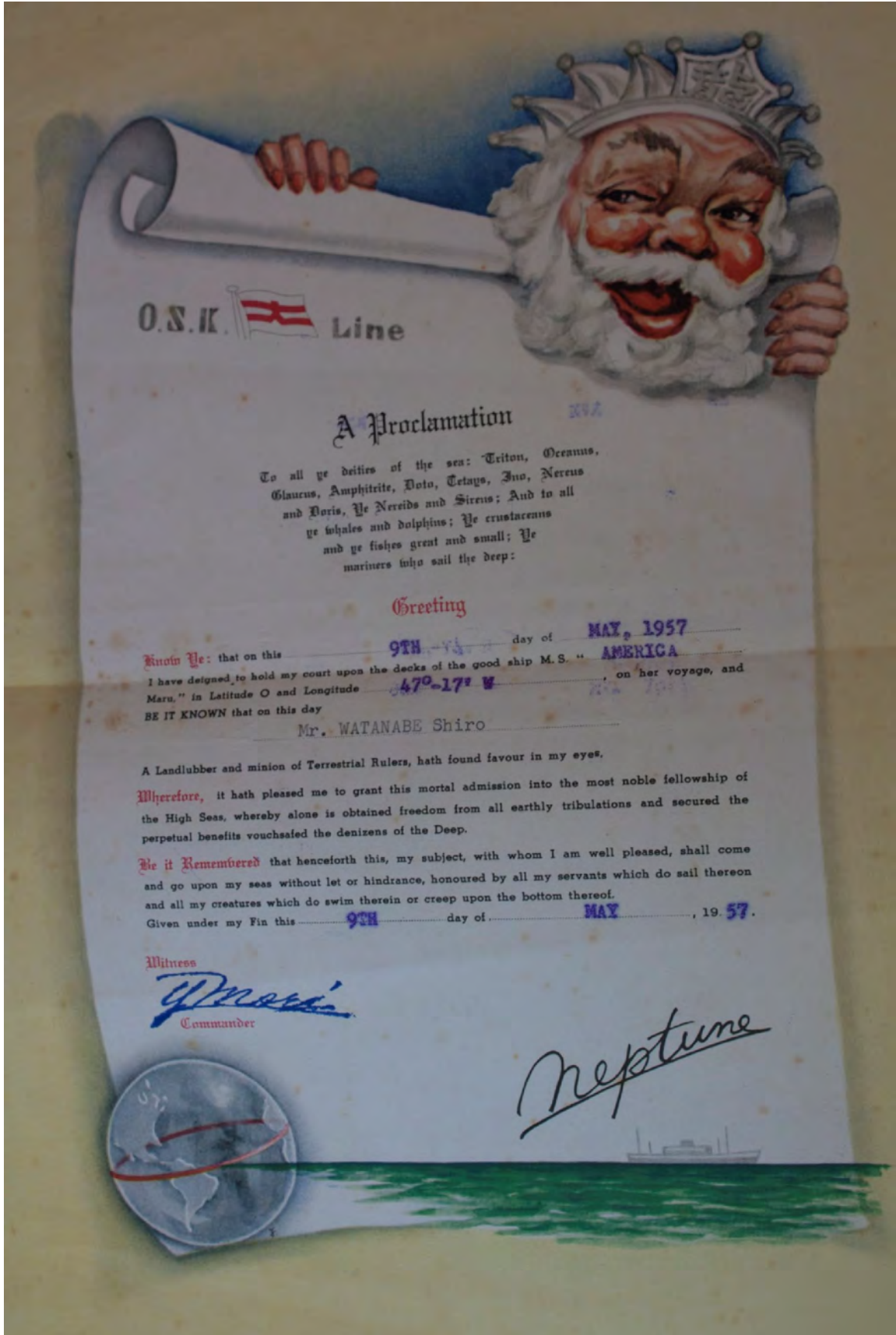
## Caderneta de Contabilidade



1965		DEVE	HAVÉR	1965		DEVE	HAVÉR
Noo.	1 Mila	2.650		Dgr	<del>Kato</del> Kato 13	20.000	
	1 Super / Elan	7.500			Compt. etc. de Kato	70.000	
	1 Super / Carlos	<del>7.500</del>			Recette / Kage	5.000	
	1 Shopper	1.700			Renné	16.000	
	1 Balda	2.200			"	8.100	
	2 Case	4.700			Carne	5.800	
	2 Sarcen	1.000			Canard	2.500	
	2 Renné	1.470			Pa	20.000	
	13 Matras	1.600			Cube	800	
	29 PC	260			Sulfon	400	
	Compt. Coop. N. 140	16.700			Biscuits	200	
	Rembte / Kage	1.800			Renné	6.000	
	1 Box	20.000			Kato 10 <sup>2</sup>	250.000	
		51.950			Pa	270	
			31.950		Carne	500	
					Biscuits	200	
					Mila	9.000	
						726.979	4.999

1957		DEVE	HAVÉR	1957		DEVE	HAVÉR
JUNHO				JULHO			
	10/10 1000 ANTERIOR		1.490	7/7 現金 RETRABA	2000		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/7 本代 REUSIA JABANG	5000		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/7 郵便 10/10 CELO	78 30		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/7 郵便 10/10 CELO	28 00		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/22 " " CELO	70 50		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/24 本代 CHERA	25 00		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/28 現金 RETRABA	300 00		
	10/10 1000 ANTERIOR			7/31 七月月報 SURABAYA		700,00	
Tadandia 30/6/1957				Tadandia 31/7/1957			
Pr. 合計 6500				合計 75420			
8290 8290				700,00 700,00			

Contrato de Navio



## Contrato de Imigração

Fls. 1

### CONTRATO DE TRABALHO PARA IMIGRANTES LAVRADORES JAPONESES INTRODUZIDOS PELA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COTIA

コチア産業組合取扱日本農業移民労務契約書

Na conformidade do acôrdo firmado em quatro de Janeiro de 1.955 pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização e a Cooperativa Agrícola de Cotia objetivando à introdução em território brasileiro de Imigrantes Japoneses, a serem localizados nas propriedades agrícolas dos associados da mesma Cooperativa, por instrumento particular de contrato de trabalho, o empregador associado, o imigrante e a Cooperativa, todos abaixo-assinados, têm justo e contratado as seguintes condições e cláusulas para o contrato de trabalho que mutuamente se obrigam a cumprir e a respeitar.

伯国連邦政府農務省移植民院, 1955年1月4日付約定許可書に依り, コチア産業組合が日本より移民を導入し, 之を組合員の農園に配置して就働せしめるに当り, 本私書労務契約書により, 下記署名者雇主及び移民並にコチア産業組合は, 労務契約に関する次の条件, 条項を取極め, 之れを相互に履行することを約定するものである。

#### A - DAS OBRIGAÇÕES DO ASSOCIADO EMPREGADOR

##### A 雇主の義務

Cláusula 1 - O associado empregador receberá o imigrante no Porto de Santos obrigando-se a pagar por sua conta as despesas de viagem até a sua propriedade, bem como, outras despesas adicionais decorrentes de tal viagem.

第1条 雇主は移民をサントス港に出迎え, 且つ自己の農場迄連行するための旅費其他附随の費用を自弁すること

Cláusula 2 - Quando houver impossibilidade de entendimento com o imigrante devido as dificuldades linguísticas, o empregador cooperado fica obrigado a empregar intérprete.

第2条 雇主は移民との間に言語不通の爲め意志の疏通が出来ない時は通訳者を雇用すること

Cláusula 3 - O empregador cooperado fornecerá morada gratuita ao imigrante e o salário deste nunca deverá ser inferior ao salário mínimo em vigor na região onde se instalar o imigrante.

第3条 雇主は移民に対し無料で住居を与え, 且つその労働の報酬として支給する賃銀はその地方に於ける最低賃銀を下ることは出来ない

segue

渡  
辺  
士  
郎  
市  
川  
貞  
昭

13



Fls. I-v

Cláusula 4 - O empregador cooperado manterá um livro próprio no qual serão escriturados em contas correntes todos os créditos e débitos do empregado, inclusive dias de trabalho, salário, remuneração e mercadorias fornecidas. Ao imigrante deverá ser entregue mediante anotação uma caderneta que deverá ser anotada de acôrdo com o referido livro que todos os anos, 31 de Dezembro, deverá ser apresentado à Cooperativa Agrícola de Cotia.

第 4 条 雇主は移民の就働日数、賃銀、報酬及び支給した物品、其の他相互間の勘定を明記する帳簿を備え、その写を通帳として移民に渡し置き、毎年 12 月末日附でコチア産業組合に提出すること

Cláusula 5- As mercadorias fornecidas pelo empregador associado ao imigrante o serão pelo custo de aquisição acrescido das despesas de transporte, não podendo o empregador nelas auferir lucros.

第 5 条 雇主が移民に支給した物品は、購入価格に運賃を加えた実費としそれ以上の利鞘をとることは出来ない

Cláusula 6 - O empregador cooperado deverá atribuir trabalho ao imigrante todos os dias úteis. No caso do haver interrupção de trabalho por conveniência do empregador, este ficará obrigado ao pagamento do salário estabelecido para o imigrante.

第 6 条 雇主は移民に対し公休日を除く外、就働すべき作業を与えなければならない  
若し雇主の都合により労働が中止された時は規定の賃銀を支払はなければならない

Cláusula 7 - No caso de o imigrante trabalhar no regime salarial, o empregador cooperado responsabilizar-se-á pelo pagamento das despesas decorrentes do tratamento médico e restabelecimento do imigrante acidentado no trabalho, ou cuja saúde venha a ser afetada em razão de trabalho.

第 7 条 移民が給料制で就働する場合、作業中に負傷し又は作業の爲め健康を害したときは雇主の負担で治療し且つ休業中の賃銀を支払はなければならない

Cláusula 8 - Quando o empregador cooperado desejar dispensar o imigrante antes do término do prazo do contrato, deverá fazer comunicação prévia com 30 dias de antecedência ao imigrante e à Cooperativa Agrícola de Cotia.

第 8 条 雇主が契約期間内に移民を解雇せんとする時は、30 日前移民及びコチア産業組合に通告しなければならない

## B - DAS CONDIÇÕES E OBRIGAÇÕES DO IMIGRANTE

### B 移民の資格と義務

Cláusula 9 - O imigrante que viajar para o Brasil de conformidade com os termos do presente contrato deverá apresentar as seguintes condições:

第 9 条 本契約に依つて渡伯する移民は次の条件と資格を具えていなければならない



Fls. 2

- 1) Não ser portador de moléstia contagiosa e apresentar condições de saúde para suportar os trabalhos agrícolas;
  - 1) 伝染性の病気を有せず身体健康にして農業労働に堪え得ること
- 2) Ser solteiro com mais de 18 anos e menos de 40 anos de idade, ou família que tenha como chefe um homem com menos de 40 anos de idade. Neste último caso, mais da metade dos membros da família deverão ser capazes de trabalhar na lavoura e não poderá ter mais de duas pessoas com idade superior de 60 anos.
  - 2) 18才以上40才以下の独身者, 又は40才以下の男子を家長とする家族  
但し家族中半数以上が農業に従事し得る者であつて, 60才以上の高齢者を2人以上含まないこと
- 3) Dedicar-se à lavoura e ter experiência nos trabalhos agrícolas. Os técnicos deverão ser formados em cursos agrícolas de grau médio ou superior e possuidores de bons conhecimentos técnicos agrícolas.
  - 3) 現在農業に従事してあり農業労働に経験があること  
技術者は中等程度以上の農学校を卒業し農業技術に堪能な者
- 4) Não professar ideologias contrárias ao regime social económico e político em vigor no Brasil.
  - 4) ブラジルの社会, 経済, 政治機構に相反する思想を持たない者

Cláusula 10 - O imigrante que vier para o Brasil de acôrdo com os termos do presente contrato, deverá apresentar atestado médico com referência às exigências do item 1, e com referência aos itens 3 e 4, atestado do prefeito da cidade, vila ou aldeia onde residir e uma apresentação da sociedade cooperativa agrícola local.

第10条 本契約に依つて渡伯する者は, 前条1に対しては医師の証明を, 2, 3, 4に対しては移民現住地市町村長の証明と農業協同組合の推薦状を提出しなければならない

Cláusula 11 - O imigrante deverá, após sua chegada ao Brasil, permanecer no mínimo quatro anos na propriedade agrícola indicada pela Cooperativa Agrícola de Cotia.

第11条 移民は渡伯後最低4カ年間, コチア産業組合の指示する農場で就働しなければならない

Cláusula 12 - O imigrante deverá trabalhar no serviço em que o empregador cooperado lhe ordenar na propriedade onde tenha sido localizado. Todavia, quando, por motivo de força maior, tiver que deixar a propriedade, deverá avisar o empregador cooperado e a Cooperativa Agrícola de Cotia, trinta dias antes e obter o seu consentimento.

第12条 移民に配置された農場に於て雇主が命ずる労働に従事しなければならない

但し止むを得ない事態が発生し, 退耕を余儀なくされる場合は, 30日前に雇主並にコチア産業組合に提議し, その同意を得なくてはならない

Fls. 2-v

Cláusula 13 - O imigrante deverá reembolsar as passagens e outras despesas de viagem até o Porto de Santos. No caso de receber empréstimos das despesas de viagem da parte do Governo ou da Cooperativa Agrícola de Cotia, o imigrante deverá resgatar o empréstimo, mediante depósitos de parte de seu salário ou remuneração.

第 13 条 移民はサントス港へ到着する迄の旅費其の他の経費を自弁するものとす

但し、その渡航費用を政府又はコチア産業組合或は雇主より貸付を受けたる時は、給料又は報酬中より積立て償還しなければならない

Cláusula 14 - O imigrante deverá apresentar para o presente contrato no minimo dois fiadores no Pais de origem.

第 14 条 移民はその本国に於て 2 人以上の保証人を立てなければならない

Cláusula 15 - Os fiadores a que se refere a cláusula anterior não sómente se responsabilizarão pelo resgate da dívida mencionada na cláusula 13, como no caso de o imigrante, após a sua chegada ao Brasil, violar o presente contrato e recusar-se a trabalhar na lavoura, ou ainda praticar atos criminosos, causando prejuizos ao empregador cooperado ou a Cooperativa Agrícola de Cotia, terão a responsabilidade de indenizá-los.

第 15 条 前条保証人は第 13 条貸付金償還に対する保証責任を負うのみならず、移民が渡伯後本約定に違反し、農業労働を拒否し又は刑法上の犯罪を犯して雇主並にコチア産業組合に損害を与えた時はそれを賠償する義務を負うものである

## C - DAS DISPOSIÇÕES ADICIONAIS

### C 附 則

Cláusula 16- De acôrdo com o grau de aperfeiçoamento e capacidade de trabalho do imigrante, objetivando aumentar os lucros recíprocos do empregador cooperado e do imigrante, poderão as duas partes firmar outro contrato além do presente contrato, por consentimento mútuo, para empreitada, cultivo de terra pelo sistema percentual, sistema de participação nos lucros, arrendamento etc. Todavia, no caso de firmar novo contrato, será necessário obter autorização da Cooperativa Agrícola de Cotia, não podendo outrossim, a remuneração do empregado ser inferior aos limites de salário referidos na cláusula 3.

第 16 条 移民の労働熟練とその能力に依り、雇主と移民相互の利益を増進するため、合意の上請負、歩合作、分益制、借地等により本契約と別に協定を結ぶことが出来る

但し、新に契約を結ぶ場合はコチア産業組合の承認を得るを要し、且つ第 3 条の日給制賃銀を下らない範囲でなくてはならない

Cláusula 17 - No caso de imigrantes ferir-se ou adoecer na vigência do presente contrato ficando impossibilitado de trabalhar na lavoura, será empregado em outro serviço apropriado, a critério da Cooperativa Agrícola de Cotia, e no caso em que também isso seja impossível, será repatriado por conta da Cooperativa Agrícola de Cotia.

segue





Fls. 3

第 17 条 移民が本契約期間中に於て負傷し、又は病気の故を以つて到底農業に従事することが出来なくなつた時は、コチア産業組合の認むる処により、他の適当な労務につかしめるか、又それも不可能な場合は、コチア産業組合の負担で本国へ送還する

Cláusula 18 - No caso de pendência entre o empregador associado e o imigrante, a Cooperativa Agrícola de Cotia servirá de mediadora e se não se chegar a uma solução que satisfaça a ambas as partes, a pendência será resolvida, por arbitramento de acôrdo com as leis brasileiras.

第 18 条 雇主と移民間に係争が起きた時はコチア産業組合がその調停に立ち、若し双方が満足する解決に到達し得ない場合はブラジル諸法規に依つて律せられる

Cláusula 19 - O presente contrato será assinado antes da partida do imigrante do Japão, sendo assinado pelo próprio imigrante e sendo o empregador cooperado representado pela Cooperativa Agrícola de Cotia, cujo agente no Japão assinará o presente.

第 19 条 本契約は移民の出国前に締結されるものであつて、移民自身が署名し、雇主側はコチア産業組合がその代理権を有し、在日本業務代理人が署名するものとする

Cláusula 20 - O presente contrato poderá ser acrescido de cláusulas adicionais, omissas, após a chegada do imigrante ao Brasil, de comum acôrdo entre o imigrante e o empregador cooperado de um lado e, de outro lado, a Cooperativa Agrícola de Cotia.

第 20 条 本契約は移民到着後、移民と雇主がコチア産業組合と合議の上不備の点を補足し、且つ細目の取決めをすることが出来る

Data:

1957 年 3 月 / 日

Imigrante:

Aldeia (vila) de Kajikawa..... Município de Kitakanbara  
Província de Niigata..... Japão.  
Nome: Shirō Watanabe Assinatura Shirō Watanabe

右

移民 日本国 新潟 県 北蒲原 郡 加治川 町 村  
氏 名 日本字 渡 辺 士 郎  
ローマ字 Shirō Watanabe  
署 名 渡 辺 士 郎


Fiador: Residência Kajikawa-mura Kitakanbaragun Niigata-ken  
Nome Junichi Watanabe Assinatura Junichi Watanabe

保証人 住 所 新潟 県 北蒲原 郡 加治川 村  
氏 名 渡 辺 純 一  
署 名 渡 辺 純 一


segue




Fis. 3-v

Fiador: Residência Kajikawa-mura Kitabarbara-gun Niigata-ken  
 Nome Miyoshi Watanabe Assinatura Miyoshi Watanabe  
 保証人 住所 新潟縣 北蒲原郡 加治川町  
 氏名 渡辺 ミヨシ  
 署名 渡辺 ミヨシ 


Representante do Cooperado empregador e Cooperativa Agrícola de Cotia.

Residência 56 Nakadori, Suginami-ku, Tokyo, Japan.  
 Nome Yasushi Hasumi Assinatura Yasushi Hasumi  
 雇主並にコチア産業組合代理者  
 受任者署名 荷見 安 

Testemunhas:

Residência 52, 2-chome, Denenchofu, Chota-ku, Tokyo, Japan.  
 Nome Kiyoshi Otsuka Assinatura Kiyoshi Otsuka  
 立会人 住所 日本、東京都大田区田園調布二ノ六二  
 氏名 大塚 潔  
 署名 大塚 潔 

Testemunhas:

Residência 1246 Matsunoki-machi, Suginami-ku, Tokyo, Japan.  
 Nome Yoshiro Ishii Assinatura Yoshiro Ishii  
 立会人 住所 日本、東京都杉並区松ノ木町1246  
 氏名 石井 好郎  
 署名 石井 好郎 

本職は 1955 年 1 月 28 日当事者の依頼により左記ポルトガル語文書の日本語訳をする

伯国サンパウロ州商業登記所宣誓

公証職訳人 山城ジョゼー

*Sadaaki Adhikawa*

